Títulos dos Originais: Φαῖδρος ; Ἀλκιβιάδης α΄ ; Ἀλκιβιάδης β΄

Introdução I e II por Carlos Alberto Nunes
Traduzido do Grego (Alcibíades I e II) por Carlos Alberto Nunes

Edição por Gustavo Galdini

Sumário

Fedro 1
Prólogo 1
O discurso de Lísias sobre o amor 7
Crítica de Sócrates 11
O primeiro discurso de Sócrates 15
A voz demoníaca 22
Elogio do amor 25
Necessidade de saber o que é a alma 27
O mito da parelha alada 28
O céu platônico 30
A ideia e a reminiscência 32
As alternativas do amor 37
O mito das cigarras 44
A oratória 48
O método dialético 56
Condições da retórica 63
Verdade e probabilidade 68
A invenção da escrita 72
Resumo 77
Epílogo - A prece do sábio 81
Alcibíades I 82
Introdução I 82
I 100
II 101
III 103
IV 105
V 109

VI 113
VII 116
VIII 119
IX 121
X 124
XI 128
XII 132
XIII 135
XIV 138
XV 140
XVI 142
XVII 144
XVIII 146
XIX 148
XX 151
XXI 153
XXII 157
XXIII 159
XXIV 163
XXV 166
XXVI 170
XXVII 172
XXVIII 174
XXIX 177
XXX 179
XXXI 182
Alcibíades II 185
Introdução II 185
I 185
II 186
III 189

IV 192
V 193
VI 195
VII 197
VIII 198
IX 201
X 203
XI 205
XII 206
XIII 207
XIV 209

Fedro

Prólogo

Sócrates – Meu caro Fedro! Para onde vais e de onde vens?

Fedro – Venho, caro Sócrates, da casa de Lísias, o filho de Céfalo. Vou dar um passeio além dos muros da capital. Estive lá sentado durante muitas horas, desde a madrugada. Obedecendo à prescrição do nosso amigo Acumeno, costumo passear fora dos muros, pois diz ele que tais passeios são deveras salutares.

Sócrates – Acumeno tem razão, meu caro. Mas, pelo que me dizes, Lísias se encontra na capital.

Fedro – Sim, está em casa de Epicrates, que mora no edifício de Mórico, próximo ao templo do Olimpo.

Sócrates – Qual foi o assunto da vossa conversa? Porventura Lísias vos terá banqueteado com os seus discursos?

Fedro – Eu te contarei, se tiveres tempo para me acompanhar.

Sócrates – Por certo! Não te parece que eu, como diz Píndaro, seja homem para sacrificar a qualquer outra coisa o cuidado de ouvir-te narrar a conversa que tiveste com Lísias?

Fedro – A caminho, então!

Sócrates – Fala.

Fedro – Acharás muito interessante o que vou dizer, Sócrates, pois

é assunto da tua predileção. Falávamos sobre o amor, e não sei como se originou tal palestra. Acontece que Lísias escreveu um discurso semelhante aos que se dirigem a um rapaz bonito. Não tinha, todavia, a forma de uma carta de amante. É justamente isso que o discurso tem de mais notável, pois Lísias sustenta que antes se devem prestar favores a quem não ama do que a um apaixonado.

Sócrates – Que homem perspicaz! Ele devia ter escrito que é melhor ser complacente com o pobre do que com o rico, com os mais velhos do que com os mais moços, e de modo geral com todos aqueles que padecem de misérias semelhantes às minhas e às de muitos outros como eu. Isso seria um digno trabalho para um moço devotado aos interesses populares. Mas estou tão ansioso para ouvir esse discurso, que te acompanharia ainda que fosses até Mégara e, seguindo o exemplo de Heródico, voltasses depois de alcançar o muro.

Fedro – Qual é a tua opinião, caríssimo Sócrates? Achas que eu, um ignorante, posso repetir condignamente o que Lísias, o maior escritor da nossa época, trabalhando com calma, levou tanto tempo a redigir? Oxalá que assim fosse. Isso seria para mim mais do que ganhar uma grande fortuna.

Sócrates – Meu bom Fedro, se eu pudesse enganar-me a respeito de Fedro seria também capaz de esquecer de mim mesmo. Mas nada disso sucede. Tenho certeza de que esse Fedro não ouviu apenas uma vez o discurso de Lísias. Ele lhe pediu que o repetisse várias vezes, e Lísias acedeu ao seu desejo. Isso, porém, ainda não era suficiente: ele apanhou o manuscrito e leu as partes que achava mais interessantes. Passou toda a madrugada ocupado nele, e quando se cansou de ficar sentado saiu para dar um passeio. Pelo cão! Acredito que ele sabe de cor o discurso, se este não for demasiadamente longo. Além disso,

ele se dirige para fora dos muros a fim de gravá-lo bem na memória. E, encontrando um homem ávido de discursos, alegrou-se de vê-lo e de ter junto de si quem participasse do seu entusiasmo coribântico. Por isso o convidou para acompanhá-lo. Quando, porém, o amigo de discursos lhe pediu que recitasse o de Lísias, ele resistiu e fingiu pouca disposição para falar, mas acabaria recitando-o ainda que ninguém o quisesse escutar, mesmo que fosse fazendo violência aos ouvintes. Pede- lhe, pois, caro Fedro, que faça de uma vez o que de qualquer modo acabará por fazer.

Fedro – Será preferível, na verdade, que eu recite o discurso como melhor puder, pois creio que não me deixarás em paz enquanto eu não o recitar, sendo-te indiferente que o faça bem ou mal.

Sócrates – Tens toda a razão.

Fedro – Então farei como já te disse. Realmente, caro Sócrates, não me esforcei por decorar o discurso. Exporei, entretanto, com a exatidão que puder, todas aquelas coisas pelas quais, conforme diz Lísias, o apaixonado se distingue do que não ama. Explicarei tudo ordenadamente, começando pelo princípio.

Sócrates – Antes, porém meu amiguinho, mostra-me o que tens na mão esquerda, debaixo do teu manto! Suspeito que seja o próprio discurso. Caso eu tenha acertado, convence-te disto: tu és meu grande amigo, mas, estando o próprio Lísias desse modo presente, estou decidido a não te permitir uma simples repetição do discurso. Bem, deixa lá ver Isso...

Fedro – Cala-te, caro Sócrates! Puseste por terra a minha esperança de fazer uma experiência de memória contigo. Onde queres que nos

sentemos para ler?

Sócrates – Afastemo-nos aqui da estrada e caminhemos ao longo do Ilisso. Mais adiante poderemos sentar-nos à vontade e estaremos sossegados.

Fedro – Ao que parece, escolhi uma boa ocasião para andar sem sandálias. Quanto a ti, Sócrates, andas sempre descalço. E bem agradável banhar os pés e caminhar pela margem deste riacho, e mais agradável ainda nesta estação e nesta hora do dia.

Sócrates – Então avante! Procura um lugar onde nos possamos sentar.

Fedro – Vês aquele altíssimo plátano?

Sócrates – Como não!

Fedro – Ali há sombra, relva, e sopra um pouco de brisa. Debaixo dele podemos nos sentar, e até, se quiseres, deitar-nos.

Sócrates – Vamos para lá.

Fedro – Dize-me uma coisa, caro Sócrates, não afirma o povo que de um desses lugares, à margem do Ilisso, Bóreas raptou Orítia? Ou foi na colina de Ares? A lenda, com efeito, admite que foi no Ares e não aqui que Orítia foi raptada.

Sócrates – Com efeito.

Fedro – Quem sabe se não foi aqui mesmo onde estamos? E bonito este trecho do regato; a água aqui é pura e transparente; este lugar

bem se presta aos folguedos das jovens.

Sócrates – Não foi aqui, mas cerca de três ou quatro estádios mais abaixo, onde atravessamos o regato em direção ao templo de Agra. Há naquele ponto um altar a Bóreas.

Fedro – Não prestei muita atenção. Mas por Zeus, caro Sócrates. Dize-me uma coisa: acreditas que esse mito corresponda à verdade?

Sócrates – Se eu fosse, como os homens doutos. um incrédulo, não seria um homem extravagante, um desses sujeitos que procuram os atalhos ainda não batidos, Se fosse da opinião deles diria, fazendo deduções muito doutas, o seguinte: o sopro de Bóreas arremessou-a nas rochas que existem perto daqui, quando ela brincava com Farmaceia; em consequência disso Orítia morreu, e o povo contou que ela fora raptada por Bóreas. (Ou talvez isso se tenha passado no Areópago, pois também se diz que ela dali teria sido raptada, e não daqui). Eu, caro Fedro, acho tudo isso muito bonito, mas é trabalho para um homem de grande inteligência, a quem o esforço não intimida, e aí não encontramos a felicidade. Além disso, seria necessário interpretar, a seguir, a figura dos Hipocentauros, a da Quimera, e finalmente uma multidão de Górgonas e de Pégasos, um número pasmoso de outras criaturas inexplicáveis e lendárias. Se, por incredulidade, se procura dar verossimilhança a esses seres, usando para isso de uma curiosa e grosseira sabedoria, perde-se nisso o tempo, e não podemos apreciar a vida como convém. O meu lazer, não o destino a essas explicações, e eis aí a razão da minha atitude. Ainda não cheguei a ser capaz, como recomenda a inscrição délfica, de conhecer a mim próprio. Parece-me ridículo, pois, não possuindo eu ainda esse conhecimento, que me ponha a examinar coisas que não me dizem respeito. Não me interessam essas fábulas

e conformo-me, nesse sentido, com a tradição. Não são as fábulas, que investigo: é a mim mesmo. Talvez eu seja um animal muito mais extravagante e cheio de orgulho que Tifon; ou, porventura, um animal mais pacífico e menos complicado, cuja natureza talvez participe de um misterioso e divino destino, mas que não se enche com os fumos do orgulho... Mas, caro amigo, não será esta a árvore para a qual me conduzias?

Fedro – Esta mesmo.

Sócrates – Por Hera, que é um bonito lugar! Este plátano estende muito os seus ramos e é bem alto, e também este agnocasto tem uma bela altura e lança magnifica sombra. Além disso, está todo em flor e espalha por aqui um cheiro delicioso. Sob a ramagem do plátano corre uma bonita fonte de água fresca, como a estou a sentir nos pés. A julgar pelas estátuas e oblações, parece ser um lugar consagrado a Aqueloo e às Ninfas. A brisa aqui é suave, e o coro das cigarras ressoa lá no alto, tal como na primavera. O mais belo, porém, é a relva, bastante densa para oferecer à cabeça um confortável travesseiro com o seu brando declive. És um excelente guia, caro Fedro!

Fedro – Tu, porém ó homem excêntrico, és o homem mais extraordinário que já se viu. Com tuas palavras, dás a impressão de ser um estrangeiro que necessita de um guia, e não um cidadão da capital. Pouco sais da cidade e parece que nunca vais para fora dos muros.

Sócrates – Perdão, meu ótimo amigo! Eu desejo aprender. Regiões e árvores. Entretanto, nada me podem ensinar, somente os homens da capital ensinam-me. Mas tu pareces ter encontrado o meio de me levar para fora. Assim como se conduz uma rês faminta mostrando-

lhe um ramo ou um fruto, também a mim, se me acenares com um discurso ou um manuscrito, poderás levar-me por toda a Ática ou para qualquer lugar aonde me queiras arrastar. Neste momento, porém, já que aqui viemos, prefiro deitar- me. Quanto a ti, escolhe a posição que achares melhor para a tua leitura, e começa!

Fedro – Então escuta.

O discurso de Lísias sobre o amor

"Conheces os meus sentimentos, e como já me ouviste dizer, acredito que nos será proveitosa a realização deste desejo. Confio em que meu pedido não será feito em vão, pois não sou teu amante. Os amantes, de fato, ao saciarem a sua concupiscência arrependem-se das vantagens que ofereceram, ao passo que, para os que não amam, nunca chega o momento em que teriam motivos para o arrependimento. Não foi a força da paixão que os impeliu a fazer o bem, não por necessidade mas voluntariamente, e o fazem com toda a energia, julgando assim servir também aos seus próprios interesses. Os amantes apaixonados levam em conta aquilo que, por causa do amor, os levou a descuidarem de seus negócios; computam os serviços que prestaram, os esforços que envidaram, e assim acreditam ter mostrado aos amados a devida gratidão. Os que não estão sujeitos à paixão não alegam o desleixo dos negócios, nem os esforços despendidos, nem as dissensões para serem agradáveis com os seus amantes. Os apaixonados afirmam ser os melhores amigos daqueles a quem amam e estar prontos para suportar injúrias e sevícias alheias no empenho de lhes prestarem favores; mas facilmente se percebe até que ponto tais protestos são verídicos e até que ponto tais homens devem ser estimados. Quando, mais tarde, se apaixonam por outro,

preferem-no ao antigo amado, e é claro que, se aquele o desejar, até se disporão a agir em prejuízo deste. Mas convirá conceder favores tão preciosos a quem padece de tão enorme defeito do qual ninguém poderá libertá-lo? Os próprios amantes confessam que têm doente o espírito e que já não possuem bom senso; dizem ter consciência da sua insensatez mas que são, a um tempo, incapazes de dominar-se. Como poderão tais homens, se chegarem a refletir com sensatez, considerar como um bem o que desejavam nesse estado de delírio? Se tu quisesses escolher o melhor entre teus apaixonados, só muito poucos terias à tua disposição; se quisesses, porém escolher entre os outros o que mais te agrada, poderias optar entre muitos. Por isso há muito mais esperança de que, justamente entre esses muitos, se encontre alguém que seja digno de tua amizade. É possível que temas a opinião pública se receias que, sabendo disso, o povo fale mal de ti. Lembra-te de que os apaixonados julgam que todos os invejam, assim como eles têm inveja uns dos outros; são por isso orgulhosos e contam a todos que os seus esforços não foram vãos. Aqueles a quem a paixão não cega, preferem, porém, o bem da união amorosa à fama que a mesma pode ter perante esses homens. Além disso, toda gente pode reconhecer o amante reparando na maneira pela qual segue o amado, a maneira pela qual o persegue e se esforça para possuí-lo. Quando os vemos a conversar, podemos saber se já deram ou se estão prestes a dar satisfação aos seus desejos. Os que não estão apaixonados podem viver com grande familiaridade sem que ninguém os incrimine por isso. Terás mais algum motivo de receio? Por acaso pensas que as amizades duram pouco e que, quando há uma separação, a perda seja comum, e que é uma desgraça para ambos? Consideras agradável, na vida, arcar sozinho com o prejuízo? Esse medo tem mais razão de ser quando se trata de indivíduos que se amam, pois eles são muito suscetíveis e julgam sempre que os outros estão mancomunados para prejudicá-los.

Por isso não consentem que os seus amados convivam com outras pessoas. Os ricos temem que outros os superem, pelo dinheiro, na afeição; os instruídos receiam que outras pessoas, de conhecimentos mais amplos, os suplantem e causem melhor impressão que eles. Em suma, têm ciúmes do poder que os outros possam ter. Podem chegar ao ponto de te obrigar a romper com todos. Não terás, então, um único amigo. Se cuidares dos teus interesses, procurando aquilo que te é mais proveitoso, acabarás brigando com o indivíduo que amas, e viverás em continuas disputas com ele. Aquele que não é apaixonado, mas que consegue o que deseja, graças às suas qualidades, não sentirá inveja dos que cercam o amado; pelo contrário, odeia os que não querem ter convivência com ele, supondo que o desprezam, persuadido de que este pode ter proveito com o convívio dos bons amigos. Como vês, com eles tens mais esperanças de arranjar amigos do que inimigos. Ademais, a concupiscência de muitos amantes tem por alvo preferido muito mais a beleza do corpo do que o caráter e as condições pessoais. Em consequência disto, é sempre duvidoso que eles, uma vez satisfeito o desejo, estejam dispostos a continuar essa amizade, desde que desapareça o desejo. Aqueles a quem o amor não perturba, já antes haviam iniciado uma mútua amizade; não é provável, pois, que nesses a amizade diminua ou desapareça logo que o desejo se satisfaz. Ao contrário, na mútua amizade encontrarão outros motivos e garantias para novos favores. Queres te tornar cada vez mais virtuoso? Confia em ti e não na pessoa que te ama, pois o que ama louvará sempre as tuas palavras e teus atos sem se preocupar com a verdade e com o bem, de medo de te perder ou pela simples cegueira que é própria da paixão. São estas as ilusões do amor. O amor infeliz aflige-se com aquilo que a ninguém incomoda; o amor feliz acha que tudo é encanto, as menores e mais insignificantes coisas. O amor é mais digno de piedade do que de inveja. Se cederes aos meus desejos, não me verás

à procura, na tua intimidade, de um simples prazer efêmero. Hei de estar vigilante a que nos liguem interesses duráveis, pois que, liberto do amor, sou capaz de me dominar. Sem me deixar levar por motivos fúteis a ódios furiosos, não me aborrecerei por causa de faltas insignificantes, mas só diante de erros graves me irritarei contigo. Perdoarei o que fizeres sem intenção e tentarei impedir as más ações. São estes os sinais de uma amizade duradoura. Talvez creias que uma amizade sem amor seja fraca e sem vida. Nesse caso, considera que, se assim fosse, seríamos indiferentes para os nossos filhos e para com os nossos pais, nem poderíamos ter amigos que se ligassem a nós, pois não é na paixão que as amizades se originam, mas em outros motivos. Ademais, se é conveniente dispensar favores aos que pedem, pela mesma consideração deverás ser generoso não com os mais ricos, mas com os mais pobres; porque estes, libertos dos maiores males, serão também os mais gratos. Quando estás comendo em tua casa, é preferível que não convides os amigos, mas sim mendigos e famintos, pois esses amarão o seu benfeitor e o acompanharão, reunindo-se muitas vezes diante da sua porta, e se mostrarão contentes, manifestando grande gratidão e orando aos deuses para que lhe concedam muitos bens. Não. O que convém, por certo, não é prestar favores aos que pedem com veemência, mas aos que são capazes de mostrar mais gratidão, não aos que se contentam em te amar, mas aos que são dignos de teus favores; não aos que gozam a flor da tua mocidade, mas aos que, depois, quando fores mais velho, compartilharão contigo os seus bens; não aos que, após haverem conseguido o que desejavam, vão gabar-se disso diante dos outros, mas aos que têm vergonha e nada referem; não aos que se esforçam para conquistar-te por pouco tempo, mas aos que durante a vida inteira permanecerão teus amigos; não aos que depois de haverem satisfeito os seus desejos procuram um pretexto para te odiar; mas aos que, tendo visto passar os prazeres da juventude, te

acompanharem sempre com a sua estima. Lembra-te de tudo isso que te disse e ainda de mais uma coisa: os apaixonados são frequentemente expostos aos severos conselhos dos amigos que criticam a paixão, mas nunca se acusou de imprudente a um indivíduo que não se apaixona. Tu podes perguntar se te aconselho a que concedas os teus favores a todos aqueles que não são teus amantes. Eu responderei que um homem que ama não te aconselhará isso, pois que favores tão pródigos não teriam direito ao reconhecimento e, se quisesses esconder as tuas ligações, tu não o poderias fazer. É mister que o nosso convívio, em lugar de nos prejudicar, nos seja, ao contrário, útil. Creio que disse o suficiente. Se te parecer, entretanto, que omiti alguma coisa, pergunta!" Que achas deste discurso, Sócrates? Não é ele belíssimo, tanto no conteúdo como na expressão?

Sócrates – Caro amigo, o discurso me pareceu excelente, e deixou-me entusiasmado. E se me fez tal impressão, meu querido Fedro, foi por tua causa: eu te olhava, e durante a leitura tu parecias iluminado pelo discurso. Convenci-me de que nessas coisas, és mais competente do que eu. Segui o teu exemplo e deixei-me tomar pelo teu entusiasmo. Divina cabeça!

Fedro – Está bem! Achas que deves galhofar assim comigo?

Sócrates – Galhofar? Acaso não falo sério?

Fedro – Não, caro Sócrates! Mas por Zeus, o protetor da amizade, peço-te que digas a verdade: julgas que qualquer outro grego seria capaz de falar com tanta elevação e abundância sobre o assunto?

Crítica de Sócrates

Sócrates – Como? Será preciso que o discurso seja elogiado por mim e por ti? Temos de afirmar também que seu autor disse tudo que era necessário, que cada expressão é clara, bem elaborada e compreensível? Seja, farei isso por amizade para contigo, se bem que eu, na minha incompetência, não tenha notado tal coisa. Só prestei atenção às qualidades retóricas, e creio que, visto desse aspecto, o discurso nem sequer ao próprio Lísias agradaria. Se me permites, caro Fedro, direi que ele me parece ter repetido a mesma coisa duas ou três vezes, como fazem as pessoas que não têm muito assunto; ou talvez essa matéria não se ajuste às suas capacidades. Para mim, é evidente que ele procedeu como um jovem pedante, querendo mostrar que era capaz de exprimir a mesma coisa de diversos modos e usando sempre os melhores termos retóricos.

Fedro – Estás enganado, caro Sócrates. O discurso se distingue precisamente pelo fato de não ter omitido nada do que se podia dizer sobre esse tema. Ninguém é capaz de falar mais ou melhor sobre tal assunto.

Sócrates – Não posso concordar contigo neste ponto. Homens e mulheres sapientes de outrora, que sobre isso falaram e escreveram, discordariam se, por gentileza, eu te desse razão.

Fedro – Quem são eles? Onde ouviste coisa melhor do que este discurso?

Sócrates – De momento não posso dizê-lo com exatidão. Só uma coisa é clara: é que ouvi isso de alguém - talvez da bela Safo, do sábio Anacreonte ou de outro escritor qualquer. Sabes o que me leva

a essa suposição? E o meu coração, caríssimo; sinto que ouvi outra coisa não inferior ao discurso que leste. Bem sei que eu próprio não a inventei, pois conheço a minha ignorância. Uma coisa me resta, entretanto: como um vaso, deixo-me encher pelos pensamentos alheios que entram em mim pelo ouvido. Mas sou tão negligente que esqueci por completo como e de quem ouvi isso. Uma inveterada preguiça de espírito impede-me de me lembrar em que condições e de que pessoas ouvi essas coisas.

Fedro – Meu nobilíssimo amigo! O que disseste é extraordinário. Não me digas onde nem de quem o ouviste, anda que eu o exija. Mas faze o que prometeste: pronuncia um discurso melhor do que esse e tão longo como ele! Prometo, como os nove arcontes, erigir em Delfos uma estátua de ouro em tamanho natural, não somente de mim mas também de ti.

Sócrates – Caro Fedro! Es um homem encantador e verdadeiramente de ouro. Segundo julgas, eu teria dito que Lísias errou do princípio ao fim e que em todos os pontos se pode afirmar o contrário. Não. Isso não aconteceria nem mesmo, creio, com o mais medíocre dos escritores. Por exemplo, desde que se trata de favorecer o amigo que não se apaixona, de preferência ao apaixonado, se tu impedes que se louve a prudência de um e se impedes que se condene o delírio de outro - se me impedes que fale desses motivos principais -, que ficará para dizer? É mister aceitar esses lugares comuns próprios do orador, e mesmo permiti-los. O que ele fez foi substituir a pobreza da invenção pela arte da composição. Só quando se trata de questões menos importantes - e por isso mesmo mais difíceis -, é que ao mérito da disposição do discurso se acrescentará o da invenção.

Fedro – Admito isso. Parece-me que disseste a verdade. Vou fazer agora o mesmo: concedo-te que o apaixonado seja mais exacerbado do que aquele que não ama. Mas fala agora melhor do que Lísias sobre os outros pontos da tese! Se o fizeres, colocarei tua estátua em Olímpia, ao lado das oferendas dos Cipsélidas.

Sócrates – Ficaste agastado, caro Fedro, porque caçoei contigo atacando o homem a quem adoras. Acreditas realmente que eu me atreverei a competir em sabedoria com esse homem?

Fedro – Quanto a isso, caro amigo, estás numa situação semelhante à minha, de há pouco. Tens de falar como melhor puderes. Mas tome cuidado para não imitar o feio costume dos autores de comédias, cujas personagens estão sempre devolvendo uma à outra as mesmas palavras! Não me obrigues a dizer: "se eu pudesse enganar-me a respeito de Sócrates, também seria capaz de me esquecer" e "ele tem vontade de falar, mas finge não querer"! Lembra-te que não sairemos daqui enquanto não tiveres exprimido aquilo de que, segundo disseste, o teu coração está cheio! Estamos sós, num lugar ermo e afastado dos homens, e eu sou o mais forte e o mais moço. Reflete no que te digo! Não me obrigues à violência! Fala! Faze-o voluntariamente, se não preferes falar à força!

Sócrates – Meu bem-aventurado Fedro! Eu me tornaria ridículo se, ignorante como sou, falasse sem estar preparado, concorrendo com um autor tão perfeito!

Fedro – Sabes de uma coisa? Deixa de melindres. Não demora que eu diga uma coisa com que te obrigarei a falar.

Sócrates – Não precisas pronunciá-la.

Fedro – Direi, sim. Minha declaração, porém, terá a forma de um juramento. Juro- te... mas por qual dos deuses? Queres que jure por este plátano? Pois bem, se não fizeres o teu discurso perante esta árvore, nunca mais te mostrarei nem te repetirei discurso algum.

Sócrates – Ó homem sagaz! Com que astúcia soubeste encontrar um meio de obrigar a fazer o que exiges a um homem que é apaixonado por discursos!

Fedro – Então por que ainda hesitas?

Sócrates – Depois do juramento que fizeste, não me esquivarei mais. Como poderia eu renunciar a tais alegrias?

Fedro – Então fala.

Sócrates – Sabes o que farei?

Fedro – O quê?

Sócrates – Falarei com a cabeça encoberta. Quero terminar o discurso o mais depressa possível e não me envergonhar olhando para ti.

Fedro – Mas fala! Quanto ao resto, podes fazer o que quiseres.

O primeiro discurso de Sócrates

Sócrates – A vós invoco, Musas! Pouco importa que vos chameis "sonoras" por causa da doçura do vosso canto ou que esse epíteto vos venha do musical povo dos lígios! Auxiliai-me no discurso que

este ótimo homem me obriga a fazer, para que seu amigo, que já antes se lhe afigurava sábio, seja considerado mais sábio ainda! Pois bem: houve outrora um rapaz belíssimo, ou melhor, houve um mancebo que tinha grande número de adoradores. Um destes era muito esperto. Ele, que realmente amava o rapaz como todos os outros, convenceu-o de que não o amava. Ao tentar conquistá-lo, esforçou-se por persuadi-lo de que antes se devem conceder favores ao que não ama do que ao apaixonado. Um dia dirigiu-lhe o seguinte discurso: em todas as coisas, meu rapaz, para que se tome uma resolução sábia é mister saber sobre o que se delibera, pois, de outro modo, certamente nos enganamos. A maioria dos homens não nota, entretanto, que ignora a essência das coisas. Isso porém não os impede de acreditar erroneamente que a conhecem; segue-se dai que no começo de uma pesquisa não definem as suas opiniões, acontecendo depois o que era esperado: tais pessoas não concordam consigo mesmas, nem umas com as outras. Evitemos, pois, esse defeito que censuramos nos outros. Como se trata de saber se é melhor ter amizade com alguém que ama do que com alguém que não ama, começaremos assim estabelecendo uma definição do amor, da sua natureza e dos efeitos, definição que deverá satisfazer a opinião de nós ambos; havemos de nos referir sempre a esses princípios, e, reduzindo desse modo toda a discussão, examinaremos se o amor traz vantagens ou prejuízos. É evidente que o amor é desejo. Sabemos, porém, que os que não amam também desejam os objetos que são belos. Como, pois, distinguiremos entre o que ama e o que não ama? Devemos, além disso, examinar o seguinte: em cada um de nós há dois princípios que nos governa e conduzem, e nós os seguimos para onde nos levam: um é o desejo inato do prazer, outro a opinião que pretende obter o que é melhor. Essas duas tendências que existem dentro de nós concordam por vezes, em outras entram em conflito, por vezes vence uma e por vezes a outra. Ora, quando

a tendência que se inspira na razão é a que vence, conduzindo-nos ao que é melhor, chama-se a isso temperança: quando, pelo contrário, o desejo nos arrasta sem deliberação para os prazeres, e é ele que predomina em nós, isso se chama intemperança. A palavra intemperança, contudo, tem vários sentidos, é compreendida de muitas maneiras, e o sentido que se tornou característico faz com que o homem que possui essa tendência receba o nome correspondente, e não é belo nem honorífico recebê-lo. O desejo que se relaciona com o comer e que, como os outros desejos, suplanta a noção do que é melhor, chama-se "glutoneria". Ela confere aquele que a possui, o nome correspondente de "glutão". Quando é o desejo da bebida que exerce a sua tirania, sabe-se qual o nome vergonhoso que se dá àqueles que se abandonam à bebida. Enfim, o mesmo acontece com todos os outros desejos dessa família. Já se torna quase manifesto a que espécie de desejo foi dedicada a exposição que antecedeu. Entretanto, creio que devo explicar-me mais claramente. Quando o desejo, que não é dirigido pela razão, esmaga em nossa alma o desejo do bem e se dirige exclusivamente para o prazer que a beleza promete, e quando ele se lança, com toda a força que os desejos intemperantes possuem, o seu poder é irresistível. Esta força todo-poderosa, irresistível, chama-se Eros ou Amor. Mas, meu caro Fedro, não te parece que eu estou falando sob uma inspiração divina?

Fedro – Sim, caro Sócrates, uma eloquência desacostumada se assenhoreou de ti.

Sócrates – Então ouve em silêncio! Na verdade, este lugar parece ser divino. Não deves admirar-te se durante o discurso as ninfas tomarem posse de mim, pois o que estou dizendo já se assemelha muito a um ditirambo.

Fedro – Tens toda a razão.

Sócrates – E a culpa é tua. Ouve agora o resto, pois pode ser que a inspiração se acabe! Isso, porém, deixemos ao arbítrio da divindade. Voltemos ao discurso dirigido ao rapaz. Muito bem, meu amigo! Já ficou bem explicado o tema da nossa discussão. Já definimos a sua natureza. Vamos adiante e, sem perder de vista os nossos princípios, examinemos as vantagens e os inconvenientes que advirão provavelmente a alguém que concede favores a quem ama e a quem não ama. Naturalmente, um homem governado pelo desejo e escravo da volúpia procurará no seu amado o máximo do prazer. Ora, o apaixonado gosta de tudo o que não lhe opõe resistência e odeia tudo o que lhe é superior ou igual. Por isso, o amante verá com impaciência um superior ou um igual no seu amado e fará tudo para que lhe seja inferior e menos perfeito. Ora, o ignorante é inferior ao sábio, o covarde ao corajoso, o incapaz de falar ao orador, o tolo ao inteligente. Quando semelhantes deficiências se instalam no espírito do amado, ou quando lhe são próprias por natureza, o amante necessariamente se alegrara e procurará acentuar tais defeitos, pois do contrário correrá o risco de perder seus prazeres momentâneos. E forçoso que o amante apaixonado inveje o amado, impedindo-lhe muitas convivências úteis que poderiam fazer dele um bom homem, e causando-lhe assim um grande prejuízo. O maior prejuízo, porém. que o apaixonado acarreta ao objeto do seu amor é privá-lo daquilo que daria pleno desenvolvimento à sua inteligência, isto é, a divina filosofia, da qual o amante necessariamente afasta o amado. Ele tem medo de ser desprezado pelo rapaz, e é claro que fará tudo quanto puder para que este se torne um perfeito ignorante e em tudo se oriente pelo pensar dele, amante. Essa situação do amado é, para o amante, agradável, mas nociva para o próprio rapaz. Portanto, do ponto de vista espiritual o amante apaixonado nem é bom tutor nem

um companheiro útil. Passemos agora ao corpo, à sua compleição e aos cuidados que se devem ter com ele. Qual é essa compleição? Que cuidados dará a ele ao corpo daquele de quem é senhor? Observaremos que o apaixonado vai procurar um efeminado e não um forte; que deseja possuir um homem que não tenha crescido à luz do sol mas ao abrigo de uma sombra, um homem que não conheça trabalhos masculinos nem suores fortes, um homem acostumado a um gênero de vida algo impróprio do seu sexo, um homem que procura substituir as boas qualidades que lhe faltam por cores adornos exóticos. Tal fato é tão evidente que não vale a pena discuti-lo mais pormenorizadamente; mencionaremos apenas o ponto principal que a ele se prende. O aspecto de tal corpo na guerra e em outras situações sérias torna os inimigos corajosos, ao passo que os amigos, e também os próprios amantes, inevitavelmente temerão por ele. Isto, porém, é fato que não sofre dúvida e podemos abandonar o assunto. Agora devemos examinar que vantagens e que prejuízos, no tocante à fortuna, nos oferecerão o convívio com o amante e sua proteção. Uma coisa é evidente para todos, e em primeiro lugar para o próprio amante: ele deseja, acima de tudo, que seu amado seja privado dos mais ambicionáveis, mais agradáveis e mais divinos bens. A esse homem convém que o amado perca o pai, a mãe, os parentes e os amigos, pois os considera como opositores e censores do gênero de convivência que a ele á mais agradável. Quando, porém, o amado possui uma fortuna em ouro ou em outros objetos de valor, afigurar-se-á ao amante que não é muito fácil conquistar o rapaz e, caso este se deixe conquistar, não será muito obediente. De tudo isso se conclui que o amante inveja o amado quando este recebe uma fortuna e alegra-se quando o mesmo a perde. O amante não deseja que o objeto do seu amor se case, que tenha filhos, que possua um lar, pois sua Intenção é gozar, o mais longamente que puder, o seu prazer egoísta, o gozo do seu doce fruto. Há muitos

outros males, mas à maior parte deles um ente sobrenatural parece haver misturado algum momentâneo prazer. Assim, o lisonjeiro, por exemplo, é horrível monstro e traz grandes prejuízos, mas, simultaneamente, a natureza lhe conferiu certo atrativo que não deixa de ter seu encanto. Poder-se-ia chamar nociva também a uma prostituta, e o mesmo a várias outras criaturas duvidosas, e a costumes que proporcionam um prazer deleitoso, porém efêmero. O mesmo se dá com o apaixonado em relação com os seus amores. Ele não é apenas nocivo. Sua assiduidade o torna terrivelmente desagradável. Diz um velho provérbio que cada um gosta de conviver com os que são da sua idade. Segundo penso, a mesma idade conduz aos mesmos prazeres e essa semelhança engendra amizade. Mas, apesar disso, uma dessas convivências levada ao exagero resultará em saciedade também é coisa que todos consideram desagradável. Ainda mais evidente e desagradável é ela no que diz respeito à diferença da idade, sobretudo na companhia de um amante que a idade afasta daquele que ele ama. Se é velho, persegue o objeto do seu amor e não o larga nem durante o dia nem durante a noite; é aguilhoado pelo desejo intenso, sente prazer todas as vezes que vê o amado ou lhe ouve a voz, ou lhe toca, ou, enfim, o percebe por qualquer dos sentidos; com prazer se aproxima dele e incessantemente o acaricia. Mas que consolação e que divertimentos poderá dar ele ao amado, para que este, que tem de permanecer tanto tempo em sua companhia, não sinta desprazer? O moço está diante de um ser enrugado, afligido pelos achaques da velhice, e a isso se adicionam outras coisas que acompanham essa visão e que de fato só são suportadas com repugnância. Resguardado contra todos com desconfiança, fiscalizando no que faz e no que diz, ouve anda do objeto amado, do seu apaixonado, elogios inconvenientes e exagerados, e também repreensões que seriam insuportáveis mesmo nos lábios de um homem sóbrio, mas quando se acrescentam à embriaguez não só são

insuportáveis mas ofensivas, pois um homem desses usa expressões aborrecidas, despudoradas e atrevidas que causam mágoa, raiva, dor e desprazer. Pois bem: quando o amante está apaixonado, é desagradável é prejudicial; quando, porém, seu amor termina, ele se revela como homem indigno de confiança; trairá aquele que seduzira com promessas magníficas, com os seus juramentos e a sua devoção. Outrora, tratou de conservar o convívio de seu amado acenando-lhe com a esperança de grandes bens, porque a convivência em si era desagradável. Agora, porém, que chegou a ocasião de cumprir suas promessas, ei-lo transformado em outro homem sem que seu amado o tenha notado. Em seu íntimo, rendeu-se a outro soberano e guia, à ponderação e à sobriedade, abandonando o amor e a loucura. O amado, que agora espera gratidão pelos favores concedidos, lembra-lhe o que ambos faziam e diziam outrora, julgando falar ainda com o mesmo homem. Mas o amante tem vergonha de dizer que se tornou outro, e além disso é incapaz de cumprir as promessas e juramentos feitos sob o domínio da loucura da paixão. Como adquiriu juízo e sabedoria, não quer fazer o mesmo que antes, para não se tornar de novo semelhante ao que era em outro tempo. Em consequência disso se torna esquivo; o antigo amante perdeu seu amor, devido às circunstâncias; o caco caiu de outro modo, e o amante foge do amado, trocando-se os papéis. O outro, vendo-se na necessidade de persegui-lo, encoleriza-se contra ele e pragueja; não compreendeu, no começo, que não devia ter conhecidos favores ao homem outrora apaixonado e insensato, mas sim a quem, não se achando dominado pela paixão, soubesse proceder com juízo. Entregando-se ao apaixonado, abandonou-se a um homem sem palavra, de convívio desagradável, a um homem cheio de inveja, que só lhe causou desprazer, nocivo para a sua fortuna, para a sua educação física e, acima de tudo, para a sua educação espiritual, o mais estimável de todos os bens que existem ou poderão existir, tanto para os homens

quanto para os deuses. Eis, caro rapaz, o que é necessário ter em mente; devem saber que o amor de um homem apaixonado não provém de um sentimento benévolo, mas, como o apetite ao comer, da necessidade de satisfazê-lo. "Como o lobo ama o cordeiro, ama o apaixonado o seu amado". Meu caro Fedro, eis tudo o que tenho a dizer. Nada a mais ouviras desta boca. Meu discurso está terminado.

Fedro – Pois eu julgava que fosse apenas a metade. Supunha que fosses dizer outro tanto sobre o homem não apaixonado, demonstrando que se lhe devem conceder mais favores e expondo as vantagens que isso nos traz. Por que terminaste aí, caro Sócrates?

Sócrates – Não notaste, meu amigo, que já deixei de falar em ditirambos e passei ao ritmo da epopeia? Não notaste que estou a censurar? Que achas que eu faria se começasse a louvar o outro? Não vês que eu seria tomado de entusiasmo, sob a influência das ninfas às quais manhosamente me entregaste? Dir-te-ei tudo numa palavra: as mesmas coisas que repreendemos em um se acham no outro, mas transformadas nos seus contrários, isto é, em bem. Será necessário pronunciar um longo discurso a esse respeito? O que já foi dito basta para os dois. Que o meu discurso tenha o destino que merece. Agora, antes que me obrigues a falar mais, vou atravessar o riacho e afastar-me.

A voz demoníaca

Fedro – Ainda não, caro Sócrates! Espera até que passe o calor! Acaso não vês que é quase meio-dia [o que se chama a hora do máximo calor]? E melhor esperarmos, conversando, enquanto isso, sobre o assunto discutido. Depois, quando refrescar, iremos.

Sócrates – Oh! Tu és divino com os teus discursos, caro Fedro! Es verdadeiramente admirável! Creio que ninguém em sua vida deu origem a tantos discursos, quer os tenhas redigido tu mesmo, quer tenhas instigado outros a fazê-los. A única exceção é o tebano Símias, mas a todos os demais sobrepujaste. Parece-me que agora me provocaste a fazer um segundo discurso.

Fedro – O que dizes está longe de me incomodar. Mas como sucedeu isso?

Sócrates – Caro amigo! Quando quis atravessar o regato despertou em mim o "daimônion" e manifestou-se o sinal costumeiro. Ele sempre me impede de fazer o que desejo. Pareceu-me ouvir uma voz que vinha cá de dentro e que não me permitia ir embora antes de oferecer aos deuses uma expiação, como se eu houvesse cometido alguma impiedade. Sou adivinho, mas não muito hábil; sou como os que não sabem bem ler e escrever: só faço adivinhações para mim mesmo. Agora vejo com clareza o meu pecado. Meu amigo! A alma tem o dom de profetizar. Já enquanto fazia o discurso senti certa perturbação. Para me exprimir como Ibico, tive medo de ganhar honra aos olhos dos homens cometendo um pecado contra os deuses. Mas agora percebo qual é a minha culpa.

Fedro – Que queres dizer?

Sócrates – Trouxeste-me um discurso horrível, caro Fedro, e me obrigaste a fazer outro discurso horrível.

Fedro – Como assim?

Sócrates – Um discurso tolo e, em certo sentido, impio. Pode haver coisa mais horrível?

Fedro – Por certo que não, se é verdade o que dizes.

Sócrates – Pois então já não crês que Eros é filho de Afrodite, e como tal é deus?

Fedro – Sem dúvida. É o que diz a tradição.

Sócrates – Mas tal fato não foi mencionado por Lísias nem no meu discurso, aquele que minha língua enfeitiçada pronunciou. Ora, se Eros é, como de fato é, um deus ou um ser divino, não poderá ser mau. Entretanto, os dois discursos que se fizeram a seu respeito referiam-se a ele como se o fosse. Esses discursos pecaram contra Eros. Além disso, a sua tolice é cômica, pois, embora não tenham dito nada de verdadeiro nem de aproveitável, enchem-se de importância porque conseguiram iludir alguns ingênuos e ganhar os seus aplausos. Eis por que, meu Fedro, é necessário que eu me penitencie. Ora, à disposição dos que pecaram contra a mitologia está uma antiga expiação que Homero não conhecia, mas que Estesicoro conhecia. Este perdeu a luz dos olhos por ter ofendido a Helena; mas, ao contrário de Homero, não ignorava a causa disso. Como amigo das Musas, ele a conhecia, e imediatamente escreveu estes versos: "Não foi verdadeiro o teu discurso; tu jamais entraste num navio e tão pouco estiveste no castelo de Troia". Depois de ter completado a sua palinódia, foi-lhe restituída a vista. Eu, porém, serei mais sábio do que eles neste ponto. Antes que venha a sofrer pela ofensa feita a Eros tentarei fazer a minha palinódia, mas com a cabeça nua e não, como antes, embuçada.

Fedro – Nada poderias dizer que me fosse mais agradável, caro Sócrates.

Sócrates – Bem vês agora, Fedro, a impudência com que foram proferidos esses dois discursos, o de há pouco assim como o que leste. Imagina que um homem honesto, de costumes civilizados, que ame ou tenha amado outrora um rapaz, nos ouça afirmar que os amantes contendem com os seus amados por causa de ninharias, que os invejam ou prejudicam. Esse homem julgaria estar ouvindo indivíduos que se criaram entre marinheiros e nunca conheceram um nobre amor. Um homem assim jamais concordaria com as censuras que dirigimos a Eros. Não te parece?

Fedro – Por Zeus, caro Sócrates! Talvez seja assim.

Sócrates – Eu me envergonharia diante de tal homem. Além disso, tenho medo de Eros. Por este motivo, quero agora lavar com um discurso suave o ouvido cheio de água salgada. Aconselho também a Lísias que escreva tão cedo quanto possível um discurso declarando que, em igualdade de circunstâncias, antes se devem conceder favores ao que ama do que ao que não ama.

Fedro – Fica sossegado, que ele saberá disto. Se tu fizeres agora o elogio do amante, terei de obrigar Lísias a escrever um discurso no mesmo sentido.

Sócrates – Confio nisso, enquanto permaneceres o que és.

Fedro – Então fala com toda a confiança!

Sócrates – Mas onde está o rapaz para quem falei? Quero que ele ouça também isto, a fim de que não vá prestar favores inconsideradamente a alguém que não o ama.

Fedro – Esse rapaz está junto de ti sempre que o desejares.

Elogio do amor

Sócrates – "Então imagina, encantador rapaz. que o discurso anterior foi proferido por Fedro, filho do mirrimúsio Pitocles, e o que eu agora pronunciarei, por Estesicoro, filho do himereu Eufemo. O início deve ser: não foi verídico este discurso ao dizer que, apesar de se ter um amante, é prudente conceder mais favores ao não-apaixonado, porque aquele é louco, enquanto que este possui discernimento. Isto seria verdade se a loucura fosse apenas um mal; mas, na verdade, porém, obtemos grandes bens de uma loucura inspirada pelos deuses. A profetisa de Delfos e as sacerdotisas de Dodona prestam grandes serviços às pessoas e aos estados da Grécia quando estão em delírio. Em seus momentos lúcidos praticam somente coisas sem importância, ou nada fazem. E seria supérfluo dizer que a Sibila e outros adivinhos, agindo sob a inspiração divina e predizendo o futuro, corrigiram muitas coisas, como todos sabem. E esse fato deve ser mencionado como prova de que também os antigos, inventores dos nomes das coisas, não consideravam a loucura como desprezível ou desonesta. Deram eles à arte de prever o futuro o nome de "maniké", "mania", considerando-a como uma dádiva dos deuses, um bem. Os contemporâneos, que não entendem as belas palavras, introduziram, sem nenhum propósito nessa palavra, um "t", transformando-a em "mantiké", a arte divinatória. Ao contrário, a investigação do futuro, feita por homens que não são inspirados, que observam o voo dos pássaros e outros sinais, é a "oionoistike", pois esses adivinhos procuraram atribuir ao pensamento humano (oiêsis) a inteligência (nous) e o conhecimento (istoria). Os modernos, mudando o antigo "o", no enfático "ó", deram a essa arte o nome de "oiônoistike". Assim, o dom da profecia supera em perfeição e em dignidade a arte dos augúrios, tanto no nome como na própria

coisa - e assim também o delírio que provém dos deuses é mais nobre que a sabedoria que vem dos homens. Assim nos garantiam os antigos. Quando as epidemias e os terríveis flagelos caiam sobre os povos como castigo de pecados antigos, o delírio, tomando conta de alguns mortais e inspirando-lhes as profecias, levou-os a descobrir remédios aos males e o refúgio contra a ira divina nas preces e nas cerimônias expiatórias. Foi, pois, ao delírio que se deveram as purificações e os ritos misteriosos que preservaram dos males atuais e vindouros o homem realmente inspirado, animado de espírito profético, revelando-lhe, ao mesmo tempo, o meio de se libertar desses males. Há ainda uma terceira espécie de delírio: é aquele inspirado pelas Musas. Quando ele atinge uma alma virgem e pura, transporta-a para um mundo novo e inspira-lhe odes e outros poemas que celebram as gestas dos antigos e que servem de ensinamentos às novas gerações. Mas quem se aproxima dos umbrais da arte poética, sem o delírio que é provocado pelas Musas, julgando que apenas pelo intelecto será bom poeta, sê-lo-á imperfeito, pois que a obra poética inteligente empalidece perante aquela nascida do delírio. Essas são as vantagens do delírio que derivam dos deuses. Não devemos pois temer nem nos deixar perturbar por um discurso no qual se afirma que se deve preferir ao apaixonado o sensato. É o primeiro que deve receber os louros da vitória, pois o amor foi enviado ao amante e ao amado, não pela sua utilidade material, mas, ao contrário - e é o que mostraremos -, esse delírio lhes foi incutido pelos deuses para sua felicidade. Essa prova suscitará o desdém dos maus, mas persuadirá os sábios. Nessas condições. o que desde logo é necessário fazer é indagar qual é a verdade acerca da natureza da alma, observar seus estados e obras, indagar se a sua natureza é divina ou humana.

Necessidade de saber o que é a alma

Partiremos do seguinte princípio: Toda alma é imortal, pois aquilo que se move a si mesmo é imortal. O que move uma coisa, mas é por outra movido, anula-se, uma vez terminado o movimento. Somente o que a si mesmo se move, nunca saindo de si, jamais acabará de mover-se, e é, para as demais coisas movidas, fonte e início de movimento. O início é algo que não se formou, sendo evidente que tudo o que se forma, forma-se de um princípio. Este princípio de nada proveio, pois que se proviesse de uma outra coisa não seria princípio. Sendo o princípio coisa que não se formou, deve ser também, evidentemente, coisa que não pode ser destruída. Se o principio pudesse se anular, nem ele mesmo poderia nascer de uma outra coisa, nem dele outra coisa, porque necessariamente tudo brota do princípio. Concluindo, pois, o principio do movimento é aquilo que a si mesmo se move. Não pode desaparecer nem se formar, do contrário o universo e todas as gerações parariam e nunca mais poderiam ser movidos. Pois bem, o que a si próprio se move é imortal. Quem isso considerar como essência e caráter da alma, não terá escrúpulo nessa afirmação. Cada corpo movido de fora é inanimado. O corpo movido de dentro é animado, pois que o movimento é da natureza da alma. Se aquilo que a si mesmo se move não é outra coisa senão a alma, necessariamente a alma será algo que não se formou. E será imortal. Sobre a imortalidade, isso bastará. Mas quanto ao seu caráter, assim devemos explicá-lo:

O mito da parelha alada

O caracterizá-la daria ensejo para divinos e longos discursos. Representá-la numa imagem já é coisa que se possa fazer num discurso

humano de menores pretensões. A alma pode ser comparada com uma força natural e ativa, constituída de um carro puxado por uma parelha alada e conduzido por um cocheiro. Os cavalos e os cocheiros das almas divinas são bons e de boa raça, mas os dos outros seres são mestiços. O cocheiro que nos governa rege uma parelha na qual um dos cavalos é belo e bom, de boa raça, enquanto o outro é de raça ruim e de natureza arrevesada. Assim, conduzir nosso carro é ofício difícil e penoso. Cabe ainda explicar a razão pela qual, entre os seres animados, uns são mortais e outros imortais. A alma universal rege a matéria inanimada e manifesta-se no universo de múltiplas formas. Quando é perfeita e alada, paira nas esferas e governa a ordem do cosmos. Mas quando perde as suas asas, decai através dos espaços infinitos até se consorciar a um sólido qualquer, e aí estabelece o seu pouso. Quando reveste a forma de um corpo terrestre, este começa. graças à força que lhe comunica a alma, a mover-se. É a este conjunto de alma e de corpo que chamamos de ser vivo e mortal. Quanto à denominação de imortal, isto é algo que não podemos exprimir de uma maneira racional. Nós conjeturamos, sem disso termos experiência alguma nem a suficiente clareza, que um ser imortal seria a combinação de uma alma e de um corpo que se unem para toda a eternidade. Mas isso depende de Deus. Expliquemos agora de que modo as almas perdem as asas. A tarefa da asa consiste em conduzir o que é pesado para as alturas, onde habita a raça dos deuses. A alma participa do divino mais do que qualquer outra coisa corpórea. O que é divino é belo, sábio e bom. Dessas qualidades as asas se alimentam e se desenvolvem, enquanto todas as qualidades contrárias, como o que é feio e o que é mau, fazem-na diminuir e fenecer. Zeus, o grande condutor do céu, anda no seu carro alado a dar ordens e a cuidar de tudo. O exército dos deuses e dos demônios segue-o, distribuído em onze tribos. Héstia é a única entre os seres divinos que permanece em casa. Cada um dos outros

onze deuses é o guia da sua tribo ordenada. Há muitos e agradáveis espetáculos e caminhos no céu, por onde anda a grande família dos deuses, fazendo cada um deles o que lhe está afeito e seguindo-os aqueles que os podem seguir. Quando se dirigem para o banquete que os espera, os carros sobem por um caminho escarpado até o ponto mais elevado da abóbada celeste. Os carros dos deuses que se mantêm em equilíbrio, graças à docilidade dos corcéis, sobem sem dificuldade. Os outros grimpam com dificuldade porque o cavalo de má raça inclina e puxa o carro para a terra. Isso dá então grande trabalho para a alma. As almas daqueles que chamamos imortais, logo que atingem a abóbada celeste aí se mantêm; movem-se em grandes círculos e podem então contemplar tudo o que fora dessa abóbada abarca o Universo.

O céu platônico

Nenhum poeta jamais cantou nem cantará a região que se situa acima dos céus. Vejamos, todavia, como ela é. Se devemos dizer sempre a verdade, quanto mais obrigados o seremos ao falarmos da própria verdade. A realidade sem forma, sem cor, impalpável só pode ser contemplada pela inteligência, que é o guia da alma. E é na Ideia Eterna que reside a ciência perfeita, aquela que abarca toda a verdade. O pensamento de um Deus nutre-se de inteligência e de ciências puras. O mesmo se dá com todas as almas que procuram nutrir-se do alimento que lhes convém. Quando a alma, depois da evolução pela qual passa, chega a conhecer as essências, esse conhecimento das verdades puras a mergulha na maior felicidade. Depois de haver contemplado essas essências, volta a alma a seu ponto de partida. E, alguma longo da revolução pela qual passou, ela pôde contemplar a Justiça, e a Ciência - não estas que conhecemos, sujeitas às mudanças

e que são contingentes aos objetos - mas a Ciência que tem por objeto o Ser dos Seres. Quando assim contemplou as essências, quando se saciou a sua sede de conhecimento, a alma mergulha novamente na profundeza do céu e volta ao pouso. E após a volta da alma, o condutor leva os cavalos a manjedoura e dá-lhes ambrosia e néctar. Essa é a vida dos deuses. A sorte das outras almas é porém esta: Elas tudo fazem para seguir os deuses, seu condutor ergue a cabeça para a região exterior e se deixam levar com a rotação. Mas, perturbadas pelos corcéis do carro, apenas vislumbram as realidades. Ora levantam, ora baixam a cabeça, e, pela resistência dos cavalos, veem algumas coisas mas não vêem outras. Outras há ainda que, nostálgicas, seguem atabalhoadas acompanhando a rotação, incapazes de se levantar, empurrando-se e derrubando-se umas às outras, quando alguma pretende passar adiante. Há confusão e briga, e abundante suor. Muitas saem feridas, por culpa dos cocheiros. Muitas partem as penas de suas asas. Todas, após esforços inúteis, não conseguindo se elevar até a contemplação do Ser Absoluto, caem, e sua queda as condena à simples Opinião. A razão que atrai as almas para o céu da Verdade é que somente ai poderiam elas encontrar o alimento capaz de nutri-las e de desenvolver-lhes as asas, alimento que conduz a alma para longe das baixas paixões. É uma lei de Adrástea: toda a alma que segue a de um deus, contempla algumas das Verdades: fica isenta de todos os males até nova viagem, e, se o seu voo continuar vigoroso, ela ignorará eternamente o sofrimento. Mas, quando não pode seguir os deuses, quando devido a um erro funesto ela se enche de alimento impuro, de vício e esquecimento, torna-se pesada e precipita-se sem asas ao solo. Uma lei estabelece que, no primeiro nascimento terreno, a alma não entra no corpo de um animal; aquela que mais Verdades contemplou gerará um filósofo, um esteta ou um amante favorito das Musas; a alma de segundo grau irá formar um rei legislador, guerreiro ou dominador;

a de terceiro grau formará um político, um economista ou financista; a do quarto, um atleta incansável ou um médico; a do quinto seguirá a vida de um profeta ou adepto dos mistérios; a do sexto terá a existência de uma poeta ou qualquer outros produtor de imitações; a do sétimo, a de um operário ou camponês; a do oitavo, a de um sofista ou demagogo; a do nono, a de um tirano. Quem em todas estas situações, praticou a justiça moral, terá melhor sorte. Quem não a praticou cai em situação inferior. Para o ponto de que saiu uma alma não voltará ela senão passados 10.000 anos, pois, antes disso, não recebe asas. Fazem exceção as almas dos filósofos sinceros e dos que amam os rapazes com amor filosófico. Saem alados no terceiro milênio, se por três vezes seguidas escolheram a vida do filósofo. Quanto às outras almas, terminada a primeira vida, passam por um julgamento. Umas vão para lugares de penitência, abaixo da terra, para sofrerem o castigo; outras sobem, por sentença, a um lugar do céu onde desfrutam as recompensas das virtudes que praticaram na vida terrestre. No milésimo ano, cada alma destas duas espécies tira a sorte e escolhe uma segunda vida, obtendo o que merece! Assim, uma alma humana pode entrar em corpo de animal, e a alma de um animal pode ir animar um corpo de homem, desde que já uma vez tenha sido homem.

A ideia e a reminiscência

A alma que não evoluiu e nunca contemplou a verdade não pode tomar a forma humana. A causa disso é a seguinte: a inteligência do homem deve se exercer de acordo com aquilo que se chama Ideia; isto é, elevar-se da multiplicidade das sensações à unidade racional. Ora, esta faculdade nada mais é que a reminiscência das Verdades Eternas que ela contemplou quando acompanhou a alma divina nas

suas evoluções. Por isso, convém que somente a alma do filósofo tenha asas: nele a memória, pela sua aptidão, permanece sempre fixada nessas Verdades, o que o torna semelhante a um deus. E apenas pelo bom uso dessas recordações que o homem se torna verdadeiramente perfeito, podendo receber em alto grau as consagrações dos mistérios. Um homem desses se desliga dos interesses humanos e dirige seu espirito para os objetos divinos; a multidão o considera louco, sem perceber que nele habita a divindade. Depois de tudo o que dissemos, chegamos à quarta espécie de delírio: ocorre quando alguém neste mundo vê a beleza. Recorda-se este da beleza verdadeira, recebe asas e deseja voar para o alto; não o podendo, porém, volta seu olhar para o céu esquecendo os negócios terrenos e dando desse modo a saber que está delirante. De todos os entusiasmos este é o melhor e da mais pura origem; saudável para quem o possui e dele participa. Quem delira assim, ama o que é belo e chama-se amante. Como já disse, a alma humana, dada a sua própria natureza, contemplou o Ser verdadeiro. De outro modo nunca poderia animar um corpo humano. Mas as lembranças desta contemplação não despertam em todas as almas com a mesma facilidade. Uma apenas entreviu o Ser verdadeiro; outra, após a sua queda, movida pela iniquidade, esqueceu os mistérios sagrados que um dia contemplou. Portanto, são poucas as almas cuja recordação é bastante clara. Quando elas percebem um objeto que é semelhante a um outro de lá, assustam-se e têm a mesma incerteza daqueles que não conhecem bem um objeto porque não o percebem com nitidez. Pois bem: os arremedos humanos da justiça e da sabedoria, e todas as outras qualidades da alma, não têm fulgor nas suas imagens terrestres e, observando-as com sentidos fracos, somente poucos, e com dificuldade, reconhecem, nessas imagens, o modelo daquilo que representam. Mas a beleza era visível em todo o seu esplendor quando, na corte dos bem-aventurados, deparávamos com

o espetáculo ridente em que uns seguiam a Zeus e alguns entre nós a outros deuses. Iniciados nos mistérios divinos, nos os celebrávamos puros e livres, isentos das imperfeições em que mergulhamos nos curso ulterior do nosso caminho. A integridade, a simplicidade, a imobilidade, a felicidade eram as visões que a iniciação revelava ao nosso olhar, imersas numa pura e clara luz. Não tínhamos mácula nem tampouco contato com esse sepulcro que é o nosso corpo ao qual estamos ligados como a ostra à sua concha. Perdoa-me ter sido tão longo... São lembranças dos passados esplendores que já não voltam! Quanto à beleza - como te disse -, ela brilhava entre todas aquelas Ideias Puras, apesar de nossa prisão terrenas, seu brilho ainda ofusca todas as outras coisas. A visão é anda o mais sutil de todos as nossos sentidos. Não pode, contudo, perceber a sabedoria. Despertaria amores veementes se oferecesse uma imagem tão clara e nítida quanto as que podíamos contemplar para além do céu. Somente a beleza tem esta ventura de ser a coisa mais perceptível e arrebatadora. Aquele que não foi iniciado ou que se corrompeu, não se eleva com ardor para o além, para a beleza em si mesma. Apenas conhece o que aqui se chama belo, e não adora aquilo que vê. Como um quadrupede. dedica-se ao prazer sensual, tratando de unir-se sexualmente e de procriar filhos. Se for dado à intemperança, não terá medo nem vergonha de se entregar aos prazeres contra a natureza. O que foi iniciado há pouco, e que outrora muito contemplou, ao ver um rosto divino ou um corpo que bem encarna a beleza, sente certa estranheza e um pouco da antiga emoção e volta, pois, a olhar este belo corpo, adora-o como adoraria um deus. E, se não tivesse receio de ser considerado monomaníaco, ofereceria sacrifícios ao objeto do seu amor como a um deus. Quando contempla o seu amor, apodera-se do amante uma crise semelhante à febre: modificam-se-lhe as feições, o suor poreja em sua fronte e um calor estranho corre pelas suas veias. Logo que percebe, através dos olhos,

a emanação da beleza, sente esse doce calor que alimenta as asas da sua alma. Esse calor derrete os entraves da vitalidade, aquilo que, pelo endurecimento, impedia a germinação. O afluxo do alimento produz uma espécie de intumescência, um sopro de crescimento no corpo das asas. Esse ímpeto vai se espalhar por toda a alma. Esta, quando as asas começam a desenvolver-se, ferve, incha e sofre da mesma maneira como padecem as crianças que, ao lhe nascerem novos dentes, sentem pruridos e irritação nas gengivas. Também a alma freme, padece e sente dores, ao lhe crescerem as asas. Quanto contempla a beleza de um belo objeto, e dele provêm corpúsculos que saem e se separam - o que gera a vaga de desejo (Himeros), a alma encontra então o alívio para as dores e a alegria. Mas, quando está separada do amado, fenece. E as aberturas pelas quais saem as asas também contraem e, fechando-se, impedem a saída da asa, que, presa no interior juntamente com a vaga do desejo a palpitar nas artérias, faz pressão em cada saída sem abrir caminho. Deste modo a alma toda, atormentada em seu próprio âmago, sofre e padece, e no seu frenesi não encontra mais repouso. Impelida pela paixão, ela se lança à procura da beleza. Quando a revê ou a encontra de novo, reabrem-se-lhe os poros. A alma respira novamente e já então não sente o aguilhão da dor e goza, nesse momento, da mais deliciosa volúpia. Por isso não a abandona voluntariamente. Nada tem mais valor para ela do que a beleza. Esquece mãe, irmãos e os amigos. Nem se preocupa com a fortuna perdida, nem respeita as leis e os bons costumes; está disposta a ser escravizada pelo amado e ao seu lado dorme tão próximo quanto o permitirem os outros. Ela adora aquilo que ostenta beleza, pois nela encontrou o remédio às maiores doenças. Os homens, belo jovem a quem se dirige o meu discurso, chamam a tudo isso de amor mas, ao ouvir como os deuses o chamam, talvez te rias. Devido à tua pouca idade. Creio que alguns Homéridas recitam dois versos sobre Eros: o segundo dos

quais, embora não seja de prosódia muito elegante, é o seguinte: "Os mortais o chamam de Eros, o deus alado. Os imortais, de "Pteros", por fornecer asas". Pode-se aceitar ou não, mas a verdade é que isso explica a paixão dos amantes e sua causa. Um companheiro de Zeus é capaz de suportar mais facilmente a perturbação causada pelo deus alado. Os companheiros de Ares, com o qual fizeram a rotação, sendo atacados por Eros e crendo que pelo amado são injuriados, são tomados de fúria assassina e sacrificam-se a si próprios e aquilo que amam. E assim sucede a respeito de cada deus. Cada humano adora o deus de quem foi companheiro. Imita-o como pode enquanto não está pervertido e enquanto aqui vive, depois do primeiro nascimento. Assim, todos imitam o seu deus nas relações amorosas e nas outras. Cada um escolhe o seu amor de acordo com o respectivo caráter e passa a vê-lo como seu deus, eleva-lhe uma estátua no seu coração, enfeita-o para adorá-lo e celebra os seus mistérios. Os companheiros de Zeus buscam alguém que tenha alma semelhante a Zeus. Avaliam se ele tem viés de filósofo e de chefe, e quando encontram o que desejavam, tudo fazem para nele desenvolver os dons desse deus. Se antes não viviam sob o signo desse deus, agora dedicam-se inteiramente a cultivar as qualidades do deus e muito trabalham para aperfeiçoá-las pelo ensino, com toda energia. Outros procuram descobrir em si o caráter do seu deus e, se o conseguem, a isso se entregam. Quando o conseguem apanhar pela lembrança, são tomados de entusiasmo e poem-se a imitar, tanto quanto é possível ao homem, os hábitos e costumes divinos. Considerando o amado como causa desse fado, passam a amá-lo ainda mais. Se tiram o seu alimento de Zeus, como as Bacantes, eles o espalham sobre a alma do objeto amado e a fazem tanto quanto possível semelhante à do seu deus. Os seguidores de Hera procuram alguém que possua qualidades régias e, encontrando-o, também em tudo se comportam como reis. Os seguidores de Apolo

e de cada um dos outros deuses também regulam seu procedimento conforme o deus a quem seguiram. Imitam-no, persuadem os amantes, convencendo-os e conformando-os ao costume e exemplo dos seus deuses. Em vez de sentirem inveja do amado, esses amantes fazem tudo para tornar os seus amados semelhantes a eles mesmos ou aos deuses que adoram. E desse zelo que estão animados os verdadeiros amantes. Se conseguem que o amado divida com eles o mesmo interesse, o mesmo amor, a sua vitória é, ao mesmo tempo, uma iniciação. O amado que se deixa conquistar por um amante que delira assim, entrega-se a uma nobre paixão que será, para ele, uma fonte de felicidades. É assim que tem lugar também desse modo.

As alternativas do amor

No princípio do mito dividi cada alma em três partes, sendo dois cavalos, e a terceira, o cocheiro. Assim devemos continuar. Dissemos que um dos cavalos é bom e o outro não. Esclareçamos agora qual é a virtude do bom e a maldade do outro. O cavalo bom tem o corpo harmonioso e bonito; pescoço altivo, focinho curvo, cor branca, olhos pretos; ama a honestidade e é dotado de sobriedade e pudor, amigo como é da opinião certa. Não deve ser fustigado e sim dirigido apenas pelo comando e pela palavra. O outro - o mau - é torto e disforme; segue o caminho sem firmeza; com o pescoço baixo, tem um focinho achatado e a sua cor é preta; seus olhos de coruja são estriados de sangue; é amigo da soberba e da lascívia; tem as orelhas cobertas de pelos. Obedece apenas - a contragosto - ao chicote e ao açoite. Quando o cocheiro vê algo amável, essa visão lhe aquece a alma, enchendo-a de pruridos e desejos. O cavalo obediente ao guia, como sempre, obedece e a si mesmo se refreia. Mas o outro não respeita o freio nem o chicote do condutor. Aos

corcovos, move-se à força, embaraçando ao mesmo tempo o guia e o outro cavalo; obriga-os por fim a entregarem-se à volúpia. Os dois a princípio resistem, ficam furiosos, como se fossem coagidos a praticar um ato mau e imoral, mas acabam por se deixar levar e concordam em fazer o que manda o mau cavalo. E eles se dirigem ao amado para gozar de sua presença, que brilha ofuscante como um relâmpago. Quando o cocheiro vê o ser amado, a lembrança o reconduz para a essência da beleza. Este a revê no santo pedestal, ao lado da sabedoria, e ele se assusta, teme, e necessariamente puxa o freio. E com tal violência o retrai que ambos os cavalos recuam; o bom, voluntariamente e sem resistência; o ruim, entretanto, a contragosto. Afastam-se ambos do amado. Enquanto um, pela vergonha, banha de suor a alma, o outro, passada a dor causada pelo freio e pela queda, arfa ruidosamente, enraivece-se e luta com o condutor e o companheiro por terem abandonado o acordo por covardia e inépcia. Novamente, obriga-os a se aproximar, contra a vontade, não lhes concedendo muito repouso, e, depois de breve intervalo de receio, ele os lembra do amado esquecido e os obriga - aos relinchos e empuxões - a tentarem novo assalto ao objeto amado. E quando deste se aproximam, o mau cavalo se precipita, estende a cauda, morde o freio puxando- o sem pudor. Mas o cocheiro, ainda mais impressionado que antes, logo se retrai, repuxando com mais força o freio do cavalo mau. Escorre-lhe o sangue da língua e das mandíbulas, apertadas que tem a um tempo as pernas e as ancas de encontro ao chão, pelos maus tratos do guia. Depois de sofrer tudo isso, o mau cavalo amansa e segue o governo do cocheiro. Agora, quando vê o belo, quase morre de medo. Só então a alma do amante segue, com receio e pudor aquele que ama. Entretanto, o jovem que se vê mimado e honrado como um deus pelo seu amante, tem desperta em si a necessidade de amar. Se antes, os seus amigos ou outras pessoas lhe denegriram esse sentimento, afirmando ser

vergonhoso tal consórcio amoroso, e se esses conselhos o afastaram do seu amante, o tempo que passa, a idade, a necessidade de amar e de ser amado, levam-no, de novo, aos braços do amante. Não é desígnio do fado que o malvado ame o malvado e que um homem virtuoso não possa ser amado pelo homem virtuoso. Quando o amado recebe o amante, que desfrutou da sua doçura e do seu convívio, compreende que o afeto de seus amigos e parentes em nada é comparável ao de um amante inspirado pelo delírio. Assim vivem, se veem e se tocam, ora nos estádios, ora em outros lugares. Assim nasce essa emanação que Júpiter, quando amara Ganimedes, chamou de desejo. Esse desejo se insinua no amante, e quando este se encontra cheio dele, transborda. Do mesmo modo que um zéfiro ou que um som refletido por um corpo sólido e polido, também as emanações da beleza, entrando pelos olhos através dos quais - como lhe é natural - atingem a alma, volta esta ao belo, estende as asas e, molhando-as, as torna capazes de gerar novas asas, inundando também de amor a alma do amado. Ele ama, mas sem saber o quê. Nem sabe, nem pode dizer o que aconteceu consigo; assim como um contaminado de oftalmia desconhece a origem de seu mal, assim também o amado, no espelho do amante, viu-se a si mesmo sem dar por isso. Na presença do amado a dor do amante se esvai, e o mesmo sucede com este na presença daquele. Quando o outro está longe, o amante sente tristeza, e da mesma forma esta sacode o amado, porque ele abriga o reflexo do amor - acreditando, contudo, que se trata de amizade, e não de amor. Embora com menor intensidade, deseja aproximar-se do outro, vê-lo, tocá-lo, acariciá-lo, deitar-se ao seu lado e, assim, não tardará a satisfazer o seu desejo. Enquanto está a seu lado, o corcel indócil do amante tem muitas coisas a dizer ao cocheiro. Como recompensa de tantos sofrimentos, ele apenas pede um instante de prazer. O corcel do amado nada diz, mas, sentindo algo que ele não compreende, toma o amante

nos braços e cobre-o dos mais ternos beijos. Não tem forças para recusar os favores que o amigo lhe pede. Mas o bom corcel e o cocheiro resistem, em nome do pudor e da razão. Se a melhor parte da alma sair vitoriosa e os conduzir a uma vida bem ordenada e filosófica, eles passarão o resto de sua vida felizes e em harmonia, sob o comando da honestidade, reprimindo a parte da alma que é viciosa e libertando a outra que é virtuosa. E ao morrer recebem asas e ficam leves, pois venceram um dos três combates verdadeiramente olímpicos, o maior bem que a sabedoria humana ou a loucura divina podem proporcionar a um homem. Mas se se entregam a uma vida em comum sem filosofia, e contudo honesta, poderá suceder que os dois corcéis rebeldes assumam o domínio num momento de embriaguez ou de descuido. Os cavalos indomáveis dos dois amantes, dominando suas almas pela surpresa, os conduzirão ao mesmo fim. Eles se entregarão ao tipo de vida mais invejável aos olhos de vulgo, e se atirarão aos prazeres. Satisfeitos, gozarão ainda estes mesmos prazeres, mas raramente, porque esses mesmos prazeres não terão aprovação da alma. Terão uma afeição que os ligará, mas que será sempre menos forte do que aquela que liga os que verdadeiramente amam. Acalmado o delírio, ainda pensam estar unidos pelos mais preciosos compromissos. Creem que seria sacrílego desfazer essa união e abrir seus corações ao ódio. Terminada a experiência terrena, impacientes para tomarem novas asas, as almas abandonam os seus corpos, encerrando com recompensa o seu delírio amoroso. A lei divina não permite, aliás, àqueles que iniciaram sua jornada cósmica juntos, que caiam nas trevas subterrâneas. Esses passam uma vida feliz e cheia de ventura numa eterna união e, ao receberem asas, recebem-nas juntos, em virtude do amor que os uniu na terra. São essas coisas divinas, rapaz, que te darão o amor daquele que ama com paixão. O amor que não tem paixão, daquele que apenas possui a sabedoria mortal e que se apega aos bens do mundo, só

gera na alma do amado a prudência do escravo, à qual o vulgo dá o nome de virtude mas que o fará vagar, privado da razão, na terra e sob a terra durante nove mil anos. É esta, o Amor!, a mais bela e a melhor palinódia que te posso oferecer como expiação do meu crime. Se o meu discurso foi por demais poético, a culpa cabe a Fedro, que a isso me obrigou. Perdoa-me o meu primeiro discurso e recebe este com indulgência; lança sobre mim um olhar benevolente e amigo. Não esmoreças em mim essa arte de amar de que me fizeste o dom. Ao contrário, lembra-me sempre para que eu aprecie, cada vez mais, a beleza. Se Fedro e eu te ultrajamos grosseiramente, acusa disso Lísias, que gerou aquele discurso, e obriga-o a que se volte para a filosofia, que seu irmão Polemarco já segue, a fim de que seu amante, que me ouve, livre da incerteza que ora o assola, possa consagrar, sem preconceitos, toda sua vida ao amor que é orientado pela filosofia.

Fedro – Junto minha prece à tua, caro Sócrates, para que isso se realize. Quanto a teu discurso, ele me causa admiração, e tanto mais quanto sua beleza ultrapassa a do primeiro. Receio que Lísias se mostre impotente, caso queira escrever outro discurso para rivalizar com esse. Foi bem por causa disso, meu amigo, que um dos nossos políticos censurou a Lísias. Disse que ele escrevia demais, que era um "logógrafo", um "escritor de discursos". E bem possível até que Lísias, por amor próprio, desista de escrever.

Sócrates – Que ideia singular, rapaz! Conheces muito mal o teu amigo se julgas que ele se incomoda de ser repreendido. Pensas também que esse crítico falou seriamente?

Fedro – Mostrava grande convicção, caro Sócrates. Além disso, sabes tão bem quanto eu que os homens mais poderosos e mais

eminentes num Estado receiam escrever discursos e deixá-los à posteridade: temem que as gerações seguintes os taxem de sofistas.

Sócrates – Tu pareces entender muito pouco das vicissitudes devidas à vaidade: além disso não percebes que os nossos políticos mais orgulhosos são os que mais adoram fazer discursos e deixá-los à posteridade. Quando confiam sua eloquência ao papel, mostram tanta afeição aos seus elogiadores que os mencionam um por um.

Fedro – Que queres dizer? Não te entendo.

Sócrates – Será novidade para ti que, nos escritos de um político, vem em primeiro lugar o nome daquele que o elogia?

Fedro – Como assim?

Sócrates – Diz. por exemplo: "o conselho decretou" ou "o povo decretou", e, por vezes, "o conselho e o povo decretaram". Segue-se o nome de quem falou, e nesta altura o autor fala solenemente de si, louvando-se, ostentando sua sabedoria aos que são do seu partido, às vezes com grande abundância de palavras. Consideras um livro desse género algo diferente de um discurso escrito?

Fedro – Por certo que não.

Sócrates – Ora. quando a coisa é aprovada, o autor sai do teatro muito satisfeito, mas quando a proposta é rejeitada falta-lhe pretexto para publicar o seu discurso, e este parece indigno de registro, de modo que tanto ele como seus partidários se entristecem.

Fedro – Perfeitamente.

Sócrates – E é claro que se entristecem não porque desprezem esse costume. Mas porque o admiram.

Fedro – Sim, é claro.

Sócrates – Pensa também nisto: quando um rei é bastante hábil, quando tem o poder de um Licurgo, de um Sólon ou de um Dario para se tornar o imortal autor de discursos políticos, não considera ele a si próprio, em vida, como semelhante a um deus? E os pósteros, lendo-lhe as obras, não têm a mesma opinião a seu respeito?

Fedro – Exatamente.

Sócrates – Acreditas que um homem dessa espécie, sendo inimigo de Lísias, o censure simplesmente porque ele escreve discursos?

Fedro – Aceitando teu argumento, isso não é provável; tal homem estaria repreendendo a si mesmo.

Sócrates – Ora, é evidente para todos que a ocupação de escrever discursos, em si, não é coisa desonesta.

Fedro – Pois claro!

Sócrates – Além disso, que é escrever bem e escrever mal? Meu querido Fedro: deveremos consultar Lísias e outros homens competentes sobre esta questão? Será necessário seu parecer para cada um que escreveu ou escreverá, quer sua atividade literária se relacione à política, quer à vista particular, quer ele escreva ritmicamente como poeta, quer em prosa como qualquer outro?

Fedro – Me perguntas se devemos fazer isso? Mas teríamos uma

razão para viver se não fosse para esse prazer? E certo que tais prazeres não são de ordem dos que vêm precedidos de uma dor, indispensável ao prazer. Ora, esse é o caráter de todos os prazeres que estão ligados ao corpo, e por isso os chamam de servis.

Sócrates – Creio que ainda temos tempo. Entretanto, parece-me que as cigarras, que no meio do dia costumam cantar e chiar acima de nossas cabeças, estão nos olhando. Se elas nos vissem a esta hora cochilando como homens comuns e sem assunto, como se o cansaço embotasse o nosso pensar, teriam o direito de rir de nós, e considerar-nos-iam como escravos que tivessem vindo visitá-las e procuraram este bonito lugar apenas para dormir à hora da canícula, como as ovelhas junto a uma fonte. Vendo, porém, que conversamos e prosseguimos nossa viagem sem nos deixarmos cativar, pelo seu canto de sereias, talvez se admirem e nos deem, de bom grado, o presente honorífico que receberam como favor dos deuses, a fim de conferi-lo aos homens.

Fedro – Elas possuem tal coisa? Não me parece que já tenha ouvido falar nisso.

O mito das cigarras

Sócrates – Para um homem tão amigo das Musas não convém ignorá-lo. Dizem que as cigarras foram homens outrora, homens que viveram antes de terem nascido as Musas. Quando estas vieram ao mundo e tiveram início as canções, alguns daqueles homens deixaram-se cativar de tal modo que, embevecidos nelas, esqueceram-se de comer e de beber, até que morreram sem mesmo se dar conta. Desses homens provém o gênero das cigarras, que

recebeu das Musas o honroso privilégio de não precisar de alimento durante sua vida; sendo capazes de cantar, do nascimento à morte, sem comer nem beber. Vão elas ter com as Musas e lhes indicam os homens que aqui na terra lhes prestam culto. A Terpsicore dizem o nome dos que as honram dançando nos coros, e os tornam mais estimados por ela; a Erato apontam os que as exaltam com poesias amorosas, e assim a todas as outras, de acordo com a arte que presidem. A mais velha Musa, porém, a Calíope, e a Urânia, que nasceu depois dela, as cigarras dizem quais são os homens que se dedicam à filosofia e exercem a arte por elas protegida; pois essas duas cantam melodias mais belas do que todas as outras Musas; dirigem seus cantos ao céu e fazem discursos sobre as coisas divinas e sobre as humanas. Por esse motivo, ao meio-dia, temos de conversar sobre o que quisermos, mas nunca dormir.

Fedro – Sim, sim, conversemos! As condições da obra de arte.

Sócrates – Pensemos pois sobre o que há pouco estávamos discutindo: examinaremos o que seja recitar ou escrever bem um discurso, e o seu contrário, fazê-lo mal.

Fedro – Isso mesmo.

Sócrates – Pois bem: não será necessário que o orador seja bom conhecedor e de fato bem informado sobre a verdade do assunto de que vai tratar?

Fedro – A esse respeito, Sócrates, ouvi o seguinte: para quem quer tornar-se orador consumado não é indispensável conhecer o que de fato é justo, mas sim o que parece justo para a maioria dos ouvintes, que são os que decidem; nem precisa saber tampouco o que é bom

ou belo, mas apenas o que parece tal - pois é pela aparência que se consegue persuadir, e não pela verdade.

Sócrates – Não se deve desdenhar, caro Fedro, da palavra hábil, mas antes refletir sobre seu significado. O que acabas de dizer merece toda a nossa atenção.

Fedro – Tens razão.

Sócrates – Examinemos, pois, essa afirmação.

Fedro – Sim.

Sócrates – Imagina que eu procuro persuadir-te a comprar um cavalo para defender-te dos inimigos, mas nenhum dos dois saiba o que seja um cavalo; eu, porém, descobri por acaso uma coisa: "Para Fedro, o cavalo é o animal doméstico que tem as orelhas mais compridas"...

Fedro – Isso seria ridículo, querido Sócrates.

Sócrates – Um momento. Ridículo seria se eu quisesse seriamente persuadir-te a que escrevesses um panegírico do burro, chamando-o de cavalo e dizendo que é muitissimo útil comprar esse animal para o uso doméstico, bem como para expedições militares; que ele serve para montaria de batalha, para transportar bagagens e para diversos outros misteres.

Fedro – Isso seria ainda ridículo.

Sócrates – Um amigo que se mostra ridículo não é preferível a quem se revela como perigoso e nocivo?

Fedro – Não há dúvida.

Sócrates – Quando um orador, desconhecendo o que seja a natureza do bem e do mal. Encontra os seus concidadãos na mesma ignorância e os persuade, não a tomar a sombra de um burro por um cavalo, mas o mal pelo bem; quando, conhecedor dos preconceitos da multidão, ele a impele para o mau caminho - nesses casos, a teu ver, que frutos a retórica poderá recolher daquilo que ela semeou?

Fedro – Não pode ser muito bom fruto.

Sócrates – Mas vejamos, meu caro: não teremos nós sido muito rigorosos em nossas censuras contra a arte retórica? Pode suceder que ela responda: "que estais a tagarelar, homens ridículos? Eu não obrigo ninguém - dirá ela - que ignore a verdade a que aprenda a falar. Mas aquele que seguir o meu conselho tratará de adquirir primeiro os conhecimentos acerca da verdade para, depois, se dedicar a mim. Mas uma coisa posso afirmar com orgulho: sem as minhas lições, a posse da verdade de nada servirá para persuadir".

Fedro – E não teria ela razão dizendo isso?

Sócrates – Reconheço que sim, desde que os argumentos usuais provem que de fato a retórica é uma arte; mas, se não me engano, tenho ouvido algumas pessoas atacá-la e provar que ela não é arte, mas sim um negócio que nada tem que ver com a arte. O lacônio declara: "não existe arte retórica propriamente dita sem o conhecimento da verdade, nem haverá jamais tal coisa".

Fedro – Para demonstrá-lo, ó Sócrates, será necessário apresentar esses argumentos. Traze-os aqui, e vejamos o que eles dizem!

Sócrates – Vinde, nobres criaturas! Convencei a Fedro. pai de belos filhos, de que, se não estudar convenientemente a filosofia, não poderá dissertar sobre coisa alguma! Mas tu, Fedro, responde!

Fedro – Pergunta.

A oratória

Sócrates – Não te parece que a retórica seja a arte de dirigir as almas por meio de palavras, não só nos tribunais e outras reuniões públicas, mas também entre particulares, tanto nos grandes como nos pequenos assuntos? Não te parece ser tão louvável empregá-la, assim como deve ser empregada, nos negócios importantes como nos de pouca monta? Não é o que tens ouvido dizer sobre este assunto?

Fedro – Não é bem isso, por Zeus! Acima de tudo, fala-se e escreve-se com arte nos julgamentos e nas assembleias do povo. Quanto ao mais, nunca ouvi qualquer referência.

Sócrates – Acaso não ouviste falar nas regras de retórica que Nestor e Ulisses escreveram perto de Ílion durante suas folgas? Não te falaram, também, das regras de Palamedes?

Fedro – Por Zeus que não! Nem das de Nestor e de Ulisses, a não ser que o teu Nestor seja Górgias e Trasímaco e Teodoro um Ulisses.

Sócrates – Talvez. Mas deixemos de lado esses homens. Dize-me tu: como procedem nos tribunais os advogados dos litigantes? Não contradizem um ao outro? Ou não será bem assim?

Fedro – É exatamente assim.

Sócrates – Eles contradizem pois um ao outro a respeito do justo e do injusto?

Fedro – Sim.

Sócrates – E quem fizer isso com arte não conseguirá que a mesma coisa pareça aos mesmos homens ora justa, ou injusta, como melhor lhe convier?

Fedro – Sim.

Sócrates – E nas assembleias do povo ele não conseguirá que que mesma coisa pareça aos cidadãos do Estado, por vezes boa e outras má?

Fedro – É justamente o que sucede.

Sócrates – Não sabemos nós que o Palamedes eleático falava com tanta arte que a mesma coisa parecia aos seus ouvintes semelhante e dessemelhante, unidade e diversidade, imóvel e em movimento?

Fedro – Sim, sabemos.

Sócrates – Ora. não só em tribunais e nas assembleias do povo há discussões e contradições; em toda sorte de discursos a arte, caso exista, deve ser a mesma, permitindo que tudo se possa comparar e lançar luz sobre as comparações, tornar claro o que o adversário procura confundir ou obscurecer.

Fedro – Como a entendes tu, Sócrates?

Sócrates – Nossa indagação vai esclarecê-lo. Entre quais coisas é mais fácil que haja engano: nas que diferem muito ou pouco entre si?

Fedro – Nas que diferem pouco.

Sócrates – E o engano será menos notado se passarmos gradualmente de uma causa para o seu contrário, do que se o fizermos de um só salto?

Fedro – Evidentemente.

Sócrates – Pois bem: quem quer iludir alguém, sem se deixar iludir, deve conhecer com exatidão e detalhadamente a semelhança e dessemelhança dos objetos.

Fedro – Sim.

Sócrates – Um homem que não conhece as verdadeiras qualidades de cada coisa será capaz de perceber a maior ou menor semelhança entre um objeto desconhecido e os que já lhe são familiares?

Fedro – É impossível.

Sócrates – Torna-se pois evidente que aqueles cuja opinião não corresponde à realidade e que têm dela conceito errôneo, caem em tal erro porque foram iludidos por certas semelhanças.

Fedro – Sim, claro.

Sócrates – E se um homem ignorar as verdadeiras qualidades das coisas não poderá passar pouco a pouco da realidade ao seu contrário,

utilizando a sua arte por meio de semelhanças. Ou ser-lhe-á possível defender-se contra isso?

Fedro – Nunca.

Sócrates – Logo, meu caro amigo, quem não conhece a verdade, mas só alimenta opiniões, fará naturalmente da arte retórica uma coisa ridícula que não merece o mome de arte.

Fedro – Parece que sim.

Sócrates – Queres que procuremos agora, no discurso de Lísias que trazes contigo, bem como nos outros dois que pronunciamos, quais as coisas que chamamos de arte e quais as que não o são?

Fedro – Nada me daria maior prazer do que isso, pois até agora estivemos falando em regras abstratas; sem mencionar exemplos.

Sócrates – Parece que, por felicidade, os dois discursos contêm este exemplo: aquele que possui a verdade pode, facilmente, iludir seus ouvintes. Eu, porém, caro Fedro, atribuo isso aos deuses deste lugar; mas pode ser também que os arautos das Musas, os cantores acima de nossa cabeça, nos tenham inspirado; porque eu não tenho nenhum conhecimento da arte retórica.

Fedro – Pode ser; mas explica o que dizes!

Sócrates – Então lê o exórdio do discurso de Lísias.

Fedro – "Conheces os meus sentimentos e, como já me ouviste dizer, acredito que nos será proveitosa a realização deste desejo. Confio em que meu pedido não será feito em vão, pois não sou teu

amante. Os amantes, com efeito, ao saciarem sua concupiscência, arrependem-se..."

Sócrates – Basta. Devemos verificar qual é o erro do autor e em que ponto ele não se mostra à altura de sua arte, não é verdade?

Fedro – Sim.

Sócrates – Não é evidente que estamos de acordo em certos pontos e em outros temos opiniões diferentes?

Fedro – Acho que entendo o que queres dizer, mas fala com mais clareza!

Sócrates – Quando alguém usa as palavras "ferro" ou "prata", não pensamos todos a mesma coisa?

Fedro – Naturalmente.

Sócrates – Mas quando alguém diz "justo" ou "bom", não pensa um numa coisa e outro noutra? Não discordamos a esse respeito uns dos outros e até de nos mesmos?

Fedro – Sim, muito.

Sócrates – Muito bem; então em alguns assuntos concordamos; em outros não.

Fedro – Assim é.

Sócrates – Em que assuntos podemos ser iludidos com mais facilidade? Em qual dos dois casos a arte retórica tem mais poder?

Fedro – Evidentemente, em assuntos incertos e duvidosos.

Sócrates – Segue daí que quem quiser dedicar-se à arte retórica, deve primeiro ter distinguido entre esses dois gêneros de assuntos e compreendido o caráter de cada um deles; deve também saber em que casos a massa do povo duvida e em que casos a dúvida é impossível.

Fedro – O orador que alcançasse isso, caro Sócrates, possuiria por certo muita habilidade.

Sócrates – Sim, esse homem nunca teria dúvida, perceberia logo a qual dos dois gêneros pertence o assunto sobre que pretende falar.

Fedro – É claro.

Sócrates – Mas então, que diremos de Eros? Será ele um caso de dúvida, ou não?

Fedro – Evidentemente, é um dos assuntos sobre os quais paira dúvida. Ou acreditas que Eros te permitiria dizer o que há pouco disseste dele, afirmando primeiro que é uma desgraça para o amado, e depois descrevendo-o como o maior dos bens?

Sócrates – Falaste muito bem. Mas dize-me ainda uma coisa, pois, devido ao meu entusiasmo não me recordo bem: no início do meu discurso, dei uma definição do amor?

Fedro – Sim, por Zeus, e uma definição excelente.

Sócrates – Oh! então as ninfas do Aqueloo e o Pã de Hermes devem possuir muito mais arte quanto a discursos do que Lísias, o

filho de Céfalo! Ou porventura estarei enganado? Deu-nos Lísias, no começo do seu discurso sobre o amor, uma definição de Eros? Ordenou ele o discurso de acordo com essa definição para assim o realizar? Queres ver mais uma vez o princípio do discurso?

Fedro – Se quiseres, eu o farei; mas o que procuras não está aqui.

Sócrates – Lê, para que eu mesmo ouça o que ele diz!

Fedro – "Conheces os meus sentimentos e, como já me ouviste dizer, acredito que nos será proveitosa a realização deste desejo. Confio em que meu pedido não será feito em vão, pois não sou teu amante. Os amantes, com efeito, ao saciarem sua concupiscência, arrependem-se das vantagens que ofereceram..."

Sócrates – Este homem, ao que parece, está muito longe de oferecer-nos o que procuramos. Não começa o discurso pelo princípio, mas pelo fim, como alguns que tentam nadar de costas. Começa por examinar o que o amante poderia dizer ao amado depois de terminado o amor. Ou não será assim, Fedro?

Fedro – Sim, Socrates, ele só trata do fim.

Sócrates – E que mais diremos? Não te parece que as frases do discurso estão mal ordenadas? Nota-se que a segunda frase deveria necessariamente ocupar o segundo lugar, mas que o mesmo se poderia dizer das demais frases. Não sou competente em matéria de discursos, mas este me deu a impressão de que o autor deitou ao papel sem muito cuidado o que lhe veio à cabeça. Conheces tu alguma regra de retórica que possa justificar a ordem adotada por ele?

Fedro – Lisonjeias-me se pensas que eu seja capaz de penetrar todos os artifícios da eloquência de Lísias.

Sócrates – Mas acho que convirás nisto: todo o discurso deve ser constituído como um ser vivo e ter um organismo próprio; não deve lhe faltar a cabeça nem os pés, e tanto os órgãos centrais como os externos devem estar dispostos de modo a se ajustarem uns aos outros, e também ao conjunto.

Fedro – Naturalmente.

Sócrates – Ora, examina o discurso do teu amigo; dize-me se ele é assim! Verás que se assemelha muito à inscrição que, segundo alguns, foi gravada no sepulcro de Midas, rei da Frígia.

Fedro – Que inscrição?

Sócrates – Esta: "Sou uma virgem de bronze e repouso no sepulcro de Midas. Enquanto correr a água e as altas árvores voltares a ser verdes. De pé. sobre este túmulo regado de lágrimas, Direi a todos que passam: aqui repousa Midas." Sem dúvida, já deves ter notado que qualquer desses versos pode ocupar indiferentemente o primeiro ou o último lugar.

Fedro – Estás zombando do nosso discurso, caro Sócrates!

Sócrates – Vamos então deixá-lo de lado, para que não te enfades, embora esse discurso oferça vários exemplos cujo exame poderia ser muito útil a alguém que quisesse imitá-lo. Dirigiremos nossa atenção aos outros discursos, pois, a meu ver, eles contêm uma particularidade importante para os que desejam discutir sobre a arte oratória.

Fedro – A que te referes?

Sócrates – Os dois discursos se contradizem. Um afirmava que se devem conceder favores ao apaixonado, e o outro, ao não apaixonado.

Fedro – E afirmaram-no com muita habilidade.

Sócrates – Esperava que falasses a verdade, dizendo com muito furor: Não dissemos justamente que o amor é uma espécie de delírio?

Fedro – Sim.

Sócrates – Mas há dois tipos de delírio: um nasce de uma moléstia da alma, o outro de um estado divino que nos leva além das regras habituais.

Fedro – Perfeitamente.

Sócrates – Em seguida, classificamos o delírio divino em quatro espécies: um era o sopro profético de Apolo; outro, a inspiração mística de Dioniso; o terceiro, o delírio poético inspirado pelas Musas,e finalmente, a quarta espécie de delírio devia-se à influência de Afrodite e de Eros. Afirmamos que o delírio causado pelo amor é o melhor de todos. Não só como, nós que também somos atingidos pelo sopro do deus do amor, afastando e aproximando-nos da verdade ao fazer um discurso ao qual não faltava sentido - pudemos compor um hino mitológico ao amor, o deus dos jovens, o teu, o meu deus.

Fedro – Não foi sem prazer que ouvi esse panegírico.

O método dialético

Sócrates – Queres que examinemos, a esse respeito, a questão de como um discurso pode passar da condenação ao elogio?

Fedro – Que queres dizer?

Sócrates – Parece-me que tudo o que dissemos até aqui foi mero passatempo. Mas o acaso nos serviu e nos levou a perceber que há duas maneiras de proceder, que não são sem interesse, desde que se possa compreender a passagem da condenação ao elogio.

Fedro – E quais são tais procedimentos?

Sócrates – O primeiro é este: é abarcar num só golpe de vista todas as ideias esparsas de um lado e do outro, e fundi-las numa só ideia geral a fim de poder compreender, graças a uma definição exata, o assunto de que se deseja tratar. Assim foi que ainda há pouco demos do amor uma definição, que podia ser boa ou má, mas que ao menos trouxe clareza e ordem ao nosso discurso.

Fedro – Mas qual é o outro processo?

Sócrates – É saber separar novamente a ideia geral nos seus elementos, nas suas articulações naturais, sem todavia mutilar qualquer dos elementos primitivos, como faz um mau açougueiro. Os nossos dois discursos de há pouco apresentaram, primeiro, como vimos, uma ideia geral do delírio. A seguir, do mesmo modo que a unidade do nosso corpo abarca, sob o mesmo nome, os membros do lado esquerdo e do lado direito, também esses nossos discursos fizeram derivar dessa definição geral do delírio, duas noções distintas: uma

que focalizou tudo que era errado e cumulou o amor infeliz de injúrias bem merecidas. Outra, que tomou o lado direito, certo, e foi ao encontro de um outro amor, que tem o mesmo nome, mas cujo princípio é divino, e que, cumulando-o de elogios, o apresentou como sendo a fonte dos maiores bens.

Fedro – Tu falas com acerto!

Sócrates – Ora, caro Fedro, eu também sou muito amigo desta maneira de compor e decompor as ideias. E a melhor maneira de aprender a falar e a pensar. E quando me convenço de que alguém é capaz de apreender, ao mesmo tempo o conjunto e os detalhes de um objeto, sigo esse homem como se caminhasse nas pegadas de um deus. E aos que têm esse talento - deus sabe se tenho razão em assim falar - sempre chamei de "dialéticos". Dize-me, porém, como chamaremos os que aprendem contigo e com Lísias. Talvez seja essa a arte retórica graças à qual Trasímaco e os seus pares se tornaram hábeis oradores, instruindo também a outros que, em troca, lhes ofereceram presentes como se eles fossem reis.

Fedro – Esses homens têm com efeito fama de reis, mas sem dúvida alguma ignoram a arte de que falas. Acho que tens razão em chamar ao gênero por ti discutido de "dialético". Entretanto, sobre a arte retórica pareces ter fugido à nossa conversa.

Sócrates – Que dizes? Haverá na arte da palavra alguma parte distinta da dialética? Não devemos desprezar a retórica. Vejamos em que consiste essa retórica da qual ainda não falamos.

Fedro – Não são poucos, caro Sócrates, os preceitos contidos nos livros que tratam dela.

Sócrates – Foi bom o teres mencionado! Creio que todo discurso deve começar por uma introdução. Tu te referes aos ornamentos da arte, não é verdade?

Fedro – Sim.

Sócrates – Em segundo lugar vem a exposição, acompanhada de depoimentos de testemunhas, em terceiro as provas e em quarto as presunções. Se não me engano, o grande bizantino, o Dédalo dos discursos, fala também numa confirmação e numa pós- confirmação.

Fedro – Refere-se ao grande Teodoro?

Sócrates – Justamente. E ele também afirmou que o orador que faz uma acusação ou uma defesa deve apresentar uma refutação e uma pós-refutação. Não deixemos tampouco de mencionar o admirável Eveno de Paros, que inventou a alusão e os elogios acrescentados. Há quem diga que ele se refere também à "censura acrescentada", falando ritmicamente para ajudar a memória. Como Eveno é sábio! Mas deixaremos de lado Tísias e Górgias? Esses descobriram que o provável deve ser mais respeitado que o verdadeiro, e chegaram até a provar, pela força da palavra, que as coisas miúdas são grandes e que as grandes são pequenas, que o novo é antigo e que o velho é novo. Mostraram finalmente como se fala com poucas palavras e como se pode pronunciar um discurso de tamanho infinito. Quando contei isso a Pródico, o grande orador riu e afirmou que ele estava de posse do melhor método da arte retórica. E mister, segundo ele, evitar a concisão e a prolixidade; o que se deve fazer é ficar sempre nos limites convenientes.

Fedro – Falou com muita sabedoria, Pródico!

Sócrates – E não mencionaremos Hípias? Creio que até o amigo eleata concorda com ele.

Fedro – Como não?

Sócrates – E que diremos das regras retóricas de Polos? Ele fala em consonância, em repetições, em abuso de provérbios, alegorias, e demais termos recolhidos nas lições de Licínio, que o ensinaram a fazer belos discursos.

Fedro – E Protágoras, caro Sócrates? Não formulou também regras semelhantes?

Sócrates – Sim, meu rapaz. Protágoras era notável pela habilidade no falar e ainda por outras qualidades. Mas quanto à arte de suscitar piedade em favor da velhice e da pobreza - ninguém ultrapassou nesse ponto o eloquente Calcedônio, pois a todos levou a palma. Sabia despertar a ira dos ouvintes para depois acalmá-los com suas fórmulas mágicas, como dizia ele. Tinha o talento de caluniar e desfazer as calúnias que tivessem sido levantadas. Quanto ao fim do discurso, alguns o chamam "peroração" e outros lhe dão outros nomes, mas a mim se afigura ser um simples amontoado de frases.

Fedro – Tu te referes à recapitulação final, em que os ouvintes são lembrados de tudo que se disse.

Sócrates – Isso mesmo. Mas talvez possas dizer mais alguma coisa sobre a arte retórica.

Fedro – Além do que dissemos, só sei coisas sem importância. Não vale a pena falar nelas.

Sócrates – Deixaremos de lado as coisas sem importância, e traremos à luz outra questão: que poder resulta do exercício dessa arte e em que ocasiões ele se revela?

Fedro – Esse poder é imenso, Sócrates, sobretudo nas grandes aglomerações populares.

Sócrates – E verdade. Mas, meu divino amigo, reflete e dize-me se o tecido que ali tecem te parece tão frouxo quanto a mim.

Fedro – Explica-te!

Sócrates – Ouve: se alguém viesse procurar teu amigo Erixímaco ou o pai dele. Acumeno, e lhes dissesse: "eu sei fazer muitas coisas com o organismo de um homem; sou capaz de fazer com que ele transpire ou sinta frio, sei provocar vômitos quando isso me parece oportuno e obrigá-lo a evacuar quando quero; sei fazer muitas outras coisas desse gênero, e por isso acho que sou médico e julgo-me capaz de ensinar a medicina a outros, transmitindo-lhes os conhecimentos que mencionei" - que supões tu que responderiam eles?

Fedro – De que modo poderiam responder, senão perguntando se ele também sabia a que pessoas devia aplicar esses tratamentos e quando e durante quanto tempo?

Sócrates – Mas que diriam os médicos se esse homem respondesse: isso não sei. Mas exijo que os meus alunos sejam capazes de determinar por si mesmos o modo de aplicação desses tratamentos.

Fedro – Creio que os médicos o considerariam louco, por julgar que se tornou médico depois de haver estudado essas coisas num livrinho ou descoberto por acaso alguns remédios, embora realmente nada

conheça sobre medicina.

Sócrates – E se alguém viesse ter com Sófocles e Eurípides, dizendo-se capaz de fazer longos discursos em verso sobre pequenos fatos, ou pequenos poemas sobre grandes coisas, compor à vontade poemas que despertem compaixão ou medo, poemas ameaçadores e muitas outras coisas desse gênero? Se um homem desses afirmasse estar convencido de que ensina a arte de fazer tragédias transmitindo tais conhecimentos a outras pessoas?

Fedro – Também esses luminares escarneceriam, segundo penso, de quem acreditasse que compor uma tragédia nada mais é que ajuntar tais versos de modo que se encaixem uns nos outros, formando assim um todo orgânico.

Sócrates – Creio, entretanto, que não os brindariam com ofensas grosseiras. Também um músico que encontrasse por acaso um homem convencido de ter competência na arte da harmonia, só porque aprendeu a afinar uma corda para obter a nota mais aguda e a mais grave - também esse não lhe falaria com rudeza, exclamando: "Palerma, tu não regulas bem da bola!" Admoestá-lo-ia com brandura, deste modo: "Meu caro amigo, quem quer tornar-se músico deve saber também isso, mas alguém que tenha a tua habilidade pode ser que ignore completamente a teoria da harmonia; tu tens os conhecimentos preliminares necessários para aprender essa teoria, mas quanto à teoria da harmonia, tu não a conheces."

Fedro – Exatamente.

Sócrates – Com certeza, também Sófocles assim diria ao homem que lhe viesse mostrar os seus trabalhos. Diria que tais coisas são

os preliminares da tragédia, mas não a arte trágica propriamente dita; e Acumeno responderia ao outro que os seus conhecimentos são tão só preparatórios da medicina, mas não a medicina.

Fedro – De pleno acordo.

Sócrates – E que mais? Que pensaremos de Adrasto, cujos discursos são doces como o mel? E de Péricles? Se eles ouvissem o que nós dissemos há pouco sobre as belas regras, a grandeza do discurso, as imagens de que convém orná-lo e as outras coisas que resolvemos trazer à luz, falariam com pouca delicadeza, assim como nós aos que escreveram tais regras e as ensinaram oralmente? Pronunciariam eles uma palavra rude ou grosseira contra os que chamam a isso retórica? Ou, sendo mais inteligentes, diriam: "Caro Fedro e caro Sócrates! Não se deve blasfemar, mas perdoar, se alguns que não sabem pensar não souberem definir o que é retórica; esses homens, pela sua falta de discernimento, só adquiriram o saber introdutório indispensável a essa arte, e acreditam ter aprendido a própria retórica; ensinam esse saber a outros e julgam poder formar oradores perfeitos, achando que os seus pupilos devem tentar falar sobre qualquer coisa de modo convincente e compor um todo orgânico nos seus discursos, como se nisso não houvesse dificuldade alguma".

Fedro – Sim, caro Sócrates, parece ser mais ou menos essa a arte que os homem de quem falaste ensinam como sendo a retórica, e sobre a qual escrevem livros didáticos. Acredito que disseste a verdade. Mas como e onde poderia alguém adquirir a arte do verdadeiro orador?

Condições da retórica

Sócrates – A possibilidade, Fedro, de se tornar um bom atleta, apresenta-se provável e necessariamente, da mesma maneira. Se a eloquência for da tua natureza, serás um orador apreciado, com a condição de juntares a isso saber e exercício. Mas se uma dessas condições te faltar, hás de ser um orador imperfeito. E para a arte que corresponde a essa possibilidade, não creio que será no caminho de Lísias e de Trasímaco que o seu método há de aparecer.

Fedro – Mas então em que caminho?

Sócrates – O mais perfeito de todos na arte retórica, meu caro amigo, foi, parece, Péricles.

Fedro – Concordo.

Sócrates – Toda arte levada ao sumo grau deve basear-se em pesquisas e meditações sobre a natureza. Disso é que parece advir-lhes a elevação e a perfeição. Péricles acrescentou esses valores às suas outras capacidades naturais. Tendo conhecido Anaxágoras, homem que em tais coisas era admirável, dedicou-se às pesquisas físicas, estudou a natureza do espírito e a autoridades-ência de espírito (assuntos de que Anaxágoras falou fartamente) e transfundiu-as para a sua arte retórica, com o que ela muito lucrou.

Fedro – Que queres dizer?

Sócrates – Com a arte retórica se passa mais ou menos a mesma coisa que com a medicina.

Fedro – Como?

Sócrates – Deves pensar, naturalmente, que as duas artes são bem distintas pela natureza do seu objeto: uma se relaciona ao corpo, a outra com a alma. Tens de levar isso em conta se quiseres, não só pela prática e por regras empíricas, mas de acordo com a arte, uma dar saúde e força, ministrando remédios e alimentos, e outra infundir a convicção que desejas, tornando o homem virtuoso mediante discursos e argumentos legítimos.

Fedro – Sim, é muito provável.

Sócrates – E acreditas que seja possível conhecer a natureza da alma sem conhecer o universo?

Fedro – Se dermos crédito a Hipócrates, que é um Asclepíades, nem sequer o corpo se pode conhecer sem tal método.

Sócrates – Pois ele tem razão, meu amigo! Mas, além do que disse Hipócrates. Devemos consultar também a razão e verificar se ela concorda com essa afirmação.

Fedro – Penso da mesma maneira.

Sócrates – Vejamos, pois, o que dizem Hipócrates e a razão sobre a natureza! Não é esse o procedimento para se determinar as características de qualquer objeto? Primeiro, é necessário se determinar se aquilo que desejamos conhecer, ou sobre o qual pretendemos instruir alguém, é simples ou multiforme. Depois, no caso de ser simples, precisamos saber que capacidades ele tem, por natureza, de influenciar outras coisas ou de ser influenciado por elas. Se, porém, se tratar de um objeto que comporta uma pluralidade de formas,

temos de enumerar todas as suas partes e, após enumerá-las, fazer o que já havíamos feito para o caso simples com cada uma das partes enumeradas. Qual dessas partes é capaz de produzir uma ação? E que influência exerce essa ação?

Fedro – Pareces ter razão, Sócrates.

Sócrates – Quem não segue esse método é como se caminhasse às cegas. Mas quem examina uma coisa de acordo com a arte não pode ser comparado a um cego nem a um surdo e, obviamente, quem expõe um assunto artisticamente deve definir com exatidão a natureza desse assunto. Ora, tal assunto é a alma.

Fedro – Isso mesmo.

Sócrates – É esse, pois, o objeto do seu esforço. A persuasão é o que ele, orador. Se esforça para produzir. Não é isso?

Fedro – Claro que é.

Sócrates – Logo, é evidente que Trasímaco e os outros, que procuram ensinar a arte retórica, deveriam antes descrever com exatidão o que é a alma e mostrar-nos se ela é por natureza uma coisa simples, ou se, como o corpo, é multiforme. Isso é o que se chama definir a natureza de um objeto.

Fedro – Perfeitamente.

Sócrates – Em segundo lugar nos mostrarão qual seja a ação que, por sua natureza, a alma é capaz de exercer sobre outras coisas, e qual a influência que pode sofrer por parte dessas.

Fedro – Sim.

Sócrates – Em terceiro lugar, deve-se classificar os gêneros de discursos e de almas, mostrar as influências que estes sofrem e as causas de tais influências, relacionar cada gênero do primeiro grupo com cada um do segundo e ensinar por qual espécie de discursos cada gênero de almas é necessariamente persuadido, apontar as causas de tal fato, e as razões pelas quais outros gêneros não se deixam convencer.

Fedro – Na verdade, esse parece ser o melhor método.

Sócrates – Evidentemente, meu amigo. A não ser desse modo, nem este assunto nem outro qualquer poderá ser discutido ou descrito com arte. Mas os que atualmente escrevem sobre a arte de compor discursos, os homens que tu conheces, são astutos: têm conhecimentos sobre a alma, mas escondem-nos. Entretanto, não daremos crédito à sua arte enquanto não falarem e escreverem da seguinte maneira...

Fedro – De que maneira?

Sócrates – Não é muito fácil exprimi-lo com palavras. Direi, porém, de um modo geral, como se deve escrever para que a exposição seja tão artística quanto o assunto o permite.

Fedro – Então dize!

Sócrates – Visto que a força da eloquência consiste na capacidade de guiar as almas, aquele que deseja tornar-se orador deve forçosamente conhecer quais formas existem na alma. Elas são em certo número e têm as suas respectivas qualidades. É por isso que os

homens têm caracteres diferentes. Depois de classificar as almas desse modo, deverá distinguir, também, cada espécie de discurso em suas diferentes qualidades. Desse modo, há homens que serão persuadidos por certos discursos, enquanto os mesmos argumentos terão pouca ação sobre a alma de outros. É mister que o orador que aprofundou suficientemente os seus conhecimentos seja capaz de discernir rapidamente, na vida prática, o momento exato em que é oportuno usar uma ou outra forma de argumentação. Se assim não for, ele nunca saberá mais do que sabia quando ainda andava na escola. Quando for capaz de dizer por qual espécie de discurso se pode levar à persuasão as mais diferentes almas, quando, posto à frente de um individuo, ele souber ler no seu coração e souber reconhecer para si mesmo: eis o homem, eis o caráter que os meus mestres pintaram. Quando souber aplicar a esse homem o discurso apropriado, quando possuir todos esses conhecimentos, quando souber discernir o momento em que deve se calar ou falar, quando souber empregar ou evitar o estilo conciso ou despertar com amplificações grandiosas e dramáticas a paixão, só então a sua arte será consumada e perfeita. Mas se esquecer uma dessas regras ao falar em público, ao escrever ou ao dar lições, e apesar disso se considerar senhor da sua arte, teremos plena razão em não acreditar nisso. Entretanto, o autor de um livro sobre retórica poderia nos perguntar: "Que dizeis, Fedro e Sócrates? Porventura não se pode reconhecer outro gênero de arte retórica? Ou julgais que isso é suficiente?"

Fedro – Impossível, caro Sócrates! O que convém é outra coisa. Entretanto, isso não parece ser nada fácil.

Verdade e probabilidade

Sócrates – Tens razão. Por isso mesmo é preciso que examinemos a nossa pesquisa por todos os lados para descobrir se não haverá por acaso um caminho mais curto e mais fácil, e para que a nossa indagação não se desvie por uma estrada longa e áspera, havendo outra mais breve e cômoda. Se souberes, porém, de alguma coisa que nos possa ajudar, alguma coisa ouvida de Lísias ou de outro, procura lembra-se e dize-me o que é!

Fedro – A título de tentativa, é possível que tenha conversado sobre tal coisa, mas ainda não sou bastante competente para te esclarecer a respeito.

Sócrates –Queres que eu te fale numa tese que ouvi de outros sobre esse assunto?

Fedro – Peço-te que o faças.

Sócrates – Pelo menos, caro Fedro, dizem que é justo defender até a causa do lobo.

Fedro – Pois bem, obedece ao provérbio!

Sócrates – Dizem os retóricos que não é necessário considerar a coisa de modo tão solene nem fazer tantos rodeios. Já no começo da nossa conversa discutimos o seguinte ponto: para ser bom orador não é necessário conhecer a verdade a respeito do que é bom e justo nas ações que os homens praticam, quer da sua natureza, quer por educação. Nos tribunais, portanto, ninguém se preocupa com o conhecimento da verdade, mas só se cuida de saber o que

é verossímil. Em consequência, quem quer fazer discursos com arte deve dirigir a atenção ao que é provável. Muitas vezes, numa acusação ou numa defesa, não convém revelar o que aconteceu de fato, caso não seja verossímil, mas só se deve dizer o que parece ser verdadeiro. Durante o discurso, o orador só deve atentar ao que é convincente e deixar de lado a realidade. Tais são as regras que se devem observar nos discursos, e nisso consiste toda a arte.

Fedro – Isso, caro Sócrates, é realmente o que dizem os que pretendem ser autoridade em oratória. Sim, eu me lembro de que já havíamos tocado nisso. Pelo visto, os que se dedicam à arte da retórica consideram esse ponto muito importante.

Sócrates – Mas tu conheces bem as regras de Tísias. O próprio Tísias nos dirá. Pois, se o que ele considera verossímil não é o que parece tal à multidão.

Fedro – Como poderia ele pensar de outro modo?

Sócrates – Ele apresentou, ao que parece, o seguinte exemplo muito hábil e técnico: quando um homem fraco, mas corajoso, ataca um homem forte, mas covarde, rouba-lhe a túnica ou qualquer outro objeto e ambos são conduzidos ao tribunal, nenhum deles deve dizer a verdade; o covarde deve declarar que o outro não estava só quando o atacou; o corajoso, pelo contrário, tratará de provar que os dois estavam sós e acrescentará: "como ousaria eu atacar tal homem?" O outro, naturalmente, para não confessar sua covardia, inventará novas mentiras, que confundirão o acusado. Também em relação a outros assuntos, as regras da arte retórica são mais ou menos semelhantes a essa. Não é verdade, Fedro?

Fedro – É isso mesmo!

Sócrates – Parece, pois, que foi preciso grande habilidade para descobrir uma arte tão profunda, quer ela tenha sido inventada por Tísias ou por outro qualquer, e disso gabam-se os retóricos. Caro amigo, devemos ou não devemos dizer-lhe?...

Fedro – O quê?

Sócrates – Isto: já muito antes de apareceres, ó Tísias, havíamos chegado à conclusão de que a verossimilhança domina o espírito da grande massa pela semelhança que tem com a verdade. Mostramos, ainda há pouco, que quem conhece a verdade será capaz de discernir com exatidão o que é provável. Se tiveres mais alguma coisa a dizer sobre a arte retórica, ouviremos com prazer. Se não tiveres, será bom não nos afastarmos do que estabelecemos: quem não classificar os caracteres de seus futuros ouvintes, quem não for capaz de dividir por gêneros o existente e reunir objetos individuais numa única ideia nunca será um artista retórico dentro dos limites humanos. Isso não se consegue sem grande esforço, e quem for sensato não empreenderá tal coisa apenas para se exibir perante os homens, mas sim com o propósito de dizer o que agrada aos deuses e colocando nisso toda a sua energia, assim como desejam os deuses. Eis, ó Tísias, o que dizem homens mais sábios do que nós: aquele que tem discernimento não procurará agradar os seus companheiros de escravidão, mas sim aos seus amos de origem celeste. Não pasme diante da extensão do caminho, pois ele só deve ser trilhado em busca de coisas elevadas, e não para os fins que imaginas. Mas a razão nos mostra que, se alguém porventura o desejar, também conseguirá atingir esse fim magnífico por outra via, diferente da tua.

Fedro – Disseste muito bem, Sócrates. Se, com efeito, alguém for capaz de desejá- lo…

Sócrates – Mas para o homem que pretende possuir o que é belo, belo também será enfrentar os trabalhos que a beleza lhe impõe.

Fedro – Naturalmente.

Sócrates – Bem, já distinguimos suficientemente a arte retórica daquela atividade retórica que não merece o nome de arte.

Fedro – Sim.

Sócrates – Só resta, então, falar sobre o que convém e o que não convém escrever, e examinar quando essa arte é bem ou mal empregada. Está certo?

Fedro – Sim.

Sócrates – Sabes tu como se pode ser mais agradável aos deuses, em ações ou em discursos?

Fedro – Não; e tu sabes?

Sócrates – Tenho vontade de contar-te uma história transmitida pelos antigos; se ela é verdadeira ou não, só deus o sabe. Afinal, se nós pudéssemos conhecer a verdade, haveríamos de nos preocupar com o que dizem os homens?

Fedro – O que dizes é curioso. Conta-me essa história que dizes ter ouvido!

A invenção da escrita

Sócrates – Bem, ouvi dizer que na região de Náucratis, no Egito, houve um dos velhos deuses daquele país, um deus a que também é consagrada a ave chamada íbis. Quanto ao deus, porém, chamava-se Thoth. Foi ele que inventou os números e o cálculo, a geometria e a astronomia, o jogo de damas e os dados, e também a escrita. Naquele tempo governava todo o Egito, Tamuz, que residia ao sul do país, na grande cidade que os egípcios chamam Tebas do Egito, e a esse deus davam o nome de Amon. Thoth foi ter com ele e mostrou-lhe as suas artes, dizendo que elas deviam ser ensinadas aos egípcios. Mas o outro quis saber a utilidade de cada uma, e enquanto o inventor explicava, ele censurava ou elogiava, conforme essas artes lhe pareciam boas ou más. Dizem que Tamus fez a Thoth diversas exposições sobre cada arte, condenações ou louvores cuja menção seria por demais extensa. Quando chegaram à escrita, disse Thoth: "Esta arte, caro rei, tornará os egípcios mais sábios e lhes fortalecerá a memória; portanto, com a escrita inventei um grande auxiliar para a memória e a sabedoria." Responde Tamuz: "Grande artista Thoth! Não é a mesma coisa inventar uma arte e julgar da utilidade ou prejuízo que advirá aos que a exercerem. Tu, como pai da escrita, esperas dela com o teu entusiasmo precisamente o contrário do que ela pode fazer. Tal coisa tornará os homens esquecidos, pois deixarão de cultivar a memória; confiando apenas nos livros escritos, só se lembrarão de um assunto exteriormente e por meio de sinais, e não em si mesmos. Logo, tu não inventastes um auxiliar para a memória, mas apenas para a recordação. Transmites para teus alunos uma aparência de sabedoria, e não a verdade, pois eles recebem muitas informações sem instrução e se consideram homens de grande saber, embora sejam ignorantes na maior parte

dos assuntos. Em consequência, serão desagradáveis companheiros, tornar-se-ão sábios imaginários ao invés de verdadeiros sábios.

Fedro – Com que facilidade, Sócrates, inventas histórias egípcias assim como de outras terras, quando isso te apraz!

Sócrates – Caro amigo! Dizem alguns que as primeiras profecias foram feitas por um carvalho do templo de Zeus em Dodona. Os homens daquele tempo, evidentemente, não eram tão sábios como os da nossa geração, e como eram ingênuos, era para eles suficiente ouvir o que lhes dizia um carvalho ou uma rocha; para eles, a única coisa importante era que se lhes dissesse a verdade. Mas a ti talvez faça diferença saber quem disse uma determinada coisa e de que terra ele provém. Não te basta examinar se essa coisa é verdadeira ou falsa.

Fedro – Tua repreensão é justa. Mas, com respeito à arte da escrita, acho que o tebano tinha de fato razão.

Sócrates – Imagina que alguém expõe por escrito as regras da sua arte e um outro aceita o livro como sendo a expressão de uma doutrina clara e profunda; esse homem seria tolo, pois, não entendendo a advertência profética de Amon, atribuiria a teorias escritas mais valor do que o de um simples lembrete do assunto tratado. Não é assim?

Fedro – Perfeitamente.

Sócrates – O uso da escrita, Fedro, tem um inconveniente que se assemelha à pintura. Também as figuras pintadas têm a atitude de pessoas vivas, mas se alguém as interrogar conservar-se-ão gravemente caladas. O mesmo sucede com os discursos. Falam das coisas

como se as conhecessem, mas quando alguém quer informar-se sobre qualquer ponto do assunto exposto, eles se limitam a repetir sempre a mesma coisa. Uma vez escrito, um discurso sai a vagar por toda parte, não só entre os conhecedores mas também entre os que o não entendem, e nunca se pode dizer para quem serve e para quem não serve. Quando é desprezado ou injustamente censurado, necessita de auxilio do pai, pois não é capaz de defender-se nem de se proteger por si.

Fedro – Também neste ponto tens toda a razão.

Sócrates – Examinemos agora uma outra espécie de discurso, irmão legítimo dessa eloquência bastarda: vejamos como nasce e quanto ele é superior e mais poderoso que o outro.

Fedro – A que discurso te referes, e como nasce ele?

Sócrates – Refiro-me ao discurso conscienciosamente escrito com a ciência da alma, ao discurso que é capaz de defender a si mesmo e que sabe diante de quem convém falar e diante de quem é preferível ficar calado.

Fedro – Estás falando no discurso vivo e animado do homem sábio, do qual todo discurso escrito poderia ser chamado com justiça um simulacro?

Sócrates – Exatamente. Imagina que um agricultor inteligente possua sementes e lhes doa valor, e das quais queira obter frutos. Pensaria tal homem seriamente em plantar suas sementes durante o verão nos jardins de Adônis, e gostaria de vê-las desenvolvidas como plantas dentro de oito dias? Seria possível que o fizesse de bom grado, mas simplesmente a título de cerimônia religiosa, por

ocasião das festas de Adônis. Quanto às sementes a que deseja dar um fim sério, porém, ele as plantará em solo apropriado, utilizando a sua técnica de agricultor e ficará contente se a seara lhe der frutos no oitavo mês.

Fedro – Mas é evidente, Sócrates; como dizes, esse homem faria uma coisa seriamente e a outra com intenções diversas.

Sócrates – Ora, podemos nós dizer que quem possui o conhecimento do justo, do belo e do bom dará às suas sementes um uso menos judicioso do que o camponês?

Fedro – Não.

Sócrates – Tu bem vês que aquele que conhece o justo, o bom e o verdadeiro não irá escrever na água essas cousas, nem usará um caniço para semear os seus discursos, pois eles se mostrarão incapazes de ensinar eficientemente a verdade.

Fedro – Provavelmente não fará isso.

Sócrates – Claro que não. Naturalmente, semeará nos jardins literários apenas por passatempo. Se escrever, será na intenção de acumular para si mesmo um tesouro de recordações para a velhice, se chegar até lá; porque os velhos esquecem tudo. Escreverá também para os que caminham na mesma rua com ele, e se alegrará vendo crescer as tenras plantas. E enquanto outros se divertem em banquetes e prazeres semelhantes, esse homem se recreará com as coisas que mencionei.

Fedro – Mas, Sócrates, estás comparando com divertimentos vulgares a belíssima atividade de um homem que se deleita em escrever

discursos sobre a justiça e as outras virtudes!

Sócrates – É verdade, meu Fedro! Mas acho muito mais bela a discussão dessas coisas quando alguém semeia palavras de acordo com a arte dialética, depois de ter encontrado uma alma digna para recebê-las; quando esse alguém planta discursos que são frutos da razão. que são capazes de defender por si mesmos e ao seu cultivador, discursos que não são estéreis mas que contêm dentro de si sementes que produzem outras sementes em outras almas, permitindo assim que elas se tornem imortais. Aos que as levam consigo, tais sementes proporcionam a maior felicidade que é dado ao homem possuir.

Fedro - Na verdade, isso é muito mais belo.

Resumo

Sócrates – Já que nós concordamos nisto, caro Fedro, podemos agora decidir sobre o nosso assunto.

Fedro – Sobre o quê?

Sócrates – Sobre o assunto que nos levou até a censura dirigida a Lísias em virtude de seus discursos escritos, o que por sua vez nos conduziu a classificar os discursos, distinguindo o que é artístico do que não o é. Pelo menos, parece, evidenciou- se suficientemente o que é artístico e o que não é.

Fedro – Com efeito. Mas não queres repetir tudo isso, em resumo?

Sócrates – A análise que fizemos demonstrou o seguinte: não é possível fazer discursos artísticos naturais, quer se trate de ensinar

ou de persuadir, posto que se não conheça a verdade sobre os objetos a respeito dos quais se fala ou se escreve, se não se estiver em condições de defini-los e de dividi-los em espécies e gêneros, se não se houver estudado a natureza da alma e determinado quais gêneros de discursos se adaptam às suas espécies; se não se tiver redigido e ordenado o discurso de tal modo que ofereça à alma complexa um discurso complexo e à alma simples um discurso simples.

Fedro – Tudo isso é evidente.

Sócrates – E o pouco que dissemos forneceu a solução deste problema: é ou não conveniente pronunciar e escrever discursos, e em que condições um discurso é censurado com razão ou injustamente?

Fedro – Explica-te melhor.

Sócrates – Imagina que Lísias ou qualquer outro indivíduo tenha escrito ou escreva um dia a respeito de um assunto privado ou público; que venha a escrever propostas legislativas, e que publique um livro político na convicção de possuir uma grande força lógica e convincente; isso mereceria censura. Porque ignorar, tanto no estado de vigília como em sonhos, o que é justo e o que não é, não saber distinguir o bom do mau, é coisa que não escapa a condenação, embora o povo inteiro louve semelhante homem.

Fedro – Naturalmente.

Sócrates – Ora, o homem com o qual nós dois desejaríamos nos identificar. Fedro, pensaria do seguinte modo: um discurso escrito, não importa sobre qual assunto, contém forçosamente grande número de fantasias; nenhum discurso, pois, seja ele escrito em prosa ou em verso, merece que se envide grande esforço na sua compo-

sição. E isso também se aplica aos discursos escritos ou recitados à maneira dos rapsodos, sem exame nem instrução, simplesmente para efeito persuasivo. Os melhores discursos escritos são os que servem para reavivar as lembranças dos conhecedores; só as palavras pronunciadas com o fim de instruir, e que de fato se gravam na alma, sobre o que é Justo, belo e bom, apenas nelas se encontra uma força eficaz, perfeita e divina a ponto de nelas empregarmos os nossos esforços; somente tais discursos merecem ser chamados filhos legítimos do orador, gerados por ele próprio, quando esse orador possui um gênio inventivo, e quando nas almas de outras pessoas eles engendram descendentes e irmãos que sejam dignos da família. Quanto aos demais discursos, podemos desprezá-los.

Fedro – Eu, pelo menos, assim o desejo.

Sócrates – Bem, já nos divertimos o bastante com discursos. Vai ter com Lísias e dize-lhe que descemos à fonte e ao santuário das ninfas, e ali ouvimos admoestações que nos encarregaram desta tarefa: falar a Lísias e a qualquer outro homem que redija discursos; falar a Homero e a qualquer outro autor de poesias que se destinam ou não a ser cantadas; e, em terceiro lugar, falar a Sólon e a todos os que escreveram sobre assuntos políticos. Devemos dizer-lhes o seguinte: se eles estão certos de possuir a verdade e capazes de a defender, se podem com as suas palavras ir além dos seus escritos, não devem chamar-se retóricos, e que devem tomar a sua denominação da ciência que que se dedicam.

Fedro – E que nome é esse que tu lhes queres dar?

Sócrates – Chamá-los sábios, Fedro, me parece excessivo e só aplicável a um deus; mas o nome de filósofo ou um epíteto semelhante

lhes caberia melhor e seria mais apropriado.

Fedro – E seria o nome que corresponderia à sua atividade.

Sócrates – Aquele que não possui nada de valioso senão o que escreveu e passou largo tempo a rever, tirando uma coisa aqui e acrescentando outra acolá - a esse homem chamarás poeta, autor de discursos ou de propostas legislativas, não é verdade?

Fedro – Com efeito.

Sócrates – Então dize isto ao teu amigo!

Fedro – E que farás tu? Também não podes esquecer o teu.

Sócrates – A quem te referes?

Fedro – Falo do belo Isócrates. Que dirás a ele, Sócrates? Que nome lhe daremos?

Sócrates – Isócrates ainda é moço, Fedro. Entretanto, farei o papel de adivinho e te direi o que prevejo a seu respeito.

Fedro – Ouçamos.

Sócrates – Creio que ele, por sua natureza, seja apto a coisa melhor do que fazer discursos como os de Lísias. Também parece possuir uma mentalidade mais nobre. Não seria de admirar que Isócrates, com mais idade, viesse a distinguir-se pelos discursos em que agora se exercita, fazendo com que todos os retóricos pareçam crianças diante dele. Mas é possível que isso tampouco o satisfaça, e também não seria surpreendente se um impulso divino o guiasse para as-

sunto mais elevado. Porque o espírito desse homem, meu amigo, é propenso à meditação filosófica. Em nome dos deuses que presidem a este lugar, direi isto ao meu amado Isócrates, e tu dize aquilo ao teu amante Lísias.

Fedro – Assim farei. Mas vamos embora, que o calor já não está tão forte.

Sócrates – Não convém que façamos uma prece aos deuses daqui antes de nos retirarmos?

Fedro – Sim, tens razão.

Epílogo - A prece do sábio

Sócrates – Divino Pã - e vós deus outros destas paragens! Dai-me a beleza da alma, a beleza interior e fazei com que o meu exterior se harmonize com essa beleza espiritual. Que o sábio me pareça sempre rico; que eu tenha tanta riqueza quanto um homem sensato possa suportar e empregar! Teremos mais alguma coisa a desejar? Creio que pedi o suficiente.

Fedro – Pede para mim a mesma coisa, pois os amigos tudo devem ter em comum.

Sócrates – Vamos, então!

Alcibíades I

Introdução I

avendo Platão fundado a Academia em 387, aos quarenta anos de sua idade, quando o seu nome já se impusera em todo o mundo helênico, na linha dos escritores de orientação política que se batiam em prol da reabilitação da memória de Sócrates, seria de esperar que a biblioteca daquele Instituto Superior de Ensino fosse bem organizada, e que nas suas prateleiras pejadas de manuscritos se destacassem, na estante de mais fácil acesso, as obras do Escolarca. E mais que não teria havido desacordo sobre a autenticidade de determinados livros ali catalogados - tão fácil era a identificação de todos pelo organizador da coleção! - não apenas entre os auxiliares efetivos do Instituto, como entre os sábios itinerantes e de passagem por Atenas que ali fizessem conferências. Máxime se considerarmos que, em decorrência de sua própria feitura, constituíam os Diálogos a alavanca primordial do ensino das disciplinas de predileção do fundador: política, educação e filosofia e, nesta, de modo geral, a teoria do conhecimento. Nem mesmo como hipótese de trabalho poderia admitir-se que o predomínio do ensino oral, a que Platão sempre deu irrestrita preferência, com parcial e condenável menosprezo da palavra escrita, levasse o autor a descuidar-se de seus próprios manuscritos e não zelasse por sua conservação, expondo, assim, a se perderem os originais dali retirados, diga mos, pelos alunos interessados em sua leitura mais demorada, como hoje fazemos com os livros das bibliotecas circulantes, para com eles obter cópias autênticas.

Falamos em tese, pois é sabido como era intensa naquela época, e por muito tempo ainda, a atividade dos "editores" ou copistas pro-

fissionais, destacando-se Atenas neste particular das demais cidades da comunidade helênica, como centro de grande atividade, assim na qualidade como na quantidade das obras lançadas no mercado de livros. Decorridos trezentos anos, o romano Ático para ali se exilou voluntariamente, por amor ao estudo e para fugir da política de sua terra, e naquela capital espiritual do mundo antigo passou a operar como editor dos livros do seu amigo Cícero, em latim, e fornecedor de obras raras dos escritores gregos, graças ao corpo de operários especializados, por ele pagos e que trabalhavam sob sua direção.

Seja como for, só podemos ser agradecidos à divindade que presidiu ao destino ulterior dos manuscritos de Platão, fosse ela o Acaso, de tão difícil conceituação filosófica, ou mesmo a própria Sorte, bem disposta, sempre, para a Europa, no que diz respeito à sobrevivência da sua cultura incipiente naquela fase perigosa de crescimento. O certo é que de Platão se salvaram todos os escritos reconhecidamente seus, e mais alguns títulos de procedência duvidosa com que desde a antiguidade se tem ocupado a crítica abelhuda. Todavia, não será fora de propósito formular, nesta altura, ligeiras considerações que visem a esclarecer algumas dúvidas.

Inicialmente, insistamos no fato de que a fundação da Academia - depositária tradicional dos manuscritos de Platão - não coincide com o início de suas atividades literárias e pedagógicas. Muito antes daquela data começara Platão a congregar à sua volta os jovens da nobreza ateniense, incentivando neles aquele pendor para o estudo da filosofia que tão prejudicial se afigurava a Cálicles na educação dos moços, por desviá-los das práticas do bem-falar do Fórum e das assembleias populares. Se não bastassem as farpas desse representante típico do homem-forte, com o intuito de ridicularizar o vício de "Sócrates", de viver e cochichar nos cantos com três ou quatro jovens - os primeiros discípulos de Platão, já que o verdadeiro

Sócrates, de carne e osso, protestou até à morte que nunca fizera discípulos nem ensinara coisa alguma - o testemunho insuspeito e, sobre tudo, inesperado do próprio Platão, na Carta segunda, nos trans porta para esse alvor tão procurado, de suas atividades, mas que não se deixava localizar com precisão. É na passagem em que Platão conversa com Dionísio, o Moço, de Siracusa, antes da ruptura definitiva entre eles, e o concita a perseverar no estudo dos problemas magnos da filosofia, sem desânimo nem vacilações, ainda mesmo que não conseguisse apreender, assim de pronto, o sentido das questões apresentadas.

Com todo o mundo acontecia a mesma coisa. Só à força de repetir os temas e de constantemente ouvi-los durante anos seguidos e com trabalho insano é que chegaremos a purificá -los, como fazemos com o ouro. Até nas cartas, a linguagem de Platão é imaginosa. Mas, com o tempo, continua, o que hoje se te afigura impenetrável tornar-se-á transparente e de fácil com preensão. Exemplos não faltavam. É nessa altura que se insere o trecho de ouro que nos revelará quanto eram em Platão inseparáveis as atividades literárias - digamos: filosófico-pedagógicas - e o gosto do proselitismo, essa constante que se afirma ria durante toda a vida do-Poeta-pensador.

"Agora escuta o que em tudo isso é de admirar. Há certos homens, em grande número, aliás, que aprenderam comigo essas noções; indivíduos dotados de compreensão, boa retentiva, e capazes, até, de criticá-las a fundo; de idade provecta todos eles e que, haverá pelo menos trinta anos, ouviram falar nisso" (Cartas, 314 a b).

Para nosso intento, não consistirá violência interromper nesta altura a citação, sem dizer como aqueles amantes da sabedoria fizeram, sem dar por isso, com o passar dos anos uma reviravolta na confrontação com tais problemas: o que então lhes parecia obscuro tornara-se claro como água; e o inverso: impenetráveis e de todo

o modo inapreensíveis o que na mocidade se lhes afigurava muito fácil. O que importa, antes de mais nada, é fixar a data. Sendo essa carta, com toda a probabilidade, de , escrita logo depois de voltar Platão de Siracusa, quando da sua primeira visita a Dionísio Il, transporta-nos aquela citação para o ano 394, ou sejam, sete anos após o julgamento de Sócrates. Até mesmo sem nos aproveitarmos da elasticidade da expressão "haverá pelo menos trinta anos" o que nos permitiria recuar honestamente de alguns pontos, no passado, o nosso farolim, para dissipar as trevas ali acumuladas pelo tempo, é-nos grato surpreender os colóquios quase clandestinos de alguns rapazes em Mégara, e incidentalmente em-Atenas, em que, sob a direção indiscutida do moço Aristóteles adquiriram forma literária os primeiros frutos da herança filosófica de Sócrates.

Até na adopção da máscara de Sócrates, com apagar seu nome de tudo o que lhe fluía da pena - ou do estilete - andou Platão com acerto. Compreendeu, de início, quanto lucravam suas ideias com serem expostas pela imagem transfigurada de Sócrates, o que lhes asseguraria duração sempiterna, por isso mesmo que soariam aos ouvidos dos pósteros como mensagem emanada da própria essência do homem, sem os entraves condicionados pelas contingências individuais.

As doutrinas dos filósofos jônios poderão passar, com toda a brilhantez das descrições da Physis, o mundo material; os ensinamentos dos sofistas - mera agitação de superfície - não irão além da sua própria geração, apagando-se, porventura, mais rapidamente, ainda, do que as estrepitosas ovações de que foram alvo, de abalar as colunas do Liceu, por ocasião das conferências. Mas, as palavras de Sócrates alcançariam ressonância universal, como de fato alcançaram e o certificam dois milênios de fecunda e decisiva atuação na cultura da Europa. Hoje diríamos: do Ocidente.

Evidentemente, nada nos conservou a tradição: sobre as perdas ou desvios de livros da biblioteca da Academia depois da morte do Filósofo, nem sobre a autenticidade dos originais ali guardados desde a sua fundação. Em todos os tempos não são os autores de livros os mais exigentes colecionadores de seus próprios manuscritos; muito menos, dos livros impressos. Antes de ter a Academia sede própria, as mudanças de domicílio e as viagens de longo curso contribuiriam para desfalcar o acervo daqueles manuscritos ou para dispersar publicações recentes, à medida que a variedade de temas para discussões em classe afastava do círculo de interesses do autor determinados Diálogos, já comentados de sobejo, para serem discutidos novos temas ou reformuladas em bases diferentes questões já debatidas: Se a virtude pode ser ensinada, a fundamentação filosófica da pólis, ou a apologia de Eros e do valor da Mania das Musas para a filosofia e a poesia...

Mas, voltando para o nosso tema; mesmo que admitamos, por hipótese, que chegara à quase perfeição a catalogação das obras de Platão pelos biblioteconomistas da Academia, muito deixaria a desejar esse serviço após a morte do Filósofo, quando o seu sobrinho Espeusipo assumiu a direção do Estabelecimento - de 343 a 339 - e, depois dele, muitos: Xenócrates da Calcedônia - de 339 a 314, seguido imediatamente de Polemão, que ele próprio convertera para a Filosofia, a darmos crédito à bela anedota de Eliano: Havendo Polemão entrado abruptamente numa sala de aulas da Academia quando Xenócrates falava, tal como se apresentou Alcibíades no Banquete de Platão: ébrio e corcado de flores, não interrompeu Xenócrates a lição, pois dissertava, precisamente, a respeito da intemperança e da sua ação devastadora para os homens, continuando a dirigir-se aos alunos presentes como se aquele intruso ali não se encontrasse. Meio confuso no começo, tão abalado ficou o visitante com o sermão

do professor, que na mesma hora firmou o propósito de regenerar-se e se matriculou na Academia, na qualidade de ouvinte de Xenócrates e discípulo dedicado, até vir a sucedê-lo na direção da casa.

Com Filipe de Opúncia aviva-se nosso interesse para esta relação de nomes, por ter sido ele o autor de Epinomis, excluído hoje, por quase unanimidade, da relação platoniana, como apêndice a Leis, o derradeiro Diálogo de Platão, cujos originais o próprio Filipe revira e publicara em primeira edição.

Não admira, assim, que, um século depois, o catálogo das obras de Platão organizado pelos Alexandrinos - merecedores de todo o nosso apreço, pelo muito que realizaram no domínio da crítica literária, máxime na fixação do texto oficial de Homero - acusasse algumas falsificações. É o Corpus platonicum que chegou até nós através de vicissitudes que não importa esmiuçar. Para o restaurador moderno desse texto, vários são os critérios a adotar, a fim de desembaraçar a meada inextricável, com o propósito de confirmar a autoria de Platão com respeito aos títulos conhecidos, o que se consegue na grande maioria dos casos - dezenove vigésimos, conforme a estimativa mais aceita - ou para rejeitar os escritos que lhe foram falsamente atribuídos.

Não apenas como indício, senão como prova de certeza, é aceita a autoridade de Aristóteles nas suas referências a Platão. Infelizmente, esse testemunho não se estende a todos os Diálogos, havendo, mesmo, transcrições de trechos ou de simples frases sem nenhuma conotação da fonte originária, mas que os comentadores se permitem identificar. O assunto já foi bem estudado, tomando como guia o prestimoso Ueberweg - nona edição, revista por Max Heinze, de 1903, porém nada envelhecida nesse particular - teremos as seguintes possibilidades para nos decidirmos sobre a autenticidade ou não dos referidos escritos: a) Apenas três Diálogos são citados

com a indicação dos títulos e do nome do autor. São eles: República, Timeu e Leis. b) Ao depois, somente o título, sem designação do autor, porém com alusões à verdadeira procedência: Fedão, O Banquete - título alterado para "Discursos Amatórios" - Fedro e Górgias. c) Apenas o título, porém sem relação indubitável com a pessoa de Platão: Menão, Hípias - e devemos entender que se iraia de O Pequeno Hipias - e Menéxeno - referido como "Oração fúnebre" d) Com o nome de Platão, porém sem nenhuma alusão à fonte, cita Aristóteles passagens de Teeteto e do Filebo, e frases do diálogo Sofista. e) Sem indicação nem nome do autor nem dos Diálogos, parece que Aristóteles alude aqui e ali a determinadas passagens do Político, da Apologia, de Liside, de Laguete, talvez de Protágoras e possivelmente de Eutidemo e do Crátilo. Vinte, ao todo.

É dos mesmos autores - Ueberweg-Heinze - a condenação sumária, sem especificação de nomes, de certa crítica do século passado, de visão curta e deturpada (in übertriebener kurzsich tiger Kritik), já agora inteiramente superada. Mas, como simples ilustração do mesmo tema, mencionemos apenas o caso de Schaarschmidt, cuja obra, de título quilométrico, Die Sammlung der platonischen Schriften, zur Scheidung der echten von den unechien untersucht, é de 1866. Para esse autor, somente nove Diálogos devem ser aceitos como autênticos: Protágoras, Górgias, Teeteto, Fedro, O Banquete, Fédon, A República, Timeu e Leis. O exagero é patente, não valendo como atenuante o fato incontestável de abrangerem esses nove títulos o que de mais - belo e valioso nos foi legado pela pena de Platão, e perfazerem, em conjunto dois terços dos escritos componentes do Corpus platonicum tradicional. A crítica que nega autenticidade a Diá logos como O Político, O Sofista, Filebo, Parmênides, A Apologia e a tantos outros, não pode ser tomada em consideração. Nem fora possível a nenhum estudioso dos nossos dias compreender Platão,

isto é, formar para uso próprio uma síntese destilada daqueles nove escritos - em que pese à excelência de todos eles - se fizer tábula rasa das duas dezenas de Diálogos rejeitados.

Um retrato de Platão em que não entrassem os Diálogos da primeira fase, com o perfil de Sócrates como ele o concebia, transfigurado pela imaginação do Poeta, e tão fiel quanto possível ao original do indivíduo Sócrates que se comprazia em conversar de sol a sol com os atenienses de todas as camadas, na Praça do Mercado e junto das bancas dos cambistas, não seria apenas um retrato inexpressivo, senão mesmo de todo em todo falso. É impossível avaliar a originalidade do pensamento de Platão só com o estudo dos Diálogos denominados da velhice, nos quais Sócrates se contenta com o papel de mero espectador, quando não chega a desaparecer de todo, se primeiro não explicarmos a razão de ser da dedicação de um moço ateniense de tradição aristocrática, aos ensinamentos de um filósofo saído da classe dos banáusoi, dos trabalhadores braçais, e sem nenhum atrativo pessoal, se não fosse apenas o dom irresistível da palavra, mas que timbrou em apagar-se diante do seu ídolo e a riscar o próprio nome de tudo o que escrevia para exaltar a figura inimitável daquele excêntrico pensador.

A leitura, ou melhor, o estudo de todos esses escritos é imprescindível para quem quiser conhecer, de fato, o pensa mento de Platão. Daí, a necessidade de nos enfronharmos em todos os escritos da primeira fase e em muitos da maturidade, que Schaarschmidt e outros atiraram, com uma penada, para a cesta de papéis inúteis. Espúrios, é natural que haja, e precisarão ser apontados; porém sem essas mostras de barbarismo.

Afinal, a depuração reduz-se a poucos escritos de importância secundária, secundaríssima, sendo que muitos já chegaram até nós com o diploma de bastardia assinado pelos primeiros diretores da

Casa de Platão. Nesse particular, ainda são válidas as conclusões de Jowett, ao dar o balanço final dessa questão, nos comentários do primeiro Apêndice da sua tradução dos Diálogos, quando trata desses títulos duvidosos, Somente escritos de pequenas dimensões são passíveis de suspeição de fraude ou de receberem designação ilícita, com serem atribuídos a um falso dono, nunca os de maiores proporções. Certas espécies de trabalhos prestam-se mais do que outros a tais contra fações: epístolas e panegíricos, composições sofisticadas ou falsamente arcaizantes, e, ainda, alguns escritos que por sua própria estrutura traem a condição original de exercícios de retórica. E mais: não há um único exemplo de escritos longos e de bom acabamento que houvesse sido posteriormente desclassificado, para se revelarem como embuste de algum espertalhão. Nenhum escritor de mérito tinha interesse em atribuir a Platão algum dos seus trabalhos. E, quanto aos assalariados das letras floridas, de Alexandria ou de Atenas, sempre muito intrometidos... Os deuses jamais conferiram gênio nem originalidade a gente dessa espécie.

Além do mais, o gênero "diálogos" não é privativo de Platão, que talvez mesmo não tenha sido o criador dos Diálogos socráticos, senão o seu ilustrador mais brilhante. Ao lado dele e depois dele muitos o fizeram: Ésquines, Euclides, Fedão, Antístenes e, na geração seguinte, o grande Aristóteles. Compreende-se, assim, que, com o passar dos anos, fosse fácil a confusão, numa época em que os livros editados não traziam obrigatoriamente o título na lombada nem o nome do autor e a data. Mesmo porque os rolos de papiro não comportavam lombada. Nesse ponto, os historiadores asseguraram sabiamente os seus direitos, com declararem, de início, o nome próprio e o lugar do nascimentos.

O ateniense Tucídides escreveu a guerra que travaram entre si os atenienses e os peloponésios...

E carecendo todos eles de qualquer noção do que hoje denominamos direitos autorais, os copistas com sede de maiores lucros podiam lançar na praça os livros que entendessem. As obras de autores conhecidos do passado recente alcançavam bom preço no mercado, e se havia vantagem em atribuir a outrem qualquer trabalho espúrio, não constituía obstáculo de monta a semelhança ou identidade de título com os das obras tradicionais. Para contornar semelhante escolho, havia o re curso das distinções no próprio título: "Hípias maior" para diferençá-lo do "menor" ou vice-versa; ou "O Primeiro Alcibíades" e o "segundo" ou quantos mais aparecessem. Neste particular, certos tipos históricos exerciam atração especial sobre os escritores de Diálogos, que não se corriam de batizá-los sempre do mesmo modo. Sem falarmos de Sócrates, que deu origem a enorme literatura, chegou até nós a notícia de cin co ou seis diálogos diferentes com o nome do formoso Alcibíades. Essa particularidade, só por si, bastaria de sobejo para pôr de quarentena os dois Diálogos de igual nome incluídos nas obras de Platão, e também pelo fato de nenhum desses bonifrates suportar confronto com o Alcibíades a que fomos apresentados no Banquete de Agatão e outros pândegos - e não nos esqueçamos do indefectível Aristófanes - no dia seguinte ao do prêmio ganho por ele com a sua primeira tragédia, diante de trinta mil espectadores.

– Onde tens a cabeça, Glauco? Pois não sabes que há muitos anos Agatão não vem a Atenas, e que, da minha parte, ainda não se passaram três anos, desde que frequento a companhia de Sócrates e me esforço por saber, dia por dia, o que ele conversa ou faz?

Aí é que bate o ponto, por parecer, à primeira vista que, depois de escrever O Banquete e de apresentar-nos Alcibíades de corpo inteiro na porção final desse Diálogo, com aquela espontaneidade no elogio de Sócrates que toca às raias da inconveniência, porque

fruto de bebedeira engraçadíssima, se dispusesse Platão a rabiscar umas baboseiras sobre o-mesmo Alcibíades, dignas apenas de algum aprendiz da difícil arte de escrever, sem originalidade nem promessa de vir algum dia a dominar a técnica. Nem literária nem filosoficamente a leitura desse Diálogo nos adianta um ponto, ao menos, para melhor compreendermos o pensamento de Platão, se o não fizer ape nas com o fato de fortalecer em nosso íntimo a convicção da sua origem duvidosa. Mas, o que em tudo isso admira é o com portamento dos pósteros com relação a tais escritos e a diversidade de opinião no ajuizar do valor intrínseco de cada unidade em separado. Poucos foram os títulos sumariamente eliminados pelo juízo tácito da posteridade; a respeito da maior parte até hoje digladiam os entendidos, desde os neoplatônicos, com Proclo à frente e o seu comentário do Primeiro Alcibíades, até os mais acatados platonistas do presente século. É uma questão insolúvel, sendo inútil e até pueril pensarmos agora em resolvê-la pela contagem de votos. Sem falar que "Sócrates" seria o primeiro a troçar do nenhum valor desse argumento democrático, é certeza que, para cada autoridade que um dos grupos apresentasse, apareceriam duas outras não menos decididas nos arraiais da oposição. Paul Friedlânder, Croiset, Stefanini - a nacionalidade não importa; o que conta é o nome consagrado dos batalhadores - são acérrimos defensores da causa da legitimidade, em oposição a nomes de brilho não menor na cintilante galáxia de platonistas deste século, O critério da recentidade - vieni de paraitre! - para nos resguardarmos com a opinião dos mais novos comentaristas, também não oferece segurança. Nunca se pode saber quem dirá a última palavra; nesse terreno, como em tudo o mais, o pêndulo da diatética não pára de oscilar, levando cada comentador a contestar a tese do seu antecessor imediato, com argumentos cortantes e, para tudo dizer, definitivos, o que parece ser a única maneira de mostrar-se original e de provar independência no domínio das ideias. Que é

o mais prezado título para os estudiosos da filosofia. E o mais difícil de alcançar.

Nesta altura vai bem uma explicação. Não creia o leitor amável, que no calor da discussão de tais problemas me tenham escapado da pena, sem o querer, expressões incompatíveis com a elevação do assunto e o respeito que devemos a nós próprios nas referias desse tipo, em que está em jogo o nome e a glória do maior pensador - de um dos maiores, tanto faz - de todos os tempos. Nesse ponto a nossa herança portuguesa, de aquém e de além-mar, com polemistas que só desciam à liça em mangas de camisa - um Camilo ou um Teófilo, um Sílvio Romero ou o Tobias - poderia aprestar-nos alguma maroteira, contra o que nunca serão excessivas as precauções tomadas.

Porém o certo é que, neste terreno, aqui e em toda a parte, se as discussões não se tiravam com pancadaria, também não se. destravam com frases cor-de-rosa. Quando nada, sempre que imporia contestar a autenticidade de algum desses escritos atribuídos a Platão, não se correm os expositores de mudar de tom e de apostrofar com veemência a petulância daquele intrometido, como se o fizessem com a certeza de serem ouvidos ou lidos por ele mesmo e todo O bando de sua claque literária, em Alexandria ou em Atenas. Parece mesmo que não é possível entrar na apreciação de tais assuntos sem nos sentirmos afogueados e algum tanto trêmulos, em virtude do aumento de adrenalina no meio circulante.

Para citar apenas um platonista qualificado, Hermann Gauss não usa meias-tintas para rejeitar O Primeiro Alcibíades, com a perspectiva que lhe faculta no terreno da filosofia o seu grande saber. Não lhe bastou mostrar - e até mesmo demonstrar - a superficialidade da conversa de Alcibíades, o tom anti-socrático: de certos argumentos, o elogio que Sócrates faz de si mesmo e que só ficaria bem na boca de um Protágoras - "Ó caro filho. de Clínias e de Dinômaque, é que sem

a minha colaboração não te será possível levar a bom termo todos esses projetos, tão grande é a influência que eu presumo ter sobre ti e tudo o que te diz respeito.." - as expressões tiradas do Górgias ou da República, posteriores, por conseguinte, à época em que o autor pretendia localizar a feitura do Diálogo, e, sobretudo, o entusiasmo tão primitivo com que essa contrafação de Sócrates se refere ao luxo da corte do Grande Rei, aos latifúndios dos lacedomônios e à colossal quantidade de ouro que estes teriam conseguido acumular no decurso da sua história, diante da qual se sente envergonhada a pequenina Atenas: tudo é a tal ponto revelador do espírito anti-socrático do seu autor, com essa apologia das conquistas materiais e da riqueza, que nem com a maior boa-vontade poderemos atribuir esse Diálogo a Platão.

Voltemos - continua Gauss - à crítica anterior do texto, por mais razoável, e releguemos O Primeiro Alcibíades para o lugar que, por direito, lhe pertence: qualquer Instituto para a manipulação de produtos falsificados, do comecinho da época helenística" - in einer frú-hellenistischen Falsifikationspro duktionsanstalt -. (Quando nada, para o leitor brasileiro servirá a citação como exemplo humorístico da capacidade da língua alemã de compor longos vocábulos por justaposição, o que lhe permite dizer com duas palavras a mesma coisa que nós dizemos com doze.)

"Baiúca" helenística ("Garkúche" - as aspas são do Autor) para a falsificação de obras literárias, é outra expressão de Gauss, com referência ao diálogo Hípias Maior, folgando o autor em aduzir a opinião de Gigon (Sokrates, p. 264) acerca desse mesmo Diálogo e redigida, aliás, em termos comedidos: "Por isso mesmo, é-nos grato citar a nosso favor a reconhecida autoridade de Gigon no terreno da Filologia, o qual se manifesta deste modo com relação ao Hipias Maior: Com absoluta certeza, esse Diálogo não pertence a Platão, e

que, tal como se deu com O Primeiro Alcibíades, foi confeccionado desajeitadamente com material heterogêneo de vária procedência, em época pouco posterior ao período clássico"

Como não poderia deixar de ser, no tribunal da crítica literária na maioria dos casos a sentença se baseia num critério subjetivo decorrente do contraste entre as impressões que nos ficam de determinada leitura e a imagem que formamos de Platão depois do estudo dos seus escritos. Quando se nos deparam, num determinado Diálogo "philosophúmena", ou, digamos, visões ou temas filosóficos de diferentes fases da vida literária do Autor, dispostos uns ao lado dos outros sem nenhuma relação orgânica, ou lançados ao acaso no decurso da composição, podemos concluir, sem medo de errar, que se trata de alguma obra de carregação e de fabricação tardia, que deve ser sumariamente rejeitada.

Nessa apuração de votos tão acalorada, a favor ou contra a autenticidade de alguns escritos atribuídos a Platão, quem menos se exaltaria, e talvez mesmo nem tomasse conhecimento do assunto, seria o próprio Platão, com a placidez que o caracterizava na contemplação das coisas e, no mundo dos livros, por dar importância quase nula à palavra escrita. Em vários Diálogos e nas Cartas, como já vimos, não se cansou de insistir no valor do ensino oral, quando a palavra viva semeia a boa semente na alma do discípulo de natureza nobre, por não confiar no recurso duvidoso do papel para reforço da memória.

"Depois de lerem um mundo de coisas, sem nada terem aprendido, considerar-se-ão ultra-sábios, quando, na grande maioria, não passam de ignorantes, não sábios de verdade"

Essa postura tranquila, que, de nenhum modo, significa alheamento, senão apenas completo domínio de si próprio diante do

espetáculo da vida, e que tão bem se reflete no busto de Silânio, não escapou aos poetas cômicos, com suas referências maldosas aos tipos que, de uma maneira ou de outra, se diferençavam da plebe indistinta de Atenas. E, como de hábito, e até por injunções do ofício, com traços caricaturais. Sócrates que o diga, com as deturpações das Nuvens de Aristófanes, que tanto influíram para o desfecho fatal do seu processo.

Sem confundi-lo com os sofistas da época, de fama pouco lisonjeira, e até mesmo sem qualquer referência a seus ensinamentos, o poeta cômico Anfiside zomba do seu jeito calmo de apresentar-se em público, nada expansivo nem risonho, e que o palhaço da platéia interpretava como sinais de atrabile de um severo censor dos homens e do mundo em universal.

Tal qual um caracol, Platão, passeias de rosto-carrancudo, contemplando por onde vais o mundo feio e triste, tal qual um caracol.

É passagem da comédia Dexidêmide, tal como Diógenes Laércio no-la transmitiu na Vida de Platão.

Infinitamente mais valiosa, como flagrante de Platão no convívio com os homens, fora da Academia e esquecido, por assim dizer, de aulas e demais obrigações do ensino, é a encantadora anedota que nos conta Eliano (Varia Historia IV, 9), que ficara despercebida pelos estudiosos do nosso tempo e para a qual chamou a atenção Constantino Ritter na sua obra maior sobre Platão (Platon, |, 173) (Citado por Ottomar Wichmann: Platon, ideelle Gesamtdarstellung und Studienwerke, p. 580. Darms tadt, 1966).

Numa de suas temporadas em Olímpia, por ocasião dos jogos, Platão tornou-se amigo de dois companheiros casuais de barraca, no acampamento improvisado, porém sem identificar-se como professor disto ou daquilo, ou, digamos, sem apresentar os seus títulos

"acadêmicos" era um simples particular e, como todos, interessado apenas em acompanhar as emocionantes fases das competições em curso. Provavelmente, com suas preferências bem definidas e, melhor ainda, defendidas.

Deixo ao cargo da imaginação do leitor evocar as conversas animadas dos novos conhecidos, sobre os mais variados te mas, por ocasião dos jogos, com as indefectíveis "torcidas" ou noutras oportunidades, em passeios pelos arrabaldes, nos locais de refeição e até mesmo no próprio acampamento durante as horas de descanso. Limitar-me-ei a lembrar a passagem da Caria sétima, muito nossa conhecida, em que ele conta como, de uma feita, ali mesmo em Olímpia, discutira acaloradamente com Dião e outros exilados políticos da Sicília, sobre a delicadeza da sua situação com referência a Dionísio, para concluir pela impossibilidade de aderir à conspiração que eles tramavam para depor o Tirano. Aceitaria de bom grado o papel de apaziguador entre os dois partidos irredutíveis. Quanto a seus amigos particulares, periencentes ou não à Academia, deixava-os com inteira liberdade para se decidirem conforme melhor lhes parecesse. Já não estava em idade de embarcar numa aventura desse tipo.

Tudo isso, noutra ocasião. Agora, terminados os jogos da temporada, certo dia seus dois companheiros de barraca, de passagem por Atenas foram visitá-lo, conforme decerto haviam prometido. E, na qualidade de turistas de larga experiência, ha viam pretraçado seu programa de visitas. Passadas as primeiras efusões do encontro, pediram a Platão que lhes indicasse onde morava o seu homônimo de que tanto se falava em toda a Hélade. E ele, esboçando aquele sorriso discreto que lhe era peculiar, e que mais se manifestava nos olhos do que na mímica do rosto, lhes falou: Pois é; esse tal... Sou eu mesmo.

O que deixou encabulados, continua Eliano, os ilustres visitantes, que não acabavam consigo de admirar-se, por haverem convivido durante tanto tempo com aquele senhor tão simples, de nome Platão, sem suspeitarem nem de longe da sua identidade.

Com esse gênio, e com tantas obras publicadas, é difícil imaginar que em qualquer tempo cedesse Platão às exigências das nossas pequeninas vaidades e a que damos tanto valor, para organizar e afixar na portada de seus novos livros a relação completa de tudo o que escrevera até aquela data. E numerar, como fazemos, até os artigos de jornal, com os respectivos títulos, para assombro dos amigos e correligionários, também de número infinito.

Se fosse o caso, hoje estaríamos sossegados, nem haveria surgido em tempo algum o problema da identificação de suas obras. Mas, como a História nos pregou essa peça de mau gosto e nos legou tantos problemas com sua bibliografia lacunosa, o mais aconselhável, agora, será abstermo-nos de tomar par tido por maneira ostensiva, e não rejeitar nenhum dos títulos da sua grande produção literária nem inquiná-los de suspeição.

No ponto a que chegamos, a medida de ordem prática mais consentânea com a reverência que devemos à tradição, é traduzir indiscriminadamente todo o Corpus platonicum, sem a preocupação de purificá-lo com a eliminação de algum escrito duvidoso. Tanto mais que, a cada dia que passa, as surpresas se sucedem, a qual mais desconcertante, com a louvável tendência de reabilitar a quase totalidade daqueles escritos. A obra de Ottomar Wichmann, acima citada, se inicia, como de praxe, pelo estudo dos denominados Diálogos socráticos, porém agora incluindo, sem o menor vislumbre de polêmica, mui- tos títulos até então inquinados de bastardia: Do Justo, Da Virtude, Hiparco, Os Rivais, Teágenes, lado a lado com Laquete, Cármides e tantos outros que nos são familiares. E termina

- mirabile dictu! - lá pelas páginas 700, com a reabilitação de Epinomis, cuja autoria parecia definitivamente esclarecida com atribuí-la a Filipe de Opúncia, editor de Leis, conforme reza a tradição.

Em tal perplexidade, só nos resta terminar em aporia, sem resolver nada, a exemplo do grande mestre da Dialética em alguns dos seus Diálogos. Mais de uma vez, Sócrates obriga o contendor a bater em retirada, ao convidá-lo para recomeçarem a discussão em bases diferentes, visto não haverem chegado, até àquela altura, a nenhuma conclusão satisfatória. Foi o que se deu com o meritório Protágoras, com toda a sua vaidade - "Acerca dessas questões, mais para diante, caso queiras, voltaremos a conversar; agora, assunto urgente me reclama noutro lugar" - e com o superficial Eutífrone, a suar frio e ansioso de safar-se daquela enleada em que se metera sem querer: "Noutra ocasião, Sócrates; agora estou com pressa; é tempo de ir-me embora"

É a saída menos desairosa que se nos oferece. Aí estão os Diálogos de Platão: autênticos, apócrifos e duvidosos, tal como no-los transmitiu a antiguidade. Só há vantagem para os estudiosos em se habilitarem, com a sua leitura, para tomar parte ativa nessas discussões de alto nível.

I

Sócrates – Alcibíades - Ó filho de Clínias, deves estar admirado de que, tendo sido eu o primeiro a te amar, seja o único que não te abandonasse, quando todos se afastaram, apesar de não te haver dirigido a palavra durante tantos anos em que a turba te importunava com suas atenções. Não foi humana a razão desse meu proceder, mas impedimento divino, de cuja natureza oportunamente te falarei. E hoje, que tal impedimento cessou, aproximo-me de ti com a esperança de que, daqui por diante, não mais se manifeste. Durante todo esse tempo, observei como te comportavas com relação aos teus amigos. Por mais numerosos e altivos que fossem, não houve um só que não saísse corrido pelo teu desdém. Vou explicar-te a razão de ser de teu orgulho. Estás convencido de que não necessitas de ninguém para nada, pois, tendo tudo com larga margem de sobra, de nada virás a precisar, a começar pelo corpo e a acabar pela alma. Em primeiro lugar, julgas-te o mais belo e o mais alto dos cidadãos, com o que há de concordar quem tiver olhos de ver; a seguir, pertences a uma das mais esforçadas famílias de tua própria cidade, a qual, por sua vez, é a maior da Hélade, e nela, por parte de pai, dispões de numerosos e influentes amigos e parentes, todos eles dispostos a servir-te na ocasião oportuna. Do lado materno, de igual modo, contas com parentes não menos numerosos que influentes. Porém o que consideras de mais importância que tudo é a influência de Péricles, filho de Xantipa, que teu pai deixou como teu tutor e de teu irmão, o qual pode fazer o que quiser tanto em nossa cidade como em toda a Hélade e em muitas e poderosas nações bárbaras. Acrescentarei a isso que pertences ao número das pessoas ricas, conquanto se me afigure que seja particularidade a que não dás grande importância. Envaidecido por todas essas vantagens, sobrepuseste-te aos teus

admiradores, que aos poucos se afas taram de ti, o que não te passou despercebido. Sei, portanto, muito bem, que te admiras de eu não desistir de amar-te, e te perguntas em que posso fundar minhas esperanças para persistir no meu intento, quando todos os outros já se retiraram.

II

Alcibíades – Talvez ignores, Sócrates, que te antecipaste a mim de um quase nada, pois eu tinha precisamente a intenção de procurar-te para perguntar o que pretendes e o que esperas, - para me importunares desse modo, obstinando-te em seguir-me por toda a parte. Em verdade, não atino com o que se passa contigo, e muito te agradeceria, se me dissesses o que há.

Sócrates – Se desejas saber, como dizes, o que se passa comigo, ouve-me, como cumpre, com boa disposição. Vou falar como quem se dirige a quem se dispõe a escutar e a não retirar-se antes do fim.

Alcibíades – Está bem. Podes falar.

Sócrates – Toma cuidado, pois não seria de admirar que tanto me custe terminar, como começar.

Alcibíades – Fala, meu caro Sócrates, que te ouvirei.

Sócrates – Vou falar, embora seja difícil a qualquer pessoa apresentar-se em caráter de apaixonado a quem não se rende a nenhum dos seus admiradores. Ainda assim, atrevo-me a expor meu pensamento. Se eu tivesse visto, meu caro Alcibíades, que te mostravas satisfeito com as vantagens que há momentos enumerei e que te contentarias

com elas para o resto da vida, tenho certeza de que há muito tempo já teria arrefecido a afeição que te dedico. Vou revelar-te os teus verdadeiros pensamentos com relação a ti próprio, para que vejas como sempre foste objeto de minhas cogitações. Sou de parecer que se algum dos deuses te dissesse: Ó Alcibíades, que preferiras: continuar vivo com o que presente mente possuis, ou morrer agora mesmo, caso não te fosse possível aumentar teu cabedal? estou certo de que escolherias morrer. Vou dizer-te agora de que esperança vives. Estás convencido de que logo que te apresentares para falar na assembleia dos atenienses - o que se dará dentro de poucos dias - imediatamente demonstrarás a todos que és mais merecedor de consideração do que Péricles ou qual quer dos varões ilustres dos séculos passados, demonstração que te granjeará a autoridade suprema da cidade entre os teus concidadãos. Uma vez as segurado o poder entre nós, dominarás em todos os helenos, digo melhor, não apenas nos helenos, mas nas populações de bárbaros que habitam o mesmo continente que nós. E se aquela divindade voltasse a falar e te dissesse que o teu império deveria ficar circunscrito à Europa, não te sendo permitido passar para a Ásia nem imiscuir-te nos negócios de lá, tenho certeza de que não quererias viver sob essa condição, já que não te era possível encher o mundo todo - por assim dizer - com o ruído do teu nome e do teu poder. Estou convencido de que, com exceção de Ciro e de Xerxes, ninguém mais se te afigura merecedor de consideração. Que essa é a tua esperança, tenho absoluta certeza; não se trata de conjecturas. E como estás ciente de que falo a verdade, decerto me perguntarás: Muito bem, Sócrates; porém que relação pode haver entre a explicação que me querias dar e o teu propósito de não me deixares? Ao que eu te responderia: Ó caro filho de Clínias e de Dinômaque, é que sem a minha colaboração não te será possível levar a bom termo todos esses projetos, tão grande é a influência que eu presumo ter sobre ti

e tudo o que te diz respeito. Essa é a razão, quero crer, de me haver a divindade impedido durante tanto tempo de conversar contigo e de ter eu ficado à espera de sua permissão. E assim como pretendes demonstrar à cidade que és digno das maiores honrarias, para de pronto alcançares poder absoluto sobre ela, eu também, do meu. Lado, espero provar-te que te sou indispensável, e de tal forma indispensável que nem o teu tutor, nem teus parentes, nem ninguém mais se encontra em condições de entregar-te em mãos o poder que tanto ambicionas, senão eu somente, com a ajuda da divindade, bem entendido. Quer parecer-me que enquanto eras jovem e não te achavas tão inflado por essas esperanças, a divindade não me permitia conversar contigo. Agora, porém, ela o consente, por estares em condições de ouvir-me.

III

Alcibíades – Acho-te muito mais estranho agora, Sócrates, depois de começares a falar, do que quando me seguias sem dizer palavra, apesar de não ser pequena a estranheza que durante esse tempo me causavas. Quanto aos pensamentos que me atribuis e que aceitas, ao que parece, como ma téria pacífica, de nada me adiantaria protestar para convencer-te do contrário. Que fique assim mesmo. Admitindo-se, pois, que alimento, de fato, esses projetos, de que modo, com a tua ajuda, conseguirei concretizá-los, e, sem ela, nada poderei fazer? Quererás explicar-me?

Sócrates – Perguntas se eu posso dar-te num discurso longo a explicação pedida, como estás habituado a ouvir? Não é esse o meu feitio. Todavia, penso que me será possível demonstrar-te a verdade do meu dito, bastando para isso que me faças um pequeno favor.

Alcibíades – Estou pronto a atender-te, se não for muito difícil.

Sócrates – Achas difícil responder a perguntas?

Alcibíades – Não, de fato.

Sócrates – Então, responde.

Alcibíades – Interroga-me.

Sócrates – Vou fazê-lo, no pressuposto de alimentares os projetos que te atribuí.

Alcibíades – Que seja, se assim o queres, para vermos o que vais dizer.

Sócrates – Então, comecemos. Como disse, tencionas dentro de pouco apresentar-te aos atenienses em caráter de conselheiro. Suponhamos que, no instante preciso de subires à tribuna, eu te detenha para perguntar-te: Ó Alcibíades, no momento em que os atenienses se reúnem para deliberar, por que motivo te apresentas para ministrar-lhes conselhos? Não será por julgares que conheces melhor do que eles o assunto de que vão tratar? Que me responderias?

Alcibíades – Decerto respondera que conheço o assunto melhor do que eles.

Sócrates – És, por consequência, bom conselheiro a respeito de assuntos do teu conhecimento?

Alcibíades – Evidentemente.

Sócrates – E tudo o que conheces, não foi aprendido com outras pessoas ou descoberto por ti mesmo?

Alcibíades – Como poderia ser de outra maneira?

Sócrates – E poder-se-ia dar o caso de teres aprendido ou encontrado alguma coisa sem que ti vesses querido aprender com alguém, nem houvesses investigado por conta própria?

Alcibíades – De forma alguma.

Sócrates – E te resolverias a aprender ou a investigar alguma coisa que supusesses já ser do teu conhecimento?

Alcibíades – Nunca.

Sócrates – E o que porventura sabes neste momento, não houve tempo em que presumias ignorar?

Alcibíades – Necessariamente.

Sócrates – Creio estar mais ou menos a par de tudo o que aprendeste. Se eu omitir alguma coisa, nomeia-a. Tanto quanto posso lembrar-me, aprendeste a ler e a escrever, a tocar lira e a lutar. Não quiseste aprender a tocar flauta. Isso é o que sabes, a menos que tenhas aprendido mais alguma coisa escondido de mim, o que me parece improvável, pois não saías de casa, nem de dia nem de noite, sem que eu o percebesse.

Alcibíades – Não; só tive professores disso mesmo.

IV

Sócrates – Sendo assim, sempre que os atenienses se reunirem para discutir a respeito de alguma questão de ortografia, pretendes levantar-te para dar tua opinião?

Alcibíades – Não, por Zeus!

Sócrates – Ou sobre o modo de pulsar a lira?

Alcibíades – Também não.

Sócrates – Eles não costumam, outrossim, de liberar na assembleia sobre as regras da luta?

Alcibíades – É certo.

Sócrates – Então, a respeito de quê pretendes aconselhá-los em suas deliberações? Não há de ser sobre construções.

Alcibíades – Não.

Sócrates – Melhor conselheiro do que tu, para esse caso, seria um arquiteto.

Alcibíades – É certo.

Sócrates – Nem, tampouco, quando estiverem tratando de adivinhação.

Alcibíades – Não.

Sócrates – A esse respeito, um adivinho leva vantagem sobre ti.

Alcibíades – Sem dúvida.

Sócrates – Pouco importando que ele seja de grande ou pequena estatura, bonito ou feio, de nobre ou de vil ascendência.

Alcibíades – Sem dúvida.

Sócrates – Para ser bom conselheiro, o que importa não é a riqueza, porém o saber.

Alcibíades – Como não?

Sócrates – Assim; quer seja rico, quer pobre o autor do conselho, não faz diferença para os atenienses, quando se põem a deliberar a respeito da saúde pública; só exigem que o conselheiro seja médico.

Alcibíades – E com razão.

Sócrates – Então, a respeito de que assunto poderás aconselhá-los, quando eles estiverem deliberando?

Alcibíades – Quando tratarem de seus próprios negócios.

Sócrates – Referes-te, por exemplo, a construções navais, quando discutirem que tipo de navios é preciso construir?

Alcibíades – Sobre isso, não, Sócrates.

Sócrates – Suponho que nada entendes da técnica da construção. Ou haverá outro motivo?

Alcibíades – Não; é esse mesmo.

Sócrates – Então, a que negócios próprios te referes, de cuja discussão pretendes participar?

Alcibíades – Questões de guerra, Sócrates, e de paz, ou qualquer outro negócio de estado.

Sócrates – Já sei: é quando eles estiverem discutindo com quem devem concluir paz, ou contra quem declarar guerra, e como levá-la a efeito?

Alcibíades – Isso mesmo.

Sócrates – E que devem declará-la contra quem for mais conveniente?

Alcibíades – Sim.

Sócrates – E no momento mais oportuno?

Alcibíades – Perfeitamente.

Sócrates – E durante todo o tempo que lhes convier?

Alcibíades – Isso mesmo.

Sócrates – Se os atenienses tivessem de decidir contra quem fora preciso empenhar-se em luta, ou lutar só com as mãos, sem tocar no corpo, e sobre as regras da competição, quem lhes poderia dar melhores conselhos, tu ou o pedótriba?

Alcibíades – O pedótriba, é claro.

Sócrates – Saberás dizer-me em que se basearia o pedótriba para aconselhá-los a lutar com este ou aquele, ou a dissuadi-los de tal propósito, e a indicar-lhes o momento oportuno e a maneira mais certa? Em outros termos: não lhes diria que fora conveniente lutar contra quem lhes ofereça maior probabilidade de vitória? Ou não?

Alcibíades – Sim.

Sócrates – E sempre que for melhor fazê-lo?

Alcibíades – Sim.

Sócrates – E na ocasião mais oportuna?

Alcibíades – Perfeitamente.

Sócrates – Outro exemplo: por vezes, além de pulsar a cítara, não precisa o cantor acertar o passo ao canto?

Alcibíades – Sem dúvida.

Sócrates – Tudo isso no momento certo?

Alcibíades – Sim.

Sócrates – E sempre que for melhor fazê-lo?

Alcibíades – De acordo.

V

Sócrates – Pois bem; já que empregas a mesma expressão. Melhor, tanto com relação à luta como ao canto acompanhado de cítara, quero que me digas que nome dás a esse melhor no canto? Eu, na palestra, dou-lhe o nome de ginástico. E tu, como designas o outro?

Alcibíades – Não compreendo.

Sócrates – Então, procura imitar-me. Eu responderia que para mim o melhor é o absolutamente correto, sendo correto tudo o que é feito de acordo com a arte. Aceitas isso?

Alcibíades – Aceito.

Sócrates – Não é a ginástica uma arte?

Alcibíades – Como não?

Sócrates – Digo, portanto, que em matéria de luta o melhor se denomina ginástico.

Alcibíades – Foi o que disseste.

Sócrates – E não estará certo?

Alcibíades – Parece-me que sim.

Sócrates – Agora é tua a vez; precisas iniciar-te na dialética. Começo por perguntar-te que nome dás a arte que compreende o canto certo, o toque de cítara e o ritmo dos passos? Em conjunto, como se denomina? Ainda não saberás dizê-lo?

Alcibíades – Ainda não.

Sócrates – Tentemos por outro modo. Quais são as deusas que presidem a essa arte?

Alcibíades – Estás pensando nas Musas, Sócrates?

Sócrates – Justamente. Como se chama a arte que delas tira o nome?

Alcibíades – Quero crer que te referes à música.

Sócrates – É isso mesmo. Agora dize-me que nome se dá ao que é excelente em relação à arte da música. Assim como eu te indiquei o termo exato que se aplica à execução, quando feita de acordo com as regras de outra arte - a ginástica - dize -me agora, por tua vez, que nome tem na música o que é feito com todas as regras da arte.

Alcibíades – Creio que é músico.

Sócrates – Muito bem. Continua. E quando se atinge a excelência em matéria de paz e de guerra, de que modo a nomeias? Assim como nos outros casos deste o nome de músico ao que é excelente na música, e o de ginástico ao que sobre excele em ginástica, procura agora designar também o melhor em questão de paz e de guerra.

Alcibíades – Para ser franco, não sei.

Sócrates – Ora, fora vergonhoso, se estivesses falando com alguma pessoa e dando conselhos a respeito de alimentos, e dissesses que tal alimento era melhor do que outro, em tal tempo ou em tal quantidade, e essa pessoa te perguntasse: Que entendes por melhor alimento,

Alcibíades? não lhe responderias que era o mais sadio, muito embora não te apresentasses como médico? No entanto, quando te formulam uma pergunta sobre assunto que de claras conhecer e a respeito do que te apresentaste para falar como entendido, não te sentirias envergonhado de não saberes responder, ao te formularem essa pergunta? Ou não te parece vergonhoso?

Alcibíades – Muito.

Sócrates – Então reflete um pouco, e procura explicar em que consiste o melhor a respeito de paz, quando for preciso ser firmada, ou com relação à guerra levada a cabo contra o adversário certo.

Alcibíades – Por mais que reflita, não atino com a resposta.

Sócrates – Ora, quando estamos em guerra, não sabes as queixas que alegamos reciprocamente para justificá-la, e de que expressões nos valemos para esse fim?

Alcibíades – Sei! Que fomos enganados, ou nos fizeram violência, ou que nos tomaram algo.

Sócrates – Continua. E como procedemos nessas ocasiões? Procura a expressão que possa aplicar-se a todos os casos em particular.

Alcibíades – Queres dizer, Sócrates, que em cada caso procedemos justa ou injustamente?

Sócrates – É isso mesmo.

Alcibíades – Mas a diferença é enorme!

Sócrates – E então? Contra que adversários aconselharias os atenienses a marchar para a guerra: contra os que procederam injustamente com eles, ou contra os que obraram com justiça?

Alcibíades – Pergunta difícil, essa, de responder, Sócrates, pois ainda mesmo que alguém se dispusesse a atacar os que procederam com justiça, jamais o confessaria.

Sócrates – Não seria legítima sua conduta, ao que parece.

Alcibíades – Não, decerto; nem honesta, quero crer.

Sócrates – Assim, tomarias a justiça como base de teus conselhos?

Alcibíades – Necessariamente.

Sócrates – Sendo assim, esse melhor que te pedi me definisses, quando se vai ou não se vai para a guerra, contra quem deve ser ou não deve ser declarada, e qual o momento mais oportuno de iniciá-la ou não, vem a ser simplesmente o justo, não é verdade?

Alcibíades – Evidentemente.

VI

Sócrates – Mas, então, meu caro Alcibíades, como não percebeste que ignoravas isso, ou dar-se-á o caso de haveres frequentado, sem o saberes, algum professor que te ensinou a distinguir entre o justo e o injusto? Quem é ele? Dize-me quem seja, e apresenta-me a ele, para que eu também me aproveite de suas lições.

Alcibíades – Estás zombando, Sócrates.

Sócrates – Não, pelo deus amigo de nós dois, cujo nome eu não invocaria em vão; se esse professor existe, dize-me como se chama.

Alcibíades – Mas se nunca houve tal professor! Não admites que por outros meios eu possa ter aprendido a conhecer o justo e o injusto?

Sócrates – Sim, se o descobriste por ti mesmo.

Alcibíades – E achas que eu nunca poderia descobri-lo?

Sócrates – Sem dúvida; bastaria procurar.

Alcibíades – E não admites que o tenha feito?

Sócrates – Sim, no caso de pensares que não o conhecias.

Alcibíades – E não houve época em que eu pensava dessa maneira?

Sócrates – Muito bem. Poderás indicar-me esse tempo em que pensavas não conhecer a natureza do justo e do injusto? Vejamos: no ano passado procuraste conhecê-lo, por imaginares que ainda o ignoravas? Ou pensavas já conhecê-lo? Dize a verdade, para que não venhamos a falar em vão.

Alcibíades – Bem; pensava sabê-lo.

Sócrates – E há três anos, e há quatro, ou há cinco anos, tua situação não era a mesma?

Alcibíades – Perfeitamente.

Sócrates – Antes desse tempo, ainda eras criança, não é verdade?

Alcibíades – Sim,

Sócrates – Porém tenho certeza de que nessa época imaginavas saber.

Alcibíades – Certeza, como?

Sócrates – Muitas vezes, no tempo de menino, em casa do professor ou alhures, quando jogavas dados com teus colegas ou te entregavas a qualquer outro divertimento, não revelavas nenhuma indecisão com respeito à natureza do justo e do injusto, mas em voz alta e corajosamente chamavas fosse qual fosse dos teus companheiros de mau e injusto e o acusavas de estar roubando. Não é verdade?

Alcibíades – E que deveria fazer, Sócrates, quando me roubavam no jogo?

Sócrates – Se nesse tempo ainda ignoravas se era justo ou injusto o que te faziam, como perguntas o que deverias fazer?

Alcibíades – Por Zeus, não o ignorava; sabia perfeitamente que estavam praticando comigo uma injustiça.

Sócrates – Pelo que se vê, és de parecer que desde criança conheces a natureza do justo e do injusto.

Alcibíades – Sim; conhecia, realmente.

Sócrates – E em que época a descobriste? Não, decerto, no tempo em que pensavas conhecê-la.

Alcibíades – Não, sem dúvida.

Sócrates – Quando, então, presumias ignorá-la? Pensa bem; não podes dizer em que tempo foi isso?

Alcibíades – Com efeito, Sócrates, por Zeus! Não sei o que dizer.

Sócrates – Então não aprendeste tal coisa por a teres descoberto.

Alcibíades – É o que parece.

Sócrates – Mas há pouco disseste que não conhecias isso por haver aprendido. Ora, se não o descobriste por ti mesmo, nem aprendeste com ninguém, de que modo e de onde te veio tal conhecimento?

VII

Alcibíades – Decerto não respondi direito, quando disse que o havia descoberto.

Sócrates – Então, como deveria ter respondido?

Alcibíades – Creio que aprendi com todo o mundo.

Sócrates – Voltamos, assim, ao ponto de partida. Com quem aprendeste? Dize-me.

Alcibíades – Com todo o mundo.

Sócrates – Não te acolhes a professores recomendáveis, com te refugiares entre o vulgo.

Alcibíades – Como assim? O vulgo não é capaz de ensinar nada?

Sócrates – Nem sequer a jogar gamão, que é muito menos difícil de aprender do que a justiça. Não pensas desse modo?

Alcibíades – Sim.

Sócrates – Se não é capaz de ensinar o mais fácil, como poderá fazê-lo com o mais difícil?

Alcibíades – Penso que pode; o vulgo tem capacidade para ensinar coisas mais difíceis do que esse jogo.

Sócrates – Que coisas?

Alcibíades – Ora, aprendi com eles a falar grego, pois o certo é que não poderei indicar meu professor nessa matéria, se não for, justamente, o que te parece tão pouco recomendável.

Sócrates – Sim, caro amigo; são ótimos professores de grego, dignos, nesse ponto, dos maiores encômios.

Alcibíades – Por quê?

Sócrates – Por serem dotados das qualidades indispensáveis aos bons professores.

Alcibíades – Que queres dizer com isso?

Sócrates – Não sabes que a condição essencial para ensinar alguma coisa é conhecê-la? Ou não?

Alcibíades – Perfeitamente.

Sócrates – E que os que conhecem essa coisa devem estar sempre de acordo, sem nunca divergirem de opinião?

Alcibíades – Sim.

Sócrates – Dirias que eles conhecem os assuntos em que estão em desacordo?

Alcibíades – De forma alguma.

Sócrates – E então? Acreditas que os do vulgo venham a ficar em desacordo a respeito do que seja pau ou pedra? Qualquer pessoa a quem te dirigires, não te daria sempre uma única resposta e não correria para o mesmo objeto, se se tratasse de apanhar um pau ou uma pedra? E assim com tudo o mais, o que eu suspeito ser mais ou menos o que entendes por falar grego. Ou não?

Alcibíades – É certo.

Sócrates – Ora, como dizíamos, não é verdade que nesse ponto todos estão de acordo entre si e cada um consigo mesmo, e que do mesmo modo não discrepam publicamente e empregam sempre as mesmas expressões?

Alcibíades – Com efeito.

Sócrates – É de presumir, portanto, que todos sejam excelentes

professores nessa matéria.

Alcibíades – É certo.

Sócrates – Sendo assim, no caso de querermos deixar alguém em condições de falar corretamente a língua grega, faríamos bem em encaminhá-lo para a escola das multidões?

Alcibíades – Perfeitamente.

VIII

Sócrates – Porém se não quiséssemos saber apenas o que é homem e o que é cavalo, mas que homens ou que cavalos são bons ou maus corredores, os da maioria ainda seriam os mais indicados para no-lo ensinar?

Alcibíades – De forma alguma.

Sócrates – A melhor prova de que eles desconhecem o assunto e de que não são professores competentes nessa matéria é nunca chegarem a um acordo entre eles mesmos.

Alcibíades – Tens razão.

Sócrates – E então? Se quiséssemos saber, não apenas o que são os homens, porém que homens são sadios ou doentes, estaria ainda a maioria em condições de no-lo ensinar?

Alcibíades – Não, de fato.

Sócrates – E a prova de que eles são maus professores nessa matéria, não na terias no fato de vê-los sempre em desacordo?

Alcibíades – Sem dúvida.

Sócrates – E agora? A respeito de homens ou de negócios justos ou injustos, és de parecer que os da multidão estão de acordo uns com os outros, ou cada um consigo mesmo?

Alcibíades – Pior ainda, Sócrates, por Zeus!

Sócrates – Não é sobre isso que se revela maior entre eles o desacordo?

Alcibíades – Sem dúvida!

Sócrates – Por outro lado, quero crer que nunca viste nem nunca ouviste dizer que os homens se desaviessem a respeito do que é são ou do que é doentio, a ponto de chegarem às vias de fato e de: se matarem?

Alcibíades – Nunca.

Sócrates – Mas com relação a disputas sobre o justo e o injusto, embora talvez nunca tivesses presenciado nenhuma, estou certo de que já ouviste referências a muitos casos, principalmente em Homero. Conheces a Ilíada e a Odisséia.

Alcibíades – Seguramente, Sócrates.

Sócrates – O argumento desses poemas não é o desacordo de sentimentos sobre o justo e o injusto?

Alcibíades – É.

Sócrates – Foi esse desacordo a causa das batalhas e da morte de acaios e de troianos, bem como dos pretendentes de Penélope, na Odisséia.

Alcibíades – É certo.

Sócrates – Quero crer, também, que os atenienses, lacedemônios e heócios, que morreram em Tânagra, bem como posteriormente em Coronéia, onde também teu pai Clínias veio a falecer, não foi outra a causa de tantas mortes e batalhas senão a desavença a respeito do justo e do injusto, não é verdade?

Alcibíades – É muito certo.

Sócrates – No entanto, apelas para esses mesmos professores, cuja ignorância és o primeiro a reconhecer.

Alcibíades – É possível.

Sócrates – Como poderemos convir, então, que sabes o que seja natureza da justiça e da injustiça, se aberras tanto nas tuas respostas, por ser evidente que nem a aprendeste com alguém, nem a encontraste por esforço próprio?

Alcibíades – Pelo que dizes, não é possível.

IX

Sócrates – Não percebes, Alcibíades, como te exprimes com pouca precisão?

Alcibíades – A respeito de quê?

Sócrates – De pensares que eu disse tal coisa.

Alcibíades – Como assim? Não foste tu quem disseste que eu nada sei a respeito do justo e do injusto?

Sócrates – Eu, não.

Alcibíades – Então fui eu?

Sócrates – Sem dúvida.

Alcibíades – De que modo?

Sócrates – É o seguinte: suponhamos que eu te perguntasse qual dos dois números é maior: um ou dois. Não responderias que dois é o maior?

Alcibíades – Sem dúvida.

Sócrates – Maior, quanto?

Alcibíades – Uma unidade.

Sócrates – Qual de nós dois é o que diz que dois é uma unidade maior do que um?

Alcibíades – Eu.

Sócrates – Logo, eu fui o que perguntei, e tu, o que respondeste?

Alcibíades – Sim.

Sócrates – Sobre esse assunto, portanto, quem é que se manifesta: eu que pergunto, ou tu que respondes?

Alcibíades – Eu.

Sócrates – E se eu te pedisse que me dissesses as letras da palavra Sócrates, quem se manifestaria, eu ou tu?

Alcibíades – Eu.

Sócrates – Falemos agora em tese: quando se estabelece uma troca de perguntas e respostas, quem é que se manifesta, quem pergunta ou quem responde?

Alcibíades – Parece-me, Sócrates, que é quem responde.

Sócrates – Ora, em toda a nossa conversação anterior, não era eu o único a perguntar?

Alcibíades – Era.

Sócrates – E tu eras o que respondias?

Alcibíades – Perfeitamente.

Sócrates – Quem se manifestou, portanto, sobre o que ficou dito?

Alcibíades – Do que admitimos, Sócrates, sou forçado a concluir que fui eu.

Sócrates – E não ficou dito, também, que Alcibíades, o belo, filho de Clínias, ignorando a natureza do justo e do injusto, mas presumindo conhecê-la, pretendia apresentar-se à assembleia para dar conselhos aos atenienses a respeito de questões de que ele nada entendia?

Alcibíades – Parece.

Sócrates – Aplica-se ao nosso caso, Alcibíades, aquilo de Eurípides: ouviste isso de ti mesmo, não de mim; não fui eu que o disse, porém tu, que me acusas sem razão. O que disseste é muito certo. É verdadeira loucura, meu caro, levar avante o teu projeto de pretender ensinar aos outros o que nem sabes nem te deste ao trabalho de aprender.

X

Alcibíades – Penso, Sócrates, que muito raramente os atenienses e os demais helenos discorrem em suas assembleias sobre o que seja mais justo ou mais injusto. Para eles todos, trata-se de uma questão evidente por si mesma. Por isso, deixam-na de lado e consideram apenas as resoluções de que possam auferir maiores vantagens. Segundo o meu modo de pensar, não é a mesma coisa o justo e o vantajoso; muitos homens tiram grande proveito de injustiças por eles mesmos praticadas, enquanto outros, é o que penso, nada lucraram com terem sido justos.

Sócrates – E então? Admitindo-se que o justo e o vantajoso sejam diferentes, terás a pretensão de saber o que é vantajoso para os

homens, e a razão de o ser?

Alcibíades – Por que não, Sócrates? Salvo se me perguntares outra vez com quem o aprendi ou de que modo o encontrei por mim mesmo.

Sócrates – Vês como te comportas? Se cometeres algum equívoco que possa ser refutado pelos mesmos argumentos de que nos servimos antes, insistes, apesar disso, em querer ouvir nova argumentação, como se os primeiros argumentos não passas sem de vestes safadas, que já não poderias usar. Forçoso será que te apresentem argumentos puros e imaculados. Não obstante, vou deixar de lado todo esse preâmbulo, para perguntar-te novamente onde aprendeste o que sabes sobre o útil, quem foi o teu professor, e tudo o mais de há pouco, apresentado agora de uma só vez. Mas, é evidente que vais voltar à situação anterior, sem poderes demonstrar que sabes isso por o teres descoberto por ti mesmo ou aprendido com alguém. Como, porém, te revelaste de paladar muito delicado, para não teres necessidade de provar duas vezes os mesmos argumentos, desisto de procurar saber se conheces ou não conheces o que é útil aos atenienses, e apenas te formulo uma pergunta: o útil e o justo são idênticos ou distintos? Por que não demonstras o teu ponto de vista interrogando-me, como eu fiz contigo, ou, se o preferires, desenvolvendo tu mesmo teu pensamento?

Alcibíades – Não sei, Sócrates, se tenho capacidade para apresentar em termos exatos o problema.

Sócrates – Ora, meu caro; faze conta que eu sou a assembleia e o povo. Forçosamente terás de convencer na assembleia cada indivíduo isoladamente considerado, não é assim?

Alcibíades – Justamente.

Sócrates – Não é possível a qualquer pessoa converter ao seu modo de pensar ou um indivíduo apenas ou uma reunião de muitos indivíduos? Não é isso que se dá com o professor de ginástica, que tanto ensina um aluno, como muitos?

Alcibíades – Sim.

Sócrates – E a respeito de números, uma só pessoa não poderá, do mesmo modo, convencer um ouvinte apenas, ou muitos ouvintes?

Alcibíades – É isso mesmo.

Sócrates – Desde que essa pessoa, naturalmente, conheça o assunto, isto é, bastando que seja matemático?

Alcibíades – É evidente.

Sócrates – Logo, se fores capaz de convencer muitas pessoas reunidas, poderás, do mesmo modo, convencer uma só.

Alcibíades – Creio que sim.

Sócrates – Se se tratar, é claro, de assunto do teu conhecimento.

Alcibíades – É certo.

Sócrates – A diferença, portanto, entre O orador que fala perante uma assembleia e o que discorre numa conversa como a nossa, não consiste apenas em persuadir o primeiro muitas pessoas ao mesmo tempo, e o segundo, uma só, isoladamente?

Alcibíades – Parece que sim.

Sócrates – Muito bem; e já que se tornou evidente que o orador capaz de convencer muitas pessoas é também capaz de convencer uma só, exercitaste comigo e procura demonstrar-me que nem sempre o justo é vantajoso.

Alcibíades – És violento, Sócrates.

Sócrates – Pois só por violência vou provar-te precisamente o contrário daquilo que não quiseste demonstrar-me.

Alcibíades – Então fala.

Sócrates – Basta responderes ao que te perguntar.

Alcibíades – Não; fala sozinho.

Sócrates – Como assim? Não admites que te possas deixar convencer por alguém?

Alcibíades – Quantas vezes for preciso.

Sócrates – E para ficares convencido, não é de mister que tu mesmo declares que as coisas se passam como eu disse?

Alcibíades – Penso que sim.

Sócrates – Então responde. Se não vieres a ouvir de ti mesmo que o justo é vantajoso, nunca mais acredites em ninguém.

Alcibíades – Não creio; mas vou responder ao que me perguntares,

por não ver em que possa isso prejudicar-me.

XI

Sócrates – És bom adivinho. Então dize-me: segundo o teu modo de pensar, entre as coisas justas algumas são vantajosas e outras não?

Alcibíades – Sim.

Sócrates – E então? Não haverá entre elas algumas bonitas e outras que o não sejam?

Alcibíades – Que queres dizer com isso?

Sócrates – Pergunto se já viste alguém cometer uma ação feia, porém justa.

Alcibíades – Nunca.

Sócrates – Nesse caso, todas as ações justas são belas?

Alcibíades – São.

Sócrates – E com relação às coisas belas, serão todas boas, ou algumas o serão, com exclusão de outras?

Alcibíades – A meu ver, Sócrates, algumas coisas belas são más.

Sócrates – E há coisas feias que sejam boas?

Alcibíades – Há.

Sócrates – Que queres dizer com isso? Exemplificando, não será o caso dos soldados na guerra, que vêm a morrer por ferimentos recebidos, quando Saem em socorro de algum parente ou companheiro, enquanto outros, que tinham o dever de fazer o mesmo, porém não o fazem, retiram-se incólumes?

Alcibíades – Perfeitamente.

Sócrates – Por outro lado, consideras má essa mesma ação, por implicar morte e ferimentos, não é?

Alcibíades – Sim.

Sócrates – Mas uma coisa é a coragem, e outra a morte, não é verdade?

Alcibíades – Sem dúvida.

Sócrates – Sendo assim, socorrer os amigos não pode ser belo e feio ao mesmo tempo.

Alcibíades – Não, evidentemente.

Sócrates – Considera agora se o que deixa bela essa ação, também não a deixa boa, como no caso anterior. Foste o primeiro a conceder que, como ato corajoso, era belo o auxílio prestado. Agora, procura saber se a coragem é boa ou má. Reflete sobre isso. Que escolherias, o bem ou o mal?

Alcibíades – O bem,

Sócrates – E, sem dúvida, o maior bem possível?

Alcibíades – Sim.

Sócrates – Do qual por modo nenhum deseja rias ver-te privado?

Alcibíades – Evidentemente.

Sócrates – E o que me dizes da coragem? Por que preço consentirias em ficar dela privado?

Alcibíades – Preferira não viver a ser cobarde.

Sócrates – A teus olhos, portanto, a cobardia é o maior dos males.

Alcibíades – É o que eu penso.

Sócrates – Igual à morte, ao que parece.

Alcibíades – Perfeitamente.

Sócrates – E o extremo oposto da morte e da cobardia, não será a vida e a coragem?

Alcibíades – Sim.

Sócrates – Disto, então, desejarias para ti o máximo, e de seus contrários, o mínimo?

Alcibíades – Perfeitamente.

Sócrates – E isso, por considerares melhores aqueles, e estes piores?

Alcibíades – De acordo.

Sócrates – Entre as melhores coisas, portanto, incluis a coragem, e, entre as piores, a morte?

Alcibíades – É o que eu penso.

Sócrates – Assim, qualificas de bela a ação de socorrer os amigos na guerra, enquanto ato de coragem.

Alcibíades – Penso que sim,

Sócrates – Porém má, por causa da morte que se lhe segue?

Alcibíades – Sim.

Sócrates – Essa é a maneira certa de qualificar cada uma de nossas ações: à que produz mal darás o nome de má; porém terás de considerar boa a que produz algum bem.

Alcibíades – É também o que leu penso.

Sócrates – E enquanto boa não será bela, e enquanto má não será feia?

Alcibíades – Sem dúvida.

Sócrates – Sendo assim, quando dizes que socorrer os amigos na guerra é uma ação bela, porém má, é o mesmo que dizeres que se trata de uma ação boa, porém má.

Alcibíades – Acho que tens razão, Sócrates.

Sócrates – Logo, nada belo, enquanto belo, é mau, nem nada feio,

enquanto feio, é bom.

Alcibíades – É o que parece.

XII

Sócrates – Considera de igual modo também o seguinte: quem executa uma bela ação não se comporta bem?

Alcibíades – Sim.

Sócrates – E os que se comportam bem, não são felizes?

Alcibíades – Como não?

Sócrates – E não serão felizes por possuírem algum bem?

Alcibíades – Perfeitamente.

Sócrates – E só alcançam esse bem por seu comportamento belo e bom?

Alcibíades – Sim.

Sócrates – Logo, comportar-se bem é bom.

Alcibíades – Sem dúvida.

Sócrates – E o bom comportamento será belo?

Alcibíades – É.

Sócrates – Assim, mais uma vez o belo e o bom sê-nos revelam como idênticos.

Alcibíades – É o que parece.

Sócrates – Logo, se é válido o nosso raciocínio, sempre que acharmos que uma coisa é bela, teremos também de considerá-la boa.

Alcibíades – Forçosamente.

Sócrates – E então? O que é bom não é vantajoso?

Alcibíades – É.

Sócrates – Ainda te recordas do que concluímos a respeito do justo?

Alcibíades – Se bem me lembro, foi que quem pratica uma ação justa, necessariamente realiza um ato belo.

Sócrates – Assim, as belas ações são boas?

Alcibíades – São.

Sócrates – E o que é bom é vantajoso?

Alcibíades – É o que parece.

Sócrates – E então? Quem o declara não és tu, e não sou eu o que pergunto?

Alcibíades – Sou eu, realmente.

Sócrates – Logo, se alguém se levantasse para aconselhar os ate-

nienses ou os peparétios, por pretender conhecer o que é justo e o que é injusto, e dissesse que por vezes as coisas justas são feias, não te ririas dessa pessoa, já que tu mesmo afirmas que o justo e o útil são idênticos?

Alcibíades – Pelos deuses, Sócrates, já não sei o que falo; encontro-me numa situação esquisita; quando me interrogas, ora sou de uma opinião, ora de outra.

Sócrates – E ignoras, amigo, de onde te vem essa perturbação?

Alcibíades – Completamente.

Sócrates – Acreditas que se alguém te perguntasse se tens dois olhos ou três, duas mãos ou quatro, ou qualquer coisa do mesmo teor, responderias ora de um jeito, ora de outro, ou todas as vezes da mesma forma?

Alcibíades – Conquanto já me encontre desconfiado de mim mesmo, creio que daria sempre resposta idêntica.

Sócrates – E a causa disso? Não é por conheceres o assunto?

Alcibíades – Creio que sim.

Sócrates – É evidente, portanto, que sempre que respondes contraditoriamente, sem o quereres, é por desconheceres o assunto em debate.

Alcibíades – Decerto.

Sócrates – E não reconheces que varias em tuas respostas a respeito

do justo e do injusto, do belo e do feio, do ruim e do bom, do vantajoso e do desvantajoso? Não é evidente que isso só acontece por ignorares o assunto?

Alcibíades – De acordo.

XIII

Sócrates – E não será isso um caso geral? Se alguém ignora determinado assunto, forçosamente vacilará na sua apreciação.

Alcibíades – É muito certo.

Sócrates – E então? Sabes de que modo se sobe ao céu?

Alcibíades – Não, por Zeus!

Sócrates – E revelas alguma indecisão acerca desse assunto?

Alcibíades – Nenhuma.

Sócrates – E a razão disso, conhecê-la, ou será preciso que eu ta revele?

Alcibíades – Dize qual seja.

Sócrates – É que, amigo, ignorando o assunto, como ignoras, não presumes conhecê-lo.

Alcibíades – Que queres dizer com isso?

Sócrates – Raciocina comigo. Revelas-te per plexo naquilo que tens

a certeza de ignorar? Por exemplo: sabes muito bem que ignoras como se preparam os alimentos.

Alcibíades – Perfeitamente.

Sócrates – E como te comportas a esse respeito? Pões-te a refletir sobre a maneira do preparo e te mostras vacilante, ou recorres a alguém que entenda do assunto?

Alcibíades – Assim farei.

Sócrates – E se estivesses viajando, ficarias atrapalhado por não saberes se era preciso virar o timão do leme para dentro ou para fora, ou, de preferência, recorrerias ao piloto e te deixaras ficas tranquilo?

Alcibíades – Recorreria ao piloto.

Sócrates – Logo, não vacilas a respeito do que ignoras, sempre que tens consciência de que o ignoras?

Alcibíades – Sem dúvida.

Sócrates – Percebes, portanto, que os erros na vida prática decorrem dessa modalidade de ignorância, que consiste na presunção de sabermos o que não sabemos?

Alcibíades – Que queres dizer com isso?

Sócrates – Quando nos dispomos a fazer determinada coisa, não é por estarmos certos de saber o que fazemos?

Alcibíades – Sim.

Sócrates – E, ao contrário: não recorre a outra pessoa quem tem consciência da própria ignorância?

Alcibíades – Como não?

Sócrates – Sendo assim, os ignorantes desse tipo atravessam a vida sem cometer erros, porque deixam ao cuidado dos outros os assuntos que eles ignoram.

Alcibíades – É certo.

Sócrates – Se não são, portanto, nem os que sabem, nem os ignorantes que sabem que não sabem, restam apenas os que, não sabendo, presumem saber.

Alcibíades – São esses, realmente.

Sócrates – E não é essa modalidade de ignorância a causa de todos os males e a mais repreensível das ignorâncias?

Alcibíades – Sim.

Sócrates – E quanto mais importante for o assunto, mais nociva e vergonhosa será ela.

Alcibíades – Muito!

Sócrates – E, agora, conheces assunto mais importante do que o relativo ao justo, o belo, o bom e o útil?

Alcibíades – Nenhum.

Sócrates – E não é precisamente a respeito deles, conforme o declaraste, que te mostras indeciso?

Alcibíades – Sim.

Sócrates – E se erras a respeito deles, não é evidente, do que ficou dito, que, não somente desconheces os assuntos mais importantes, como, desconhecendo-os, presumes conhecê-los?

Alcibíades – É o que parece.

Sócrates – Ah, meu caro Alcibíades, de que doença estás sofrendo! Vacilo em qualificá-la; toda via, já que estamos sós, é preciso que o diga. Coabitas, meu caro, com a pior espécie de ignorância, o que tua conversação te demonstrou, ou melhor, tu a ti mesmo. Por isso, atiras-te à política antes de te haveres instruído. Aliás, não és o único a sofrer de semelhante mal, mas quase todos os que se ocupam com os negócios da República, com exceção de uns poucos e, naturalmente, do teu tutor, Péricles.

XIV

Alcibíades – Dizem, Sócrates que ele não aprendeu o que sabe por esforço próprio, porém no trato e conversação com muitos sábios, entre os quais Pitóclides e Anaxágoras; e agora mesmo, na idade a que chegou, mantém relações com Damão, para o mesmo fim.

Sócrates – E então? Já viste ser alguém sábio em qualquer matéria e incapaz de transmitir a outrem o conhecimento de sua especialidade? Por exemplo: quem te ensinou a ler, não somente era sábio nessa matéria, como te deixou sábio nisso, a ti e a muitas pessoas mais

que lhe aprouvesse ensinar, não é verdade?

Alcibíades – Sim.

Sócrates – E tu, instruído por ele, és capaz, por tua vez, de ensinar outras pessoas?

Alcibíades – Perfeitamente.

Sócrates – O mesmo se dá com os professores de cítara e de ginástica?

Alcibíades – Sem dúvida.

Sócrates – A melhor prova, portanto, que pode alguém dar de que possui determinado conhecimento, é ser capaz de transmitir a outrem esse mesmo conhecimento.

Alcibíades – É também o que eu penso.

Sócrates – Pois bem: poderás apontar-me quem Péricles já deixou sábio, a começar pelos seus próprios filhos?

Alcibíades – Como, Sócrates! Se os dois filhos de Péricles são deficientes!

Sócrates – Ou então o teu irmão Clínias?

Alcibíades – Por que mencionares Clínias, esse louco?

Sócrates – Bem; uma vez que Clínias é louco e os filhos de Péricles, deficientes, por que motivo se descuida ele de tua educação, sendo

tu tão bem dotado como és?

Alcibíades – Decreto é minha a culpa, por não prestar atenção ao que ele diz.

Sócrates – Então cita-me alguém entre os de mais atenienses e estrangeiros, ou seja escravo ou homem livre, que se tenha tornado mais sábio com a convivência de Péricles, como eu poderia citar-te Pitodoro, filho de Isóloco, e Cálias, filho de Calíades, que muito aproveitaram no convívio com Zenão e se tornaram varões sábios e preclaros, para o que pagou cada um a Zenão cem minas.

Alcibíades – Por Zeus, não poderei fazê-lo.

Sócrates – Está bem. E quais são os teus planos a teu próprio respeito? Pretendes continuar como estás, ou aplicar-te a alguma coisa?

XV

Alcibíades – Isso é assunto para deliberarmos juntos, Sócrates. Aliás, compreendo o que dizes e declaro-me de pleno acordo contigo. Nossos: homens públicos, com pouquíssimas exceções, se me afiguram de todo incompetentes.

Sócrates – E daí?

Alcibíades – Se fossem cultos, os que se propusessem medir-se com eles teriam de instruir-se e exercitar-se como se tivessem de haver-se com atletas; como, porém, se dedicam à política sem nenhum preparo prévio, por que se exercitarem os outros e se cansarem em

aprender? Eu, de mim, sei perfeitamente que os excedo de muito em dotes naturais.

Sócrates – Que proposição avançaste, meu caro! Não vai bem isso com o teu físico e demais qualidades.

Alcibíades – Onde está o exagero, Sócrates, e por que dizes isso?

Sócrates – Sinto-o por ti e pela afeição que te dedico.

Alcibíades – E a razão disso?

Sócrates – Por imaginares que a competição que tens em mira diz respeito à gente daqui.

Alcibíades – E a quem mais dirá respeito?

Sócrates – Isso é pergunta que possa fazer quem se considerar magnânimo?

Alcibíades – Queres dizer que não é com eles que eu terei de haver-me?

Sócrates – Se te dispusesses a governar uma trirreme prestes a entrar em combate, contentar-te-ás com ser o mais hábil piloto da tripulação? Ou, de preferência, aceitando como natural essa superioridade, não te compararias com os teus verdadeiros adversários, e não, como agora fazes, com os companheiros de campanha? A estes a tal ponto deves avantajar-te, que nem lhes ocorra a ideia de rivalizarem contigo; ao contrário, tratados como inferiores, lutarão ao teu lado contra os inimigos. É o que farias, se de fato pretendes realizar algo belo e, sobretudo, digno de ti e da cidade.

Alcibíades – É isso, realmente, o que pretendo fazer.

Sócrates – E considerarás suficiente seres superior aos nossos soldados, sem lançares as vistas para os comandantes dos inimigos, com o intuito de sobre pujá-los em toda a linha, estudando-os e tomando tuas medidas em relação a eles?

Alcibíades – A que inimigos te referes, Sócrates?

Sócrates – Ignoras que nossa cidade está em constante guerra com os lacedemônios e com o Grande Rei?

Alcibíades – É certo o que dizes.

XVI

Sócrates – Logo, se formas o projeto de tornar-te chefe da nossa gente, deves admitir como certo que terás de disputar o primado contra o Rei dos lacedemônios e o dos persas.

Alcibíades – É possível que tenhas razão.

Sócrates – Não, não, amigo! Enganei-me! É para Mídias que deves olhar, o criador de codornas, e para outros que tais, que se abalançam a tratar dos negócios da cidade tendo ainda na alma, como diriam as mulheres, o corte de cabelo dos escravos, de tão incultos que são, até mesmo no hábito externo, e que com o seu linguajar bárbaro não vieram governar o povo, porém adulá-lo. É para esses, digo, que deves olhar, sem te preocupares com o modo de aprender o que é preciso ficares conhecendo no momento em que te encontras na iminência de principiar uma luta séria, e sem praticares o que fora

de necessidade praticar antes de te iniciares nos negócios públicos.

Alcibíades – Acho, Sócrates, que tens razão nesse ponto, mas também sou de parecer que tanto os generais lacedemônios como o Rei dos persas em nada diferem dos demais.

Sócrates – Reflete mais de espaço, meu caro, no juízo que acabas de emitir.

Alcibíades – Sob que aspecto?

Sócrates – Em primeiro lugar, sobre se não virias a tomar mais cuidado contigo mesmo, no caso de teres medo deles e de os considerares adversários temíveis, do que se pensasses o contrário?

Alcibíades – É evidente que procederia dessa maneira, se me arreceasse deles.

Sócrates – E achas que esses cuidados te prejudicariam em alguma coisa?

Alcibíades – De forma alguma; ganharia imensamente com isso.

Sócrates – Sendo assim, tal modo de pensar te acarreta pelo menos esse prejuízo.

Alcibíades – Tens razão.

Sócrates – Em segundo lugar, tudo faz crer que semelhante juízo não procede.

Alcibíades – Como assim?

Sócrates – Em que raças há maior probabilidade de encontrarmos as melhores naturezas, nas mais nobres ou nas inferiores?

Alcibíades – Nas mais nobres, evidentemente.

Sócrates – E não é certo, também, que as boas naturezas, quando bem cultivadas, chegam a alcançar a perfeição na virtude?

Alcibíades – Forçosamente.

XVII

Sócrates – Estabeleçamos, então, um confronto entre eles e nós, começando por perguntar se os lacedemônios e o rei dos persas parecem ser de raça inferior à nossa. Não é certo sabermos que aqueles descendem de Héracles e o outro dos Aquemênidas, e que a linha de Héracles e a dos Aquemênidas são tidas como originárias de Perseu, filho de Zeus?

Alcibíades – E a nossa Sócrates, vai entroncar-se em Eurísace, e a de Eurísace, em Zeus.

Sócrates – E a nossa, nobre Alcibíades, em Dédalo, e por intermédio de Dédalo, em Hefesto, filho de Zeus. Porém no caso deles, a principiar por eles mesmos, trata-se de uma sequência ininterrupta de reis que vão bater em Zeus. Uns reinaram em Argos e na Lacedemônia; os outros sempre reinaram na Pérsia e, muitas vezes, mesmo, como presente mente, na Ásia, ao passo que nós e nossos pais não passamos de simples particulares. Imagina só o ridículo a que te exporias, se na frente de Artaxerxes, filho de Xerxes, quisesses fazer praça de teus antepassados, de Salamina, pátria de Eurísece, e de Egina,

pátria de Ajaz! Examina bem, se além de inferiores quanto ao berço, não o somos também no que diz respeito à educação. Nunca ouviste falar na extensão das propriedades dos reis dos lacedemônios, cujas esposas ficam sob a guarda pública dos éforos, para evitar, na medida do possível, que venha a reinar alguém estranho à raça dos Heráclidas? E tão grande, nesse sentido, é a superioridade do Rei dos persas, que nem se concebe a possibilidade de suspeitar alguém que algum monarca possa ser filho de outro rei. Daí ser a melhor guarda da rainha o próprio medo que ela inspira. Quando nasce o primogênito, herdeiro presuntivo da coroa, logo é festejado o acontecimento por todo o povo e os próprios governantes; daí por diante, todos os anos, no dia do aniversário do príncipe, a Ásia inteira comemora a efeméride com festejos e sacrifícios. Ao passo que quando eu e tu nascemos, Alcibíades, nem mesmo os vizinhos, como diz o poeta cômico, o percebem. Desde o início, não fica o príncipe real sob os cuidados de alguma ama sem préstimo, porém dos melhores eunucos do palácio, que tomam conta do recém-nascido e se esforçam por deixá-lo fisicamente o mais belo possível, endireitando-lhe os membros e ajeitando-os, ofício esse que lhes granjeia na corte alta consideração. Quando os príncipes atingem a idade de sete anos, dão-lhes mestres de equitação e o iniciam na caça. Com duas vezes sete anos, são entregues aos chamados preceptores reais, pessoas escolhidas entre os persas de maior conceito e no vigor da idade, em número de quatro: o mais sábio, o mais justo, o mais moderado e o mais valente. O primeiro o instrui no magismo de Zoroastro, filho de Oromásio, que consiste no culto dos deuses. Ensina-lhe também a arte de reinar. O mais justo o ensina a dizer sempre a verdade. O mais moderado o ensina a não se deixar dominar por nenhum prazer, para que se habitue a ser livre e rei, de fato, o que começa pelo domínio das paixões, para delas não vir a ser escravo. O mais corajoso o ensina a ser intrépido e isento de medo, inculcando-lhe

que temor é escravidão. Ao passo que tu, Alcibíades, Péricles instituiu como teu preceptor um dos seus escravos, Zópiro de Trácia, que de tão velho se tornara imprestável. Poderia alongar-me ainda em particularidades a respeito da criação de teus adversários e da maneira de educá-los; porém seria cansativo; o que ficou dito basta para ilustrar tudo o mais que se lhe segue. Quanto ao teu nascimento, Alcibíades, e tua educação, bem como a de qualquer outro ateniense, ninguém dá a menor importância, por assim dizer, com exceção de algum dos teus apaixonados. Mas se quiseres considerar a riqueza, os divertimentos, as vestes luxuosamente enfeitadas, o uso de unguentos perfumados, o séquito numeroso de servidores e todos os demais requintes da vida opulenta dos persas, fica rias envergonhado de ti mesmo, por perceberes quão longe te encontras de alcançá-los.

XVIII

Do mesmo modo, se lançares as vistas para a temperança dos lacedemônios, sua modéstia, amenidade, brandura, magnanimidade, disciplina, coragem, pertinácia, paixão do trabalho, amor da glória e o gosto das distinções que lhes é próprio, haverias de considerar-te menino em confronto com eles. Até mesmo com relação à riqueza, se imaginas que nesse particular te sobressais, não interrompamos nosso paralelo, para que possas adquirir consciência de quanto realmente vales. Se considerares sob esse aspecto a fortuna dos lacedemônios, serás obrigado a confessar que nós outros, em relação a eles, ficamos muito atrás. Ninguém pode entre nós competir com eles na extensão das propriedades e fertilidade das terras, tanto no seu próprio país como em Messênia; ou no número de escravos, principalmente hilotas, de cavalos e dos demais re banhos criados

por eles nos pastos de Messênia. Deixando, porém, tudo isso de lado, há mais ouro e prata entre os lacedemônios do que entre os demais helenos tomados em conjunto, pois desde muitas gerações é o que para lá converge de todo o mundo helênico e, por vezes mesmo, dos povos bárbaros; porém de lá nunca sai nada. Como na fábula de Esopo, diz a raposa para o leão: estão bem visíveis as marcas do dinheiro que entra na Lacedemônia, porém não se vê nenhuma do dinheiro que sai, do que podemos inferir com segurança que, de todos os helenos, sejam os habitantes da Lacedemônia os mais ricos em ouro e prata, principalmente os reis, aos quais toca em partições frequentes o lote mais opimo. Acrescentemos a isso o tributo, que não é pequeno, pago pelos lacedemônios. Todavia, com ser grande a riqueza dos lacedemônios, quando comparada com a dos demais helenos, é nada em confronto com a dos persas e do seu Rei. Contou-me pessoa fidedigna, conhecedora da corte do Rei, que atravessou um terreno fértil, da extensão de um dia de jornada mais ou menos, a que os moradores da região dão o nome de Cinto da rainha; há outro, ainda, denominado Véu, e outros mais, de primeira qualidade todos eles, reservados para os adornos da rainha, e que recebem denominação especificada, de acordo com os nomes de seus diferentes ornatos. Por isso ponho-me a pensar que se alguém fosse dizer à mãe do rei, Améstride, mulher de Xerxes: O filho de Dinôma- que tenciona declarar guerra a teu filho, sendo que o guarda-roupa dela poderá valer cinquenta minas, se tanto, enquanto o filho tem uma propriedade em Erquia de menos de trezentos pletros, ela, sem dúvida se perguntaria, admirada: Em que confia esse Alcibíades, para atrever-se a atacar Artaxerxes? e concluiria consigo mesma que ele só conta para essa aventura com sua diligência e sabedoria, as únicas coisas a que os helenos dão valor. E quando ela ouvisse dizer que o Alcibíades da ideia de semelhante empreendimento tem vinte anos incompletos, que é de todo falto de instrução, e que, além do

mais, ao lhe dizer o seu admirador que antes de entrar em luta com o rei precisaria instruir-se, aperfeiçoar-se e exercitar-se, ele protestou, asseverando ser bastante para esse empreendi mento o que já sabe, quero crer que ela se mostraria espantada e perguntaria: com que, então, conta esse adolescente? E se lne disséssemos que ele conta com sua beleza, estatura, nascimento, riqueza e dotes do espírito, decerto, Alcibíades, ela nos tomaria por loucos, ao comparar todas essas vantagens com o que ela própria está habituada a ver no meio dos seus. E quero crer, ainda, que Lâmpido, filha de Leotíquides, mulher de Arquidamo e mãe de Ágis, que foram todos reis, revelaria igual admiração, depois de confronto idêntico, ao saber que com toda a tua falta de preparo tencionavas entrar em luta com seu filho. Não achas que é humilhante ajuizarem a nosso respeito as mulheres de nossos adversários com mais acerto do que nós mesmos? Não, meu ditoso Alcibíades, deixa-te convencer por mim e pela inscrição de Delfos: "Conhece-te a ti mesmo", por que os teus adversários são como eu te disse, não como os imaginas, e só pela indústria e pelo saber nos será possível sobrepujá-los. Se te descurares nesse sentido, terás de desistir de alcançar nome e fama entre os helenos e os povos bárbaros, que é o que parece desejar acima de tudo quanto possam desejar os homens.

XIX

Alcibíades - Não quererás dizer-me, Sócrates, em que será preciso que me esforce? Mais do que em tudo, há grande viso de verdade nisso que afirmaste.

Sócrates – De muito bom grado; mas será preciso que investiguemos juntos o melhor modo de nos aperfeiçoarmos, porque tudo o que eu

vier a dizer a respeito de educação não se aplica menos a mim do que a ti. Só numa coisa eu levo vantagem sobre ti.

Alcibíades – Qual será?

Sócrates – Meu tutor é melhor e mais sábio do que Péricles, que é o teu.

Alcibíades – Quem é ele, Sócrates?

Sócrates – Foi Deus, Alcibíades, que até este dia me impediu de conversar contigo; é a fé que tenho nele que me leva a asseverar-te que só por meu intermédio chegarás a conseguir a glória ambicionada.

Alcibíades – Estás gracejando, Sócrates.

Sócrates – É possível; de qualquer forma, falo a verdade quando afirmo que todos os homens precisam esforçar-se, e nós dois, mais do que ninguém.

Alcibíades – No que me diz respeito, não te enganas.

Sócrates – Nem com relação a mim.

Alcibíades – Então, que será preciso fazer?

Sócrates – Não revelar nem hesitação nem tibieza, caro amigo.

Alcibíades – Isso mesmo, Sócrates.

Sócrates – Não é verdade? Porém raciocinemos juntos. Dize-me, não é fato que desejamos aperfeiçoar-nos o mais possível? Ou não?

Alcibíades – Sim.

Sócrates – Em que virtude?

Alcibíades – Evidentemente, na que distingue os homens bons.

Sócrates – Bons em quê?

Alcibíades – Evidentemente, na gestão de seus negócios.

Sócrates – Que negócios? A equitação?

Alcibíades – Não, é claro.

Sócrates – Para isso recorreríamos ao tratador de cavalos.

Alcibíades – É certo.

Sócrates – Referes-te a negócios náuticos?

Alcibíades – Não.

Sócrates – A esse respeito, recorreríamos aos marinheiros.

Alcibíades – Perfeitamente.

Sócrates – Que negócios poderão ser? E quem os executa?

Alcibíades – Os negócios com que se ocupam os homens bons de Atenas.

Sócrates – Dás o qualificativo de bom aos indivíduos sensatos ou aos insensatos?

Alcibíades – Aos sensatos.

Sócrates – E cada um de nós é bom naquilo em que é sensato?

Alcibíades – Sim.

Sócrates – E o insensato é ruim?

Alcibíades – Como não?

Sócrates – O sapateiro, por exemplo, é sensato com relação à feitura de calçados?

Alcibíades – Perfeitamente.

Sócrates – É bom, portanto, esse sapateiro?

Alcibíades – Bom.

Sócrates – E a respeito do preparo de roupas, é destituído de senso o sapateiro?

Alcibíades – É.

Sócrates – Logo, nisso ele é ruim?

Alcibíades – É.

Sócrates – Desse modo, de acordo com o nosso raciocínio, o mesmo indivíduo vem a ser bom e mau?

Alcibíades – Parece.

XX

Sócrates – Mas dirias que os homens bons são ruins?

Alcibíades – De forma alguma.

Sócrates – Então, a quem dás o nome de bom?

Alcibíades – Aos cidadãos capazes de governar.

Sócrates – Sim, governar; porém não cavalos.

Alcibíades – É claro.

Sócrates – Homens, então?

Alcibíades – Sem dúvida.

Sócrates – Homens doentes, porventura?

Alcibíades – Não!

Sócrates – Ou navegantes, quem sabe?

Alcibíades – Não me refiro também a esses.

Sócrates – Aos que trabalham na ceifa?

Alcibíades – Não.

Sócrates – Aos que nada fazem, ou aos que fazem alguma coisa?

Alcibíades – Aos que fazem algo, é o que eu digo.

Sócrates – Que é o que fazem? Procura explicar-mo.

Alcibíades – Os que têm comércio entre si e se servem dos outros homens, no jeito em que vivemos nas cidades.

Sócrates – Referes-te, portanto, ao governo de homens que se servem de outros?

Alcibíades – Sim.

Sócrates – Por exemplo: o patrão dos remadores, quando marca o tempo de remar?

Alcibíades – Esses, não.

Sócrates – Isso é ofício do piloto.

Alcibíades – Sim.

Sócrates – Referes-te, porventura ao governo dos tocadores de flauta, com a direção dos cantores e dos coreutas?

Alcibíades – De forma alguma.

Sócrates – Isso faz parte do ofício do mestre do coro.

Alcibíades – Perfeitamente.

Sócrates – Então, o que quererás dizer com a expressão Ser capaz de servir-se de outros homens?

Alcibíades – Refiro-me aos que participam dos negócios públicos, e que têm comércio entre si. O governo nas cidades é isso.

XXI

Sócrates – Quais são as características desse ofício? Por exemplo, se eu tornasse a perguntar-te, como o fiz há pouco, qual é a arte que deixa os homens capazes de governar marinheiros em viagem?

Alcibíades – A arte do piloto.

Sócrates – Os que participam do canto, a que há momentos nos referimos, que arte permite governá-los?

Alcibíades –. A que há pouco mencionaste, a disciplina coral.

Sócrates – E os que participam da política, como denominaremos a arte de governá-los?

Alcibíades – Diria que é a arte de bem aconselhar, Sócrates.

Sócrates – Como assim? Achas que a arte do piloto consiste em aconselhar mal?

Alcibíades – de forma alguma.

Sócrates – Porém em bem aconselhar?

Alcibíades – É o que eu penso, para segurança dos que viajam.

Sócrates – Muito bem. E o bom conselho a que te referiste, em que consiste?

Alcibíades – Na boa administração da cidade e na sua preservação.

Sócrates – E quais serão as coisas, cuja presença ou ausência condicionam a boa administração e a preservação da cidade? Suponhamos que eu te perguntasse: Quais são as coisas que, por pre sentes ou ausentes, regulam ou preservam 0 corpo? Dirias, decerto que são: a saúde, quando presente, e a doença, enquanto ausente. Não pensas desse modo?

Alcibíades – Penso.

Sócrates – E se me perguntasses: Que é o que pela sua presença deixa os olhos em bom estado? Do mesmo modo, eu te diria que é a vista, quando presente, e a cegueira, quando ausente, e com relação aos ouvidos, diria que funcionam melhor se se conservam em boas condições com a ausência da surdez e a presença da audição.

Alcibíades – É certo.

Sócrates – E com relação à cidade? Que é o que, presente ou ausente, a deixa em melhores condições e mais bem administrada?

Alcibíades – Sou de parecer, Sócrates, que é quando reina amizade entre os cidadãos e se acham ausentes o ódio e as sedições.

Sócrates – O que entendes por amizade: concórdia ou desavença?

Alcibíades – Concórdia.

Sócrates – Qual é a arte que deixa concordes as cidades a respeito de números?

Alcibíades – É a aritmética.

Sócrates – E com relação aos particulares, não é também a aritmética?

Alcibíades – É.

Sócrates – E não é ainda por ela que cada um de nós fica de acordo consigo mesmo?

Alcibíades – Sim.

Sócrates – E por meio de que arte cada um fica de acordo consigo mesmo, sobre qual seja maior, o palmo ou o cúbito, não é a arte da medida?

Alcibíades – Que outra poderia ser?

Sócrates – Ela também é que estabelece o acordo à esse respeito entre os particulares e as cidades?

Alcibíades – Sim.

Sócrates – E com relação a pesos, não se passa a mesma coisa?

Alcibíades – Evidentemente.

Sócrates – Então, em que consiste essa concórdia a que te referiste, acerca de que se manifesta, e qual é a ciência que a estabelece? Deve ser de tal natureza, que assim como faz com as cidades, faz com os indivíduos, quer seja cada um consigo mesmo, quer seja com todos entre si?

Alcibíades – É precisamente assim.

Sócrates – Então, de que natureza é essa concórdia? Não te enfades com minhas perguntas: e responde de boamente.

Alcibíades – Sou de opinião que a amizade e a harmonia a que me referi devem ser como as que condicionam a concórdia existente entre o pai e a mãe afetuosos e seus filhos, o irmão e a irmã, a mulher e o marido.

XXII

Sócrates – Achas mesmo, Alcibíades, que o marido pode estar de acordo com a mulher sobre o modo de fiar lã, no que ela é perita e ele desconhece de todo?

Alcibíades – Não, decerto.

Sócrates – Nem há necessidade disso; trata-se de trabalho de mulher.

Alcibíades – É certo.

Sócrates – E então? Poderá a mulher ficar de acordo com o marido a respeito de manobras da infantaria, coisa que ela nunca aprendeu?

Alcibíades – De forma alguma.

Sócrates – Provavelmente, dirias que se trata de ocupação de homens.

Alcibíades – Isso mesmo.

Sócrates – De acordo, por conseguinte, com o que disseste, há

conhecimentos próprios das mulheres, e outros pertinentes aos homens.

Alcibíades – Por que não?

Sócrates – A esse respeito, portanto, não há concórdia entre os homens e as mulheres.

Alcibíades – Não.

Sócrates – Nem amizade, se amizade for concórdia.

Alcibíades – Não, evidentemente.

Sócrates – Então, as mulheres não são amadas pelos homens, quando executam trabalhos que lhes são próprios.

Alcibíades – É o que parece.

Sócrates – Nem os maridos pelas mulheres, quando estas executam os deles.

Alcibíades – Não.

Sócrates – Nem são bem administradas as cidades, quando cada um faz o que lhe compete.

Alcibíades – Isso não, Sócrates! Acho que são.

Sócrates – Como! Sem estar presente a amizade, cuja presença reconhecemos ser necessária para sua boa administração, o que de outra forma não seria possível?

Alcibíades – Eu diria, porém, que a amizade está presente sempre que cada um faz o que lhe compete.

Sócrates – Não foi isso que disseste há pouco. E que afirmas agora? Que pode haver amizade, se não houver concórdia? Ou que pode haver concórdia a respeito do que alguns sabem e outros ignoram?

Alcibíades – Isso é impossível.

Sócrates – E quando cada um faz o que lhe compete, procede com justiça ou injustamente?

Alcibíades – Com justiça, como não?

Sócrates – Sendo assim, quando os cidadãos se comportam com justiça na cidade, não há amizade entre eles?

Alcibíades – Necessariamente deve haver, Sócrates; é o que eu penso.

Sócrates – O que vêm a ser, então, essa amizade e essa concórdia a que te referiste, que terão de deixar-nos sábios e discretos, para que nos tornemos homens bons? Não consigo saber em que consistem nem com quem se encontram. Segundo os teus próprios dizeres, ora se me afiguram presentes numas pessoas, ora ausentes.

XXIII

Alcibíades – Pelos deuses, Sócrates, já não sei o que falo. É bem possível que eu esteja há muito tempo nesse estado de ignorância, sem aperceber-me disso.

Sócrates – É preciso ter confiança. Se aos cinquenta anos tivesses percebido essa deficiência, difícil te seria tomar qualquer medida para remediá-la. Mas estás agora precisamente na idade em que cumpre percebê-la.

Alcibíades – E os que a percebem, Sócrates, que deverão fazer?

Sócrates – Responder ao que te pergunto, Alcibíades. Se assim procederes e o deus o permitir - até onde posso confiar no meu oráculo - tu e eu só teremos a lucrar.

Alcibíades – Nada mais fácil de alcançarmos isso, no que depender apenas de eu responder.

Sócrates – Então responde: que significa a expressão Cuidar de si mesmo? Pois pode muito bem dar-se que não estejamos cuidando de nós, quando imaginamos fazê-lo. Quando é que o homem cuida de si, mesmo? Ao cuidar de seus negócios, cuidará de si mesmo?

Alcibíades – Parece que sim.

Sócrates – E então? Quando cuida alguém dos pés? É quando cuida do que é pertinente aos pés?

Alcibíades – Não compreendi.

Sócrates – Não há coisas que só se referem às mãos? O anel por exemplo, com que outra parte do corpo se relaciona, a não ser com o dedo?

Alcibíades – Com nenhuma.

Sócrates – E o calçado, não se acha em idênticas relações com os pés?

Alcibíades – Perfeitamente.

Sócrates – E do mesmo modo as vestes e as cobertas, com outras partes do corpo?

Alcibíades – Sem dúvida.

Sócrates – Assim, quando cuidamos dos calçados, cuidamos igualmente dos pés?

Alcibíades – Não apanho bem o que disseste, Sócrates.

Sócrates – Como assim, Alcibíades? Não reconheces que cuidar de alguma coisa é fazer algo a seu respeito?

Alcibíades – Decerto.

Sócrates – E sempre que o tratamento deixar essa coisa melhor do que era antes, não dizes que ela foi bem cuidada?

Alcibíades – Digo.

Sócrates – Qual é a arte que deixa melhores os calçados?

Alcibíades – A arte do sapateiro.

Sócrates – Assim, é por meio da arte do sapateiro que cuidamos dos nossos sapatos?

Alcibíades – Isso mesmo.

Sócrates – E é a arte do sapateiro que cuida dos pés? Ou será a que deixa melhores os pés?

Alcibíades – Esta última, sem dúvida.

Sócrates – E a arte que deixa os pés em melhores condições faz o mesmo com as demais partes do corpo?

Alcibíades – Parece que sim.

Sócrates – Chama-se ginástica, pois não?

Alcibíades – Exatamente.

Sócrates – A ginástica, portanto, cuida dos pés, e a arte do sapateiro, daquilo que pertence aos pés.

Alcibíades – É isso mesmo.

Sócrates – E a ginástica, não cuida também das mãos, enquanto a arte de fabricar anéis cuida do que pertence às mãos?

Alcibíades – Sim.

Sócrates – E não cuida a ginástica do corpo, ao passo que a arte de tecer, do que pertence ao corpo?

Alcibíades – É muito certo.

Sócrates – Logo, a arte por meio da qual cuidamos de uma determinada coisa é diferente da que se ocupa com o que pertence a essa coisa?

Alcibíades – Parece.

Sócrates – Sendo assim, não cuidas de ti mesmo, quando cuidas de algo que te pertence.

Alcibíades – Não, de fato.

Sócrates – Pois, ao que parece, a arte que se ocupa conosco não é a mesma que se ocupa com o que nos pertence.

Alcibíades – É claro que não.

XXIV

Sócrates – Agora dize-me: por meio de que arte poderemos cuidar daquilo que nos diz respeito?

Alcibíades – Não saberei dizê-lo.

Sócrates – Num ponto, pelo menos, já ficamos de acordo: que não é a arte por meio da qual deixa mos melhor qualquer coisa que nos pertença, mas a que nos deixa melhores a nós mesmos.

Alcibíades – É certo.

Sócrates – Poderíamos saber que arte deixa melhores os calçados, se não soubéssemos o que é calçado?

Alcibíades – Impossível.

Sócrates – Nem a que deixa melhores os anéis, se não conhecêssemos anel.

Alcibíades – Sem dúvida.

Sócrates – E então? Poderíamos conhecer a arte que nos deixa melhores, se não soubéssemos o que somos?

Alcibíades – Impossível.

Sócrates – Será porventura fácil conhecer-se a si mesmo - devendo ser considerado como de poucos cabedais o autor daquela sentença do templo de Pito - ou, pelo contrário, tarefa por demais difícil, que só está ao alcance de pouca gente?

Alcibíades – Por vezes, Sócrates, quer parecer-me que está ao alcance de qualquer pessoa; de outras vezes afigura-se-me por demais difícil.

Sócrates – Quer seja coisa fácil, quer difícil, Alcibíades, o que é certo é que, conhecendo-nos, ficaremos em condições de saber como cuidar de nós mesmos, o que não poderemos saber se nos desconhecermos.

Alcibíades – É muito certo.

Sócrates – Então dize-me: de que modo será possível descobrir a essência íntima do ser? Com esse conhecimento saberíamos o que somos, o que sem ele não nos será possível.

Alcibíades – Tens razão.

Sócrates – Escuta, por Zeus! Com quem conversas neste momento? não é comigo?

Alcibíades – É.

Sócrates – É Sócrates quem fala?

Alcibíades – Perfeitamente.

Sócrates – E Alcibíades escuta?

Alcibíades – Sim.

Sócrates – E para conversar, Sócrates se vale da palavra?

Alcibíades – É evidente.

Sócrates – Logo, consideras a mesma coisa conversar e fazer uso da palavra?

Alcibíades – Perfeitamente.

Sócrates – Não difere o que usa alguma coisa da coisa por ele usada?

Alcibíades – Que queres dizer com isso?

Sócrates – O sapateiro trabalha o couro com trinchete, sovela e outros instrumentos.

Alcibíades – É certo.

Sócrates – São, portanto, distintos a pessoa que corta e o instrumento que serve para cortar?

Alcibíades – Como não?

Sócrates – E não se dá o mesmo com o instrumento do citaredo e o próprio citaredo?

Alcibíades – Sim.

Sócrates – Pois foi isso que eu perguntei há pouco, se não consideras diferentes a pessoa que usa uma coisa e a coisa por ele usada.

Alcibíades – Considero.

Sócrates – E que diremos do sapateiro: ele corta o couro só com seus instrumentos ou também com as mãos?

Alcibíades – Com as mãos, também.

Sócrates – Ele usa, portanto, as mãos?

Alcibíades – Usa.

Sócrates – E não usa também os olhos para cortar?

Alcibíades – Também.

Sócrates – E já não assentamos que há diferença entre a pessoa que usa uma coisa e a coisa por ela usada?

Alcibíades – Assentamos.

Sócrates – Logo, o sapateiro e o citaredo diferem das mãos e dos olhos de que se servem.

Alcibíades – Parece que sim.

XXV

Sócrates – E não usa o homem todo o seu corpo?

Alcibíades – Perfeitamente.

Sócrates – Por conseguinte, uma coisa é o homem, e outra o seu próprio corpo.

Alcibíades – Parece que sim.

Sócrates – Que é, então, o homem?

Alcibíades – Não sei o que diga.

Sócrates – Pelo menos sabes que é o que se serve do corpo.

Alcibíades – Sei.

Sócrates – E o que mais pode servir-se do corpo, se não for a alma?

Alcibíades – Nada.

Sócrates – E a alma, comanda?

Alcibíades – Sim.

Sócrates – Há outra proposição, ainda, sobre a qual não pode haver divergência.

Alcibíades – Qual é?

Sócrates – Que o homem só pode ser uma de três coisas.

Alcibíades – Quais são?

Sócrates – Alma, corpo, ou ambos num só todo.

Alcibíades – É certo.

Sócrates – E não acabamos de concordar que o que comanda o corpo é o homem?

Alcibíades – Acabamos.

Sócrates – Será o corpo que dá ordens a si mesmo?

Alcibíades – De forma alguma.

Sócrates – Dissemos que ele é governado.

Alcibíades – Sim.

Sócrates – Então, o que procuramos não é o corpo.

Alcibíades – Parece que não.

Sócrates – Será, porventura, o conjunto dos dois que governa o corpo, e que viria a ser o homem?

Alcibíades – Pode ser que sim.

Sócrates – De jeito nenhum! Se uma das partes não governa outra, não há possibilidade de vir a fazê-lo a reunião das duas.

Alcibíades – É muito certo.

Sócrates – Sendo assim, uma vez que o homem não é nem o corpo, nem o conjunto dos dois, só resta, quero crer, ou aceitar que o homem é nada, ou, no caso de ser alguma coisa, terá de ser forçosamente alma.

Alcibíades – É muito certo.

Sócrates – Haverá necessidade de "demonstrar por maneira mais clara que o homem é alma?

Alcibíades – Não, por Zeus; a argumentação me parece suficiente.

Sócrates – Mesmo que não seja exata, sendo suficiente, é quanto nos basta. Maior precisão alcançaremos quando houvermos encontrado o que deixamos provisoriamente de lado, para não sobrecarregar a investigação.

Alcibíades – De que se trata?

Sócrates – O de que falamos há pouco, que primeiro precisaremos procurar saber o que seja o ser em si. Mas em vez do ser em si mesmo, procura mos a natureza de cada ser em particular, o que talvez seja o bastante, pois decerto é a alma a parte mais importante de nós mesmos.

Alcibíades – É fato.

Sócrates – Devemos admitir, portanto, que quando conversamos a sós, eu e tu, e trocamos ideias, são duas almas que conversam?

Alcibíades – Perfeitamente.

Sócrates – Foi justamente isso que dissemos há pouco: quando Sócrates conversa com Alcibíades e troca ideias com ele, não é a teu rosto, por assim dizer, que ele se dirige, mas ao Alcibíades real, que é, antes de tudo, alma.

Alcibíades – É certo.

XXVI

Sócrates – É a alma, portanto, que nos recomenda conhecer quem nos apresenta o preceito: Conhece-te a ti mesmo.

Alcibíades – Parece.

Sócrates – Por isso, quem conhece alguma parte do próprio corpo, só conhece algo de si mesmo, porém não se conhece.

Alcibíades – É certo.

Sócrates – Ninguém, portanto, como médico, conhece a si mesmo, como não se conhece o pedótriba, enquanto professor de ginástica.

Alcibíades – É isso mesmo.

Sócrates – Muito mais longe, ainda, de conhecerem-se estão os lavradores e os demais artífices; se desconhecem até mesmo o que se relaciona com as respectivas profissões, mais distanciados se encontram de se conhecerem. Só têm conhecimento do que se refere ao tratamento do corpo.

Alcibíades – Falas com acerto,

Sócrates – Ora, se a sabedoria consiste em conhecer-se a si mesmo, nenhum dos mencionados é sábio por efeito da própria profissão.

Alcibíades – Não é, de fato.

Sócrates – Essa, a razão de serem consideradas vulgares as mencionadas profissões, e impróprias de homens de prol.

Alcibíades – É muito certo.

Sócrates – Novamente: quem cuida do corpo, não cuida de si mesmo, mas apenas do que lhe pertence.

Alcibíades – É o que parece.

Sócrates – Porém o que cuida de sua fortuna, nem cuida de si mesmo, nem do que lhe pertence; encontra-se mais afastado, ainda, do que lhe diz respeito.

Alcibíades – É também o que eu penso.

Sócrates – Sendo assim, e banqueiro não cuida do que lhe diz respeito.

Alcibíades – É certo.

Sócrates – Logo, se alguém se mostra apaixonado do corpo de Alcibíades, não é Alcibíades que ele ama, porém algo que pertence a Alcibíades.

Alcibíades – Dizes a verdade.

Sócrates – Só te ama quem amar tua alma.

Alcibíades – É o que necessariamente se conclui de toda a tua exposição.

Sócrates – Não é certeza vir a afastar-se de ti o amante de teu corpo, quando emurchecer a flor da mocidade?

Alcibíades – É muito provável.

Sócrates – Mas o que ama tua alma não te abandonará enquanto ela aspirar a aperfeiçoar-se?

Alcibíades – É certo.

Sócrates – Ora bem: eu sou o que não te abandono, porém continuarei ao teu lado, quando todos se afastarem de ti, depois de vir a perder o viço a mocidade.

Alcibíades – Fazes bem, Sócrates; espero que não me abandones.

Sócrates – Então, esforça-te para te tornares cada vez mais belo.

Alcibíades – Hei-de esforçar-me.

XXVII

Sócrates – No que te diz respeito, o fato é que nunca existiu, ao que parece, senão um único apaixonado de Alcibíades, filho de Clínias, que é o seu muito amado Sócrates, filho de Sofronisco e de Fenarete.

Alcibíades – É verdade.

Sócrates – Não declaraste que se eu não te houvesse antecipado, tu tencionavas falar-me para me perguntar o motivo de ter sido eu o único a não abandonar-te?

Alcibíades – Declarei, realmente.

Sócrates – E a razão disso é que eu era o único apaixonado de ti mesmo, enquanto os demais amavam apenas o que te pertence. Ora, o que tê pertence emurchece, ao passo que tu, propriamente dito, te encontras no início da floração. Assim, se não te deixares corromper pelo povo de Atenas, nem vieres a degenerar, jamais te abandonarei. O que eu receio acima de tudo é que, tornando-te apaixonado do nosso povo, venhamos a perder-te. Foi o que já aconteceu com muitos atenienses de nobre estirpe. Pois é de mui bela aparência a gente do herói Erecteu, de alma grande. É preciso vê-la sem roupa. Importa, pois, que te precates, de acordo com as minhas advertências.

Alcibíades – Quais?

Sócrates – Exercita-te primeiro, caro amigo, e aprende o que é preciso conhecer para te iniciares na política; antes, não. Munido, desse modo, do contraveneno adequado, nada prejudicial te poderá acontecer.

Alcibíades – Acho muito razoável o que me dizes, Sócrates. Porém desejo que me expliques de que maneira podemos cuidar de nós mesmos.

Sócrates – É possível que nesse domínio já tenhamos adiantado alguma coisa. Pelo menos, já quase chegamos a um acordo, com relação ao que somos, não havendo, pois, perigo de, em vez de nos

ocuparmos conosco, cuidarmos do que não seja nós mesmos.

Alcibíades – É certo.

Sócrates – De seguida, assentamos que é da alma que precisamos cuidar e para que devemos volver as vistas.

Alcibíades – É claro.

Sócrates – Os cuidados com o corpo e com as riquezas devem ser confiados a outras pessoas.

Alcibíades – Perfeitamente.

Sócrates – Porém de que modo alcançaremos o conhecimento perfeito da alma? Sabido isso, ao que parece, conhecer-nos-emos a nós mesmos. Mas, pelos deuses, será que penetramos, de fato, no sentido profundo do excelente preceito de Delfos a que há momentos nos referimos?

Alcibíades – Que queres dizer com isso, Sócrates?

Sócrates – Vou explicar-te o que eu presumo seja o significado desse preceito e o conselho nele implícito. O difícil é encontrar um termo de com paração; parece que só a vista servirá para nosso intento.

Alcibíades – Como assim?

XXVIII

Sócrates – Raciocina comigo. Se nos dirigíssemos aos olhos, como se se tratasse de pessoas, e lhes apresentássemos o preceito. Conhece-te a ti mesmo, de que modo compreenderíamos o conselho? Não seria no sentido de levar os olhos a dirigir-se para algum objeto em que eles pudessem ver a si próprios?

Alcibíades – É claro.

Sócrates – E qual é o objeto em que nos vemos, quando o contemplamos?

Alcibíades – O espelho, Sócrates.

Sócrates – Acertaste. Porém nos olhos com que vemos, não se encontra algo do mesmo estilo?

Alcibíades – Perfeitamente.

Sócrates – Como já deves ter observado, o rosto de quem olha para os olhos de alguém que se lhe defronte, reflete-se no que denominamos pupila, como num espelho a imagem da pessoa que olha.

Alcibíades – É certo.

Sócrates – Assim, quando um olho olha para outro e se fixa na porção mais excelente deste, justamente aquela que vê, ele vê-se a si mesmo?

Alcibíades – É evidente.

Sócrates – Porém não verá a si mesmo, se olhar para qualquer outra parte do homem, ou para onde quer que seja, menos para o que se lhe assemelha.

Alcibíades – É certo.

Sócrates – Logo, se o olho quiser ver a si mesmo, precisará contemplar outro olho e, neste, a porção exata em que reside a virtude do olho, que é propriamente a visão.

Alcibíades – Perfeitamente.

Sócrates – E com relação à alma, meu caro Alcibíades, se ela quiser conhecer-se a si mesma, não precisará também olhar para a alma e, nesta, a porção em que reside a sua virtude específica, a inteligência, ou para o que lhe for semelhante?

Alcibíades – Parece-me que sim, Sócrates.

Sócrates – Haverá, porventura, na alma alguma parte mais divina do que a que se relaciona com o conhecimento e a reflexão?

Alcibíades – Não há.

Sócrates – É a parte da alma que mais se assemelha ao divino; quem a contemplar e estiver em condições de perceber o que nela há de divino, Deus e o pensamento, com muita probabilidade ficará conhecendo a si mesmo.

Alcibíades – É certo.

Sócrates – Sem dúvida, porque os verdadeiros espelhos são mais

claros do que o espelho dos olhos, mais puros e mais brilhantes; do mesmo modo, a divindade da melhor parte de nossa alma é mais pura e mais luminosa.

Alcibíades – É o que parece, Sócrates.

Sócrates – Olhando, portanto, para essa divindade, e usando-a à guisa do melhor espelho das coisas humanas para a conhecimento da virtude da alma, é a maneira mais acertada de nos vermos e reconhecermos a nós mesmos.

Alcibíades – É certo.

XXIX

Sócrates – Mas, se carecermos desse conhecimento de nós mesmos e dessa sabedoria, poderemos conhecer o que nos diz respeito, tanto de bem como de mal?

Alcibíades – Como fora possível, Sócrates?

Sócrates – Parece-te, portanto, impossível que possa alguém que não conheça Alcibíades saber se o que é de Alcibíades é realmente dele.

Alcibíades – Fora de todo impossível, por Zeus!

Sócrates – Nem saber se o que é nosso é nosso mesmo, no caso de não nos conhecermos.

Alcibíades – De forma alguma.

Sócrates – Ora, se não conhecemos o que é nosso, não conheceremos, de igual modo, o que se lhe relaciona.

Alcibíades – Evidentemente.

Sócrates – Sendo assim, há pouco não concluímos com acerto, quando admitimos que uma pessoa pode conhecer as coisas que lhe dizem respeito sem conhecer a si própria, enquanto outras conhecem o que se relaciona com essas coisas. Todos esses conhecimentos parecem ser privilégio de uma só pessoa e de uma única arte, relativamente à própria pessoa, suas coisas e as coisas que dependem destas.

Alcibíades – É certo.

Sócrates – Quem ignora, portanto, as coisas que lhe dizem respeito, não há de conhecer, também, as dos outros.

Alcibíades – É muito certo.

Sócrates – E se não conhece as dos outros, não conhecerá também as da cidade.

Alcibíades – Necessariamente.

Sócrates – Um homem, nessas condições, nunca poderá exercer a política.

Alcibíades – Não, evidentemente.

Sócrates – Nem poderá ser bom economista.

Alcibíades – Não, sem dúvida.

Sócrates – E não sabendo o que faz, de certo cometerá erros?

Alcibíades – Seguramente.

Sócrates – E cometendo erros, não se comportará pessimamente, tanto na vida particular como na pública?

Alcibíades – Como não?

Sócrates – E conduzindo-se desse modo, não será infeliz?

Alcibíades – Muito!

Sócrates – E as pessoas no interesse das quais ele age?

Alcibíades – Também o serão.

Sócrates – Logo, ninguém poderá ser feliz, se não for sábio e bom.

Alcibíades – É certo.

Sócrates – Donde se colhe que os maus são infelizes.

Alcibíades – Muitíssimo.

XXX

Sócrates – Sendo assim, não é ficando rico que evitamos a infelicidade, porém tornando-nos sábios.

Alcibíades – Evidentemente.

Sócrates – As cidades, portanto, para serem felizes, não necessitam nem de muros, nem de trirremes, nem de estaleiros, Alcibíades, nem de população e tamanho, mas de virtude.

Alcibíades – É fato.

Sócrates – Se quiseres, por conseguinte, administrar os negócios da cidade com retidão e nobreza, terás de dar virtude aos cidadãos.

Alcibíades – Sem dúvida.

Sócrates – E poderá alguém dar o que não tem?

Alcibíades – Como fora possível?

Sócrates – Então, primeiro precisarás adquirir virtude, tu ou quem quer que se disponha a governar ou a administrar não só a sua pessoa e seus interesses particulares, como a cidade e as coisas a ela pertinentes:

Alcibíades – Tens razão.

Sócrates – Assim, o que precisas alcançar não é o poder absoluto para fazeres o que bem entenderes contigo ou com a cidade, porém justiça e sabedoria.

Alcibíades – É muito certo.

Sócrates – Se tu e a cidade procederdes com sabedoria e justiça, fareis obra grata à divindade.

Alcibíades – Certamente.

Sócrates – E como dissemos antes, como norma de ação deveis ter sempre em mira o esplendor divino.

Alcibíades – É certo.

Sócrates – Tendo-o, desse modo, diante dos olhos, haveis de ver-vos e conhecer a vós mesmos e vosso próprio bem.

Alcibíades – É certo.

Sócrates – E desse modo procedereis bem e com acerto?

Alcibíades – Sim.

Sócrates – Estou pronto a dar-me como penhor em como, assim procedendo, sereis felizes.

Alcibíades – Penhor valiosíssimo.

Sócrates – E ao contrário: se viverdes com injustiça, com a mira na escuridão sem Deus, vossas ações serão consemelhantes, por vos desconhecerdes a vós mesmos.

Alcibíades – É evidente.

Sócrates – Porque, seja quem for, meu caro Alcibíades, que tenha a possibilidade de fazer o que bem lhe aprouver, se carecer de entendimento, quais serão provavelmente as consequências para o indivíduo ou para a cidade? Por exemplo: no caso de um doente que pudesse fazer o que bem entendesse, porém não tivesse cabeça

de médico e procedesse como tirano sem ninguém ao seu lado para adverti-lo, que aconteceria? Não é muito provável que acabaria por arruinar sua constituição?

Alcibíades – Sem dúvida nenhuma.

Sócrates – E num navio, se algum passageiro tivesse liberdade de proceder a seu bel-prazer, mas sem ser dotado nem da inteligência do piloto nem de sua experiência, já pensaste no que lhe poderia acontecer e aos seus companheiros de viagem?

Alcibíades – É mais do que certo que todos viriam a perder-se.

Sócrates – Do mesmo modo, em qualquer cidade, ou onde quer que haja autoridade e poder absoluto carecentes de virtude, os resultados não serão maiores?

Alcibíades – Fatalmente.

XXXI

Sócrates – Sendo assim, meu precioso Alcibíades, não é a tirania o desejável, nem para ti, nem para a cidade, se almejais ser felizes, porém a virtude.

Alcibíades – Tens razão.

Sócrates – Antes de haver adquirido essa virtude, não é melhor, tanto para a criança como para o homem feito, ser dirigido por superiores, em vez de governar?

Alcibíades – É muito certo.

Sócrates – E o melhor não é também mais bonito?

Alcibíades – Sem dúvida.

Sócrates – E o mais bonito não é mais conveniente? É?

Alcibíades – Como não?

Sócrates – Logo, ao homem inferior, convém servir, por ser isso melhor?

Alcibíades – Sim.

Sócrates – A escravidão é vício.

Alcibíades – Sem dúvida.

Sócrates – E a condição livre, virtude?

Alcibíades – Sim.

Sócrates – Então, amigo, é preciso fugir da condição servil.

Alcibíades – Mais do que tudo, Sócrates.

Sócrates – Adquiriste agora consciência de teu - estado? Consideraste verdadeiramente livre, ou não?

Alcibíades – Penso ter perfeita consciência do que sou.

Sócrates – Nesse caso, sabes como libertar-te do presente estado de

coisas, que me abstenho de definir, em homenagem à tua formosura.

Alcibíades – Sei.

Sócrates – Como é?

Alcibíades – Libertar-me-ei se o quiseres, Sócrates.

Sócrates – Não te expressaste corretamente, Alcibíades.

Alcibíades – Como deverei dizer?

Sócrates – Assim: se Deus quiser.

Alcibíades – Pois que seja; falarei desse modo, com o acréscimo, Sócrates, de que corremos o perigo de trocar os papéis: tu ficarás com o meu e eu ficarei com o teu. A partir de hoje, não haverá possibilidade de evitarmos que eu me torne teu preceptor, e tu passes a ser dirigido por mim.

Sócrates – Ó generoso Alcibíades! Nesse caso, em nada difere da cegonha o meu amor: depois de ter sido criado no teu ninho um amor alado, passa este, por sua vez, a tomar conta dele.

Alcibíades – Será assim mesmo; a partir de agora, passarei a meditar sobre a justiça.

Sócrates – Faço votos para que perseveres nesse intento; contudo, tenho meus receios, não por descrer de tua natureza; é que, considerando a força de nosso povo, temo que eu e tu venhamos a ser dominados por ela.

Alcibíades II

Introdução II

EGUNDO Alcibíades integra, segundo consenso de grande parte dos estudiosos, o grupo dos diálogos de autoria duvidosa, ao lado de Hiparco, Os Rivais, Teágenes, Clitofonte e Minos, todos considerados autênticos pelos antigos e registrados no catálogo de Trasilo. Alguns chegaram a atribui-lo a Xenofonte, pela concordância entre a tese defendida por Sócrates e uma passagem das Memorabilia (I, cap. III, 2); fortes indícios, contudo, mostram a sua vinculação ao estoicismo. (Para o conhecimento da questão dos diálogos platônicos de autoria duvidosa, ver a Introdução de Carlos Alberto Nunes ao Primeiro Alcibíades, Vol. V, págs. 183 e ss., desta edição do Corpus Platonicum). O assunto em discussão é a prece. As súplicas que dirigimos aos deuses devem ser feitas com cuidado, a fim de não pedirmos um grande mal pensando que estamos pedido algum bem (cf. 138b). Essa proposição conduzirá a considerações diversas, das quais é relevante a distinção entre ciência verdadeira (sabedoria) e falsa ciência (mera erudição), alcançando-se através delas o objetivo principal do diálogo: mostrar que nas orações o que realmente conta é o estado da alma (cf. 149e-150a). Embora muitas evidências afastem a atribuição da autoria desse texto a Platão, é inegável que em muitas passagens o espírito do platonismo está presente, inclusive, como nota Diès (Autour de Platon, p. 587), na prece do poeta desconhecido que Sócrates aprova (143a).

I

Sócrates – Vais fazer tuas orações à divindade, Alcibíades?

Alcibíades – Isso mesmo, Sócrates.

Sócrates – Pareces alterado; olhas para baixo, como se estivesses a pensar em alguma coisa.

Alcibíades – Em que poderia pensar, Sócrates?

Sócrates – No que mais importa, Alcibíades, quero crer. Em nome de Zeus, dize-me o seguinte: não achas que os deuses em parte acolhem e em parte rejeitam as súplicas que lhes dirigimos, em público ou em particular, favorecendo algumas pessoas e outras não?

Alcibíades – Penso que sim.

Sócrates – Nesse caso, não te parece que é necessário muito cuidado para ninguém prejudicar-se, e pedir, sem o querer, um grande mal, na suposição de que está pedindo algum bem, no instante preciso em que a divindade se encontra disposta a conceder o que lhe pedem? Pelo menos, é o que contam de Édipo, quando suplicou viessem os filhos a dividir a herança por meio do ferro. Tendo a possibilidade de implorar que afastasse de si os males presentes, pediu se lhe acrescentassem novas desgraças às que tanto o afligiam. Por isso, aconteceu quanto ele desejava, além de consequências de muito maior gravidade, que não precisarei particularizar.

Alcibíades – Mas, Sócrates, referes-te a um louco. Acreditas mesmo que alguém, perfeito em juízo seria capaz de fazer semelhante pedido?

II

Sócrates – Então, consideras a loucura o oposto da sensatez?

Alcibíades – Perfeitamente.

Sócrates – E não achas que tanto há indivíduos insensatos como sensatos?

Alcibíades – Sem dúvida que há.

Sócrates – Ora bem; então vejamos quais sejam. Aceitamos, por conseguinte, que há indivíduos sensatos e indivíduos insensatos, como também há loucos.

Alcibíades – Aceitamos, realmente.

Sócrates – E não haverá pessoas sãs?

Alcibíades – Há.

Sócrates – Como também há doentes?

Alcibíades – Sem dúvida.

Sócrates – Que. não serão as mesmas.

Alcibíades – Decerto que não.

Sócrates – E fora desses dois estados, pode haver mais algum?

Alcibíades – Não há.

Sócrates – Logo, todo homem terá necessariamente de ser doente ou são.

Alcibíades – É assim que eu penso.

Sócrates – E com respeito à sensatez e à insensatez és da mesma opinião?

Alcibíades – Como assim?

Sócrates – És de parecer que todo homem terá de ser sensato ou insensato, ou haverá um estado intermediário, que seria o terceiro, e em que ele não seja nem uma coisa nem outra?

Alcibíades – Com toda a segurança: não.

Sócrates – Nesse caso, ele terá forçosamente de ser uma coisa ou outra?

Alcibíades – É o que me parece.

Sócrates – Mas, já não te lembras de teres dito que a loucura é o oposto da sensatez?

Alcibíades – Lembro-me.

Sócrates – E também que não há um terceiro estado que faça o homem não ser bem sensato nem insensato?

Alcibíades – Sim; foi o que admiti.

Sócrates – Então, de que modo poderia haver dois contrários para

uma única coisa?

Alcibíades – De jeito nenhum.

Sócrates – Por conseguinte, loucura e insensatez viriam a ser a mesma coisa?

Alcibíades – Parece que sim.

III

Sócrates – Nesse caso, Alcibíades, será certo dizer que todos os insensatos são loucos. É o que se verificará, por exemplo, tanto com relação aos moços de tua idade, se houver entre eles, como terá de haver, algum desprovido de senso, como com os mais idosos. Vamos, por Zeus: dize-me se não és de parecer que em nossa cidade são poucos os homens de senso, enquanto não têm conta os que denominamos loucos, os insensatos.

Alcibíades – Sou.

Sócrates – E achas que poderíamos viver alegres na companhia de tantos loucos, sem termos há muito tempo experimentado certos inconvenientes, como sermos batidos ou vergastados, ou sofrido outras violências próprias de loucos? Reflete um pouco, meu caro, se as coisas não se passam de outra maneira?

Alcibíades – Como será, então, Sócrates? É bem possível que me tenha enganado.

Sócrates – É também o que eu penso. Mas, consideremos a questão

do seguinte modo.

Alcibíades – Como será?

Sócrates – Vou dizer-te. Já admitimos que há pessoas doentes, não é isso mesmo?

Alcibíades – Perfeitamente.

Sócrates – E és de parecer que um indivíduo doente terá de ter necessariamente febre, ou sofrer de gota ou de oftalmia? Ou não achas que sem sofrer de nenhum desses incômodos, possa estar doente de outra coisa? Há uma infinidade de doenças; não são essas as únicas.

Alcibíades – É também o que eu penso.

Sócrates – Toda oftalmia não te parece ser doença?

Alcibíades – Sem dúvida.

Sócrates – Porém nem toda doença é oftalmia.

Alcibíades – Não, positivamente. Mas, eu mesmo já não sei o que falo.

Sócrates – Se me concederes atenção, sendo dois a procurar, logo acharemos o caminho.

Alcibíades – Sim, concedo, Sócrates, quanto em mim estiver.

Sócrates – Não concordamos que toda oftalmia é doença, mas que

nem toda doença é oftalmia?

Alcibíades – Concordamos.

Sócrates – E com razão admitimos esse ponto. Como também são doentes todos os febricitantes, porém nem todos os doentes são febricitantes, nem sofrem de gota nem de oftalmia, é o que eu penso. Muito embora todos esses males sejam doenças, é diferente o tratamento de cada um, conforme dizem os indivíduos a que damos o nome de médico. Nem são semelhantes, nem atuam por maneira semelhante, tendo cada doença sua força específica. No entanto, tudo é doença. Do mesmo modo, aceitamos que há grande variedade de artesãos, não é isso mesmo?

Alcibíades – Perfeitamente.

Sócrates – Sapateiros, carpinteiros, escultores e muitos mais, que não vale a pena especificar. Cada um deles exerce determinada profissão; todos são artesãos, porém nem todos são carpinteiros ou sapateiros ou escultores.

Alcibíades – Não, realmente.

Sócrates – O mesmo se observa com a insensatez: aos que a revelem em grau muito acentuado, damos o nome de loucos; os que dela participam um pouco menos, chamamos de tolos ou aluados. Quem se compraz com expressões mais delicadas, tratam-nos de exaltados, simplórios e, também, inocentes, faltos de experiência, e casmurros. Se procurares, encontrarás muitas outras designações. São casos, todos eles, de falta de senso, mas que diferem entre si como uma profissão difere de outra, e uma doença, também, de outra qualquer. Não te parece?

Alcibíades – Estou de inteiro acordo.

IV

Sócrates – Mas voltemos ao ponto inicial da digressão. Dissemos no começo de nossa conversa que era preciso distinguir entre os indivíduos sensatos e os insensatos. Admitimos essas duas classes, não foi isso mesmo?

Alcibíades – Admitimos.

Sócrates – E não consideras sensatos os indivíduos que sabem o que é preciso fazer ou dizer?

Alcibíades – Sem dúvida.

Sócrates – E insensatos? Não serão os que não sabem nem uma coisa nem outra?

Alcibíades – Justamente.

Sócrates – Logo, os que ignoram ambas as coisas, farão ou dirão, sem o querer, o que não devem.

Alcibíades – Exatamente.

Sócrates – Foi entre as pessoas desse tipo, Alcibíades, que eu classifiquei Édipo. Mas no nosso tempo encontrarás muitos indivíduos que, sem estarem encolerizados como ele, pedem males aos deuses pensando que estão pedindo bens. Aquele, como não pedia bens, também não imaginava que os pedisse; porém há quem faça jus-

tamente o contrário. O que eu penso é que serias o primeiro, no caso de aparecer-te a divindade a que vais dirigir tuas orações, e te perguntasse, antes de formulares qualquer pedido, se te contentarias em ser tirano de Atenas e, ao perceber que se te afigurava mesquinha semelhante perspectiva e carecente de valor, acrescentasse: Não, de toda a Hélade; e ao ver que ainda consideravas pouco, a menos que te prometesse toda a Europa, e mais, para não ficar apenas em promessa, no mesmo dia, se assim o desejasses, todo o mundo passaria a saber que Alcibíades, filho de Clínias, se tornara tirano: tenho certeza, digo, de que voltarias radiante de alegria, por haveres alcançado o maior dos bens.

Alcibíades – O que eu acho, Sócrates, é que não há quem não ficasse satisfeito com tamanha sorte.

Sócrates – Mas não havias de querer trocar tua vida pelo domínio de toda a região da Hélade e dos países bárbaros.

Alcibíades – Não, de fato; como haveria de querer, se não pudesse aproveitar-me disso?

Sócrates – Como também não aceitarias semelhante presente, se de sua posse só te adviessem males e prejuízos.

Alcibíades – Sem dúvida.

V

Sócrates – Como vês, não é seguro aceitar sem mais nem menos o que é oferecido, nem pedir algo, se disso resultar algum dano ou mesmo a morte. Poderia mencionar-te muitas pessoas que deseja-

vam a tirania e se esforçaram por alcançá-la, como se ambicionassem algo bom, e que, como decorrência da própria tirania, vieram a perder a vida. Decerto ouviste falar do que aconteceu ontem mesmo, ou anteontem, com Arquelau da Macedônia, morto por seu amásio, cujo amor à tirania não era menor do que o que lhe dedicava o amante, convencido, como estava, o assassino, de que com a morte do amante ele se tornaria tirano e levaria vida feliz. Mas, três ou quatro dias depois de haver alcançado o que almejava, caiu, por sua vez vítima de uma conspiração e perdeu a vida. Ou então observa o que se passa com os nossos concidadãos - do que não temos conhecimento apenas a por ouvir dizer, mas por sermos testemunhas oculares - que ambicionaram postos de comando militar: quantos conseguiram alcançá-los, ou continuam até hoje exilados ou vieram a perder a vida. Os que parecem ter tido melhor sorte, passaram por tantos sustos e perigos, assim na expedição como depois de regressarem para a pátria, onde foram assediados pelos sicofantas por maneira não menos violenta do que o tinham sido pelos inimigos, que alguns desejariam ter sido comandados, em vez de ocupar postos de comando. Se dos perigos e canseiras lhes adviesse alguma vantagem, ainda teriam justificativa Mas é justamente o contrário que se observa. 0 mesmo se dá com as pessoas que fazem promessa para ter filhos: quando se vêem atendidos nesse pedido, caem nas maiores desgraças e sofrimentos, uns, por terem filhos perversos ao extremo, passam a vida em profunda tristeza; outros, depois de alcançarem filhos ótimos e de terem a infelicidade de perdê-los, não são menos desgraçados do que os primeiros e prefeririam ter ficado sem filhos. No entanto, apesar desses exemplos e de muitos outros do mesmo gênero, igualmente ilustrativos, é raríssimo encontrar quem recuse o que se lhe dá ou que, podendo alcançar algo por meio da oração, não formule algum pedido. A maioria dos homens não deixaria de aceitar a d tirania ou comandos militares ou tantas outras coisas

cuja posse é mais prejudicial do que vantajosa; chegariam, mesmo, a fazer votos para obter o que não têm. Mas, pouco tempo depois, alguns mudam de tom, retratam-se do primeiro voto, desejando que não tivesse sido formulado. Daí eu suspeitar que estão muito errados os indivíduos que acusam os deuses de serem causadores de seus infortúnios. São eles mesmos que, por imprudência ou, e digamos, por suas loucuras, contra o destino as dores provocam. Ao que parece, Alcibíades, não faltava bom senso ao nosso poeta, que, ao ver os amigos insensatos, ' como suponho, fazerem e pedirem aos deuses coisas que não lhes seriam de nenhuma vantagem, mas que eles consideravam proveitosas, compôs uma prece para todos em comum, mais ou menos nos seguintes termos: Dá-nos, Zeus máximo, os bens que pedimos e os que silenciamos; porém os males, afasta-os de nós, se os pedirmos às tontas. Para mim, o poeta falou bem e com ponderação. Se tens algo a objetar, não deixes para depois.

VI

Alcibíades – É muito difícil, Sócrates, formular objeção ao que está bem dito. Contudo, ponho-me a refletir na quantidade de males de que a ignorância é causa, quando, como parece, sem o querermos, ela nos leva a praticar o mal e - o que é pior - a pedir aos deuses as maiores desgraças. Ninguém o percebe; pelo contrário: todos se julgam capazes de pedir para si apenas o melhor, não o que é ruim. Um pedido nessas condições assemelha-se mais a maldição.

Sócrates – Porém, meu caro, quem sabe se alguém mais prudente do que eu e tu não diria que fazemos mal em condenar, assim de pronto, a ignorância, sem esclarecermos a que ignorância nos referimos

e ignorância de quê, e também como ela poderá ser um bem para determinadas pessoas e mal para outras.

Alcibíades – Como assim? Em qualquer circunstância, poderá haver alguma coisa que seja melhor ignorar do que conhecer?

Sócrates – Acho que pode; não pensas como eu?

Alcibíades – Não, por Zeus.

Sócrates – Mas, com toda a segurança, não te considero capaz de querer fazer com tua própria mãe o que dizem terem feito com seus pais Orestes e Alcmeão e tantos outros que cometeram crimes idênticos.

Alcibíades – Por Zeus, Sócrates, fala melhor!

Sócrates – Não deves dizer, Alcibíades, Fala melhor, para quem declara que não haverás de querer praticar semelhante ato, mas, de preferência, para quem asseverar o contrário, já que o crime te parece tão horrendo até para ser mencionado. Achas mesmo que se Orestes fosse sensato e soubesse qual seria para ele a melhor maneira de conduzir-se, teria feito o que fez?

Alcibíades – Não, realmente,

Sócrates – Nem ninguém o faria, quero crer.

Alcibíades – Também não.

Sócrates – Ao que parece, portanto, é mal ignorarmos o melhor e não conhecermos o que é melhor.

Alcibíades – Parece que sim.

Sócrates – Mal para ele como para todos?

Alcibíades – Sem dúvida.

VII

Sócrates – Consideremos agora o seguinte caso: suponhamos que te ocorresse de súbito a ideia de que seria grande benefício tomar de um punhal, ir à casa de Péricles, teu tutor e teu amigo, e perguntar se ele lá se encontrava, por tencionares matá-lo e a mais ninguém, e te informassem que ele lá se achava. Não digo que fosses capaz de fazer semelhante coisa; apenas formulo a hipótese de ocorrer-te essa ideia, pois nada impede a quem não conhece o bom, considerar por vezes o pior dos males como o bem em grau superlativo. Ou não achas que seja assim mesmo?

Alcibíades – Perfeitamente.

Sócrates – E se, ao penetrares na casa e à primeira vista não o reconhecesses, por o teres imaginado pessoa diferente, ainda te atreverias a matá-lo?

Alcibíades – Não, por Zeus.

Sócrates – Porque não tinhas intenção de matar quem quer que viesses a encontrar, mas apenas o próprio Péricles, não é isso mesmo?

Alcibíades – Perfeitamente.

Sócrates – Assim, depois de várias tentativas, se nunca reconhecesses Péricles, nunca chegarias a agredi-lo?

Alcibíades – Não, de fato.

Sócrates – E então? És de parecer que Orestes tivesse assassinado a mãe, se não a houvesse reconhecido?

Alcibíades – Creio que não teria.

Sócrates – Não formara o propósito de matar a primeira mulher com que se deparasse, nem a mãe de quem quer que fosse, porém sua própria mãe.

Alcibíades – Exatamente.

Sócrates – Logo, a ignorância é de mais vantagem para os que se encontram com essa disposição e têm semelhantes ideias.

Alcibíades – Sem dúvida.

Sócrates – Como vês, para algumas pessoas, em certas ocasiões, a ignorância de determinadas coisas pode ser um bem, e não um mal como supunhas.

Alcibíades – É o que parece, de fato.

VIII

Sócrates – Há outro caso que, se fosses considerar, talvez te parecesse ainda mais estranho.

Alcibíades – Qual é, Sócrates?

Sócrates – Pode acontecer, por assim dizer, que a posse de todas as ciências, porém sem o conhecimento do bem, raramente seja de vantagem para seu possuidor, e que, na maioria das vezes, prejudique. Estudemos a questão da seguinte maneira: Não te parece inevitável, quando pretendemos fazer ou dizer alguma coisa, imaginar que conhecemos, de fato, ou pensamos conhecer o que estamos tão confiadamente na iminência de fazer ou de dizer?

Alcibíades – Acho que sim.

Sócrates – Seria o caso dos oradores que sabem dar bons conselhos, ou imaginam sabê-lo, quando nos doutrinam sobre a guerra ou a paz, ou a respeito de construção dos muros ou do preparo dos portos. Em resumo: a todas as medidas tomadas por alguma cidade com relação a outra ou com seus próprios assuntos, decorrem exclusivamente dos conselhos dos oradores.

Alcibíades – É certo o que dizes.

Sócrates – Considera agora o seguinte, se me for possível expor meu pensamento. Admites que haja indivíduos sensatos, como também há insensatos?

Alcibíades – Sem dúvida.

Sócrates – E que os insensatos são em maior número, sendo poucos os sensatos?

Alcibíades – Isso mesmo.

Sócrates – E que tens em vista alguma coisa para qualificá-los desse modo?

Alcibíades – Exatamente.

Sócrates – Ao indivíduo que se prontifica a dar conselhos, sem saber nem o que é melhor, nem quando será melhor: esse é que denominas sensato?

Alcibíades – De forma alguma.

Sócrates – Como também não será o que conhece a arte da guerra, porém ignora quando é melhor dar in ício à guerra e por quanto tempo convirá que ela dure.

Alcibíades – Não.

Sócrates – Nem, ainda, o que sabe matar alguém, ou tomar-lhe as propriedades, ou expulsá-lo da terra natal, porém ignora quando e com quem será melhor assim proceder.

Alcibíades – Não, decerto.

Sócrates – Será, então, quem conhecer qualquer dessas coisas e, ao mesmo tempo, dispuser do conhecimento do bem, que se confunde, aliás, com o conhecimento do útil, não é verdade?

Alcibíades – Perfeitamente.

Sócrates – Um indivíduo nessas condições é que designamos como suficiente para aconselhar a cidade e a si mesmo. Quem não for assim, será o contrário disso. Ou como te parece?

Alcibíades – Isso mesmo.

IX

Sócrates – E o indivíduo que entenda de montar a cavalo ou de atirar com arco, ou de luta e pugilato, ou que se distinga em qualquer outra espécie de competição e em tudo o que conhecemos como arte: que nome dás a quem sabe como proceder pelo melhor modo, de acordo com essa arte? O nome cavaleiro não vem da arte de bem cavalgar?

Alcibíades – Vem.

Sócrates – Da arte do pugilato vem pugilista; da auleutrística ou arte de tocar flauta vem flautista, e em tudo o mais pela mesma forma. Ou será de outra maneira?

Alcibíades – Não; é assim mesmo.

Sócrates – Achas, então, que o conhecedor de uma dessas artes forçosamente terá de ser denominado homem sensato? Ou diremos que lhe falta muito para isso?

Alcibíades – Muito, por Zeus.

Sócrates – E como imaginas que seria uma cidade composta de hábeis arqueiros e de tocadores de flauta, e também de atletas e artesãos de toda natureza, de mistura com os a que há pouco nos referimos, os entendidos na arte de guerrear e de matar os outros, e também os oradores inflados de orgulho político, se a todos eles faltasse o conhecimento do bem e nenhum soubesse como a aplicar

essas artes e em benefício de quem?

Alcibíades – Achá-la-ia pessimamente organizada, Sócrates.

Sócrates – É o que dirias, de fato, quando visses a rivalidade de todos contra todos e a importância que cada um atribui, para a vida da cidade, em exceder a si mesmo e valer sempre mais, quero dizer, no que respeita ao melhor desempenho de sua arte, ao passo que em relação ao que é melhor para a cidade e para ele mesmo, comete os piores erros, por confiar, segundo penso, na opinião carecente de inteligência. Sendo assim, não teremos o direito de dizer que uma cidade nessas condições só apresenta anarquia e desordem?

Alcibíades – E com toda a razão o diríamos, por Zeus.

Sócrates – E já não admitimos que é absolutamente necessário imaginar que conhecemos ou que conhecemos de verdade o que nos dispomos a dizer ou realizar?

Alcibíades – Admitimos.

Sócrates – E no caso de alguém fazer o que sabe ou julga saber, e adicionar a isso o conhecimento do útil, não concluiríamos que agiu com vantagem, tanto para a cidade como para si próprio?

Alcibíades – Como não?

Sócrates – Porém quer parecer-me que se fizer o contrário disso, nem ele nem a cidade virão a lucrar coisa alguma.

Alcibíades – Não, de fato.

Sócrates – E então? Continuas a pensar do mesmo modo, ou já mudaste de opinião?

Alcibíades – Não; ainda penso do mesmo modo.

Sócrates – Mas não disseste, também, que a maioria dos homens são insensatos e que são poucas as pessoas de juízo?

Alcibíades – Disse.

Sócrates – Como voltamos a afirmar que a maioria" dos homens erra com relação ao bem, por confiarem, segundo penso, na opinião carecente de inteligência.

Alcibíades – Falamos nisso, realmente.

Sócrates – Sendo assim, é de vantagem para a maioria das pessoas não saber nem imaginar que sabe, sempre que se dispõem a fazer o que sabem ou presumem saber, uma vez que disso lhe advenha mais dano do que lucro.

Alcibíades – É muito certo o que dizes.

X

Sócrates – Como vês, eu tinha razão em afirmar que a posse de qualquer conhecimento desacompanhado do conhecimento do bem, só muito raramente poderá ser útil, e que na maioria das vezes prejudica seu possuidor.

Alcibíades – Se não antes, agora me convenci dessa verdade.

Sócrates – Logo, a cidade e a alma que desejarem viver bem, terão de abraçar firmemente esse conhecimento, à maneira do doente que não desgruda do médico ou do que faz com o piloto quem deseja navegar com segurança. Sem esse conhecimento, quanto mais favorável for o vento da sorte, no que respeita à aquisição de riquezas, força física ou qualquer outra vantagem do mesmo gênero, maiores, ao que parece, terão de ser os erros daí decorrentes. O indivíduo que sabe tudo, como se diz, e domina muitas artes, e que, sendo órfão desse conhecimento, se deixe guiar por qualquer outro, não se verá lançado, como o merece, no maior torvelinho das tempestades, visto se ter arriscado, como imagino, a navegar sem piloto em alto mar, no espaço não muito grande de uma vida? A meu ver, aplicam-se a este caso as palavras do poeta, com referência a certa personagem: Coisas sem fim conhecia, porém muito mal todas elas.

Alcibíades – Mas, como podem, Sócrates, aplicar-se-lhe as palavras do poeta? Não encontro nenhuma relação com o nosso tema.

Sócrates – Pois há muita, até. O certo, amigo, é que o nosso poeta fala por enigmas, como fazem todos, É da própria natureza da poesia ser obscura, razão de não estar ao alcance de todo o mundo. Ora, se com essa peculiaridade for ela cultivada por algum poeta de temperamento invejoso, que em vez de comunicar-nos sua sabedoria, só deseja escondê-la o mais possível, sobe de ponto a dificuldade para alcançarmos o pensamento de cada um deles. Decerto não hás de imaginar que Homero, o mais divino e sábio dos poetas, ignorasse que não é possível conhecer mal as coisas. É ele quem afirma de Margites que conhecia um sum-número de coisas, porém todas mal. Acharemos a solução do enigma, segundo penso, se emprestarmos a "mal"o sentido de "ruim "e pusermos "conhecia"em

lugar de ”conhecer”. Com essas alterações saímos do metro, porém fica o que o poeta queria significar, a saber: que ele conhecia muitas coisas, porém era ruim para ele conhecê-las todas. É fora de dúvida que se era ruim para ele conhecer muitas coisas, é que se tratava de um indivíduo sem préstimo, a estar certa nossa interpretação.

Alcibíades – Penso que está, Sócrates. Dificilmente eu poderia aceitar outra diferente dessa.

Sócrates – Tens razão de pensar assim.

Alcibíades – É também o que me parece.

XI

Sócrates – Mas, prossigamos, por Zeus. Já percebeste, decerto, a natureza e o vulto da dificuldade de que também participas, segundo penso, pois mudas de direção a cada instante, sem um momento de repouso, e o que antes asseveravas com firmeza, agora rejeitas, sem persistires na mesma convicção. Se agora mesmo te aparecesse a divindade a cujo templo te diriges, e, antes de dizeres tua prece, te perguntasse se te contentarias com algumas das coisas a que nos referimos no começo, ou se seria preferível deixar que tu mesmo formulasses o pedido, que julgarias de mais vantagem: aceitar o que ele se prontificava a dar-te ou pedires tu mesmo alguma coisa?

Alcibíades – Pelos deuses, Sócrates; assim de pronto não sei como responder. Mas quer parecer-me que só um segundo Margites pediria alguma coisa. É preciso muito cuidado para não prejudicar-se alguém e pedir males, na suposição de que está pedindo bens, e não ter, como disseste, de mudar de tom pouco depois e desfazer o voto

formulado antes.

Sócrates – E não foi por ser mais sábio do que nós que o poeta a que nos referimos no começo da conversa nos aconselhou a orar aos deuses para nos livrarem de males, ainda mesmo que os peçamos?

Alcibíades – Penso que sim.

Sócrates – Os lacedemônios, também, Alcibíades, ou por admiração ao poeta, ou porque tivessem tido espontaneamente a mesma ideia, costumam orar dessa maneira, tanto em público como em particular, e pedem aos deuses que lhe concedam o bem e o belo. Ninguém os ouve pedir outra coisa. E nem por isso, até ao presente, foram menos felizes do que os demais homens; e se porventura lhes tem acontecido algum revés, não foi por causa daquela maneira de pedir. Pois os deuses têm o poder, segundo penso, tanto de atender a nossas súplicas como dar-nos o contrário do que pedimos.

XII

Porém desejo contar-te uma história que certa vez ouvi de nossos maiores: todas as vezes que surgia dissídio entre os atenienses e os lacedemônios, onde quer que o prélio se travasse, ou fosse no mar ou em terra, nossa cidade era sempre mal sucedida, sem nunca sair vitoriosa. Aborrecidos com o que se passava e sem saberem como encontrar meio de se livrarem daquelas calamidades, decidiram-se os atenienses pelo recurso que se lhes afigurou mais indicado: mandar perguntar a Amão, entre outras coisas, por que motivo os deuses só concediam vitória aos lacedemônios e não a eles, sendo certo, como disseram, que de todos os helenos nós somos os que fazemos os mais frequentes e mais brilhantes sacrifícios, ornamos-lhes os

templos com oferendas como não o faz nenhum outro povo; todos os anos enviamos-lhe as mais solenes e suntuosas procissões e gastamos com o serviço dos deuses mais do que todos os outros helenos reunidos. Ao passo que os lacedemônios, prosseguiram, nunca se preocuparam com essas coisas, e tão pouco caso fazem dos deuses, que chegam a oferecer a todos vítimas estropiadas, e em tudo se mostram mais parcimoniosos do que nós, muito embora não sejam menos ricos, comparados conosco. Depois de assim falarem e de haverem perguntado como precisariam proceder para b se livrarem das calamidades que os afligia, nada lhes respondeu o profeta - evidentemente porque a divindade não o permitia -; porém, chamando para perto o mensageiro, lhe falou: Eis o que Amão responde aos atenienses: diz que prefere o culto discreto dos lacedemônios aos sacrifícios de todos os helenos reunidos. Nada mais acrescentou. Quer parecer-me que por culto discreto entendia a divindade precisamente a maneira de orar, essencial mente diversa da dos demais helenos. Estes, ou c seja quando sacrificam bois com chifres dourados, ou quando adornam seus templos com oferendas, pedem de de tudo, ao acaso, tanto bom como mal. Ouvindo expressões blasfemas, os deuses rejeitam essas procissões e sacrifícios faustosos. Por isso, penso que é preciso muito cuidado e reflexão para saber o que se vai dizer ou deixar de dizer.

XIII

Em Homero encontrarás outras passagens do mesmo tipo. Refere que, ao assentarem o acampamento, os Troianos Logo hecatombes perfeitas aos deuses do Olimpo oferecem, e que subia até ao céu, nas espirais da fumaça o suave odor da gordura. Os eternos, porém, recusaram o sacrifício, que a todos odiosa era Tróia sagrada,

Príamo e assim todo o povo do velho monarca lanceiro, de forma que para eles era inútil oferecer sacrifícios e dádivas, por serem odiados pelos deuses, que, a meu ver, não se deixam dobrar por presentes, à maneira de onzeneiros desonestos. Constitui grande tolice de nossa parte, por conseguinte, imaginar que nesse ponto somos superiores aos lacedemônios. É ideia inconcebível olharem os deuses para oferendas e sacrifícios e não para as almas, por onde vejam quais são justas e piedosas. A estas, segundo penso, é que eles atendem de preferência, e não aos sacrifícios e procissões faustosas, que podem ser organizadas todos os anos sem impedimento, por qualquer indivíduo ou cidade carregada de crimes, tanto contra os deuses como contra seus próprios concidadãos. Mas os deuses não se dobram aos presentes e desprezam tudo isso, como o declaram Amão e o profeta dos deuses. É bem possível, por conseguinte, que tanto entre os deuses como entre os homens de senso a justiça e a sabedoria sejam particularmente estimadas, Ora, os indivíduos sensatos e justos são precisamente os que sabem como falar ou comportar-se com relação aos deuses e aos homens. Pediria agora que me dissesses o que pensas a respeito de tudo isso.

Alcibíades – Eu, Sócrates? Penso exatamente como tu e o deus; nem me ficaria bem discordar dele.

Sócrates – E não te lembras de haveres dito que te encontravas em grande perplexidade, para não acontecer pedires por engano algum mal, pensando que estavas pedindo algo bom?

Alcibíades – Lembro-me.

Sócrates – Como vês, não é muito seguro dirigires à divindade tuas orações, a menos que aconteça recusar ela o sacrifício ao ouvir tua

prece blasfema, se é que não te concedesse coisa muito diferente. A meu parecer, o melhor é ficares quieto; não creio que te resolvas a adotar a prece dos lacedemônios, pois a isso se opõe tua superioridade - é o nome mais delicado que se pode dar à insensatez -. Será forçoso, por conseguinte, esperar até sabermos como devemos tratar os deuses e os homens.

XIV

Alcibíades – Quando chegará esse tempo, Sócrates, e quem vai ser meu professor? Tenho certeza de que será para mim grande prazer conhecer essa pessoa.

Sócrates – É alguém que tem cuidado de ti; porém acho que, assim como Atena dissipou dos olhos de Diomedes a névoa que os turvava, conforme nos conta Homero, para que distinguir facilmente consigas os deuses e os homens, será preciso, também, retirar a caligem que presentemente te recobre a alma, depois do que ficarás em condições de distinguir entre o bem e o mal. Por enquanto, receio que ainda não sejas capaz disso.

Alcibíades – Pois que retire a caligem ou o que bem lhe parecer, porque me declaro disposto a cumprir todas as determinações desse homem - seja ele quem for - contanto que me deixe melhor.

Sócrates – Ele também te vota bastante dedicação.

Alcibíades – Até lá, então, acho melhor adiar o sacrifício.

Sócrates – Parece-me acertada a decisão; é mais seguro isso do que te expores a tão grande perigo.

Alcibíades – E como será, Sócrates? Mas, já que me deste um conselho tão bom, vou cingir-te a fronte com esta coroa. Aos deuses oferecerei outras coroas e tudo o mais que costumamos ofertar-lhes, quando para mim chegar esse dia, o que não há de demorar, caso tal seja do seu agrado.

Sócrates – Aceito o presente, como aceitarei também de muito bom grado tudo o que me quiseres ofertar. Eurípides faz Creonte dizer, quando viu Tirésias com uma coroa na cabeça e soube que a obtivera com sua arte e como primícias dos despojos da guerra: De bom augúrio, disse, considero tua triunfal guirlanda. Como sabes, tempestade violenta nos oprime. Assim, também, considero de bom augúrio a ideia que te ocorreu. Quer parecer-me que a tempestade em que me encontro não é menos violenta do que a de Creonte, e de muito bom grado alcançaria a vitória sobre teus apaixonados.

Adverte-se aos curiosos que esta obra foi composta em tipologia Libertine e Goudy Initialen, em GNU/Linux (CRUX), com os softwares livres LaTeX, Vim e Zathura.